

300

Poeira ✨ ✨ ✨ ✨ de Paris

Por Justino de Montalvão

Com prefacio de Guerra Junqueiro

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA
• • • 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA • • •

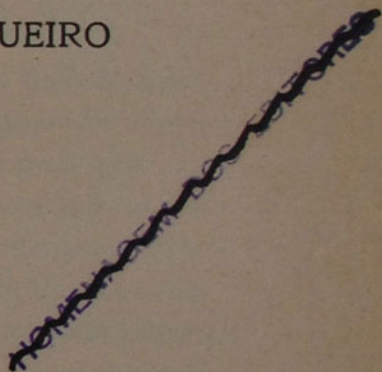
A. Inquena sona.

JUSTINO DE MONTALVÃO

Poeira de Paris

COM PREFACIO DE

GUERRA JUNQUEIRO



LISBOA

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA

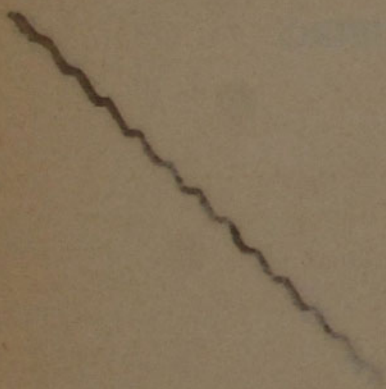
132, Rua do Ouro, 138

Composto e impresso na Typographia do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

1908

1869



Justino de Montalvão

(Auctor dos «Destinos», da «Poeira de Paris» e da «Vida Errante», ainda inédita)

(APONTAMENTOS PARA UM RETRATO)

E' um chistão helenico, um filho de Apolo, baptisado. A alma christã resume-se em caridade, em bondade, em simpatia pela dôr. Quem fraterniza com a dôr, comunga no gremio de Jesus. E', pois, essencialmente christão o bello, o admiravel poeta dos *Destinos*. As lagrimas enternecem-no, as desventuras comovem-no. Abomina o orgulho, a arrogancia, a crueldade, a dureza, a hipocrisia. Ama os humildes e os candidos, os desherdados e as victimas.

Mas o christão perfeito, olhando a terra, vê n'ella um bloco de miserias, d'onde nasce uma cruz. E desposa a dôr imensa da natureza, des-

posa os braços duros do sacrificio. E, gemendo e morrendo na cruz, entra na vida verdadeira, na vida infinita, na absoluta paz, que é o absoluto Amor. Entra em Deos, e em Deos descança para sempre. A dôr é a escada de fogo, que nos conduz á vida-eterna.

Justino de Montalvão detem-se a meia encosta do calvario. A tragedia divina e formidavel abala-lhe a alma, inunda-o de lagrimas, mas não a aguenta, desvaira-o de panico e terror. Foge. Para onde? Para aquelle outeiro verdejante, onde as aves trinam e as agoas murmuram, e onde á sombra dos arvoredos frondosos, polvilhados de oiro, entoam o hino do amor e da existencia, as corolas dos lirios, as bocas das ninfas e as citharas edeniccas dos deuses.

O poeta christão paganisou-se. Venus fez-lhe esquecer Maria, Apolo divorciou-o de Jesus. Tremeu da morte, horrorisou-se da caveira. Pregelmos a vida na cruz voluptuosa dos abraços, haurindo, em vez de fel, o nectar dos beijos e das anforas. A vida não é apenas um val de lagrimas, é tambem um val de ro-

sas e de fructos. Embriaguemo-nos de amor, cravando nos pomos aureos os dentes jocundos e gulosos. O céo fica distante e os caminhos são asperos, eriçados de cardos e de rochas. Vivamos, no esplendor da hora breve, a eternidade muda e tenebrosa. A terra é a certeza clara do infinito obscuro, a realidade divina e palpitante. E' o archipelago de fogo no aceano vago do misterio. Misterio calado, noite religiosa, sonho insondavel. Mergulhemos em Deos, amando a terra, adoremos Deos, exaltando a vida. Olhemos a vida como belleza real, transfigurando-a e sublimando-a em belleza ideal e creadora. A Arte é o culto magico de Deos. A revelação é Poesia, a theologia é Esthetica.

O santo cadaverico, fantasma funebre, amputando o desejo, ignora Deos. O Precursor de Vinci, eis o santo imortal, o S. João heroico da Belleza. D'um fundo negro de misterio, impalpavel e vago, brota o divino archanjo adolescente, cabelleira em aneis, rosto de enigma, olhos de encanto, a dextra audaz, erecta aos abismos do Eterno, e sorrindo... sorrindo á

natureza em flôr, á criação fecunda, ao orbe esplendido, com a manhã da graça e do desejo, na boca ovante e virginal.

No céu de Vinci, indeterminação hermetica e nebulosa, não ha alegorias, nem evidencias. Noite e misterio, duvida e sombra. O archanjo aponta-o, quasi ironicamente, sem temor. Habita-o Deos? Sim. Mas Deos invisivel, indefinivel, Deos Ignoto. E o radioso archanjo, ebrio de força e de harmonia, volta-se para o mundo, para a divindade nupcial da terra clara e criadora. Os seus olhos, de sonho e de certeza, o seu riso, de graça e de victoria, proclamam a divindade terrestre, o milagre da luz, da flôr, do beijo, da canção. O universo é ritmo, a natureza é musica. A Vida é divina, porque é bella.

D'esta religião do Amor, da Vida e da Belleza é o poeta dos *Destinos* um missionario ardente e vagabundo.

Na alma da maioria dos homens grunhe ainda, baixo e voraz, o focinho do porco. O mundo é uma sala de jantar e um quarto de

cama. Diante do milagre das coisas, diante da flôr, do fructo ou da arvore, perguntam apenas: quanto rende? Atravessam a vida, buscando oiro. Outros buscam a fé. Outros, sciencia. Justino de Montalvão nem oiro, nem fé, nem sciencia. Busca harmonia, busca Belleza.

Da luz, do som, da côr, das agoas, das montanhas, das aldeias obscuras ou das cidades fabulosas, dos templos, dos theatros, dos muzeus, dos circos, das arenas, da pompa de todas as magnificencias, dos gritos de todas as tragedias, das lagrimas e do sangue de todas as miserias, da historia ou da anecdota, d'uma religião ou d'uma alcova, d'um lupanar ou d'um sacrario, elle arranca espontaneamente, avidamente, a forma simfonica da Belleza, pela magia unica da Arte.

Os seus cinco sentidos apprehendem a vida, em ritmos de orchestra e de Belleza. E' pintor, esculptor, architecto e musico. Fundem-se na sua prosa todos os circulos da arte, todos os modos de harmonia. A sua lingua é uma creação continua do desejo esthetico. Não busca palavras inertes em dictionarios, mu-

zeus de silabas. Genesiam-se, evolum-se da natureza, da intimidade murmura das coisas. Tem sangue, tem vida, tem azas. Frescas e novas, como tudo o que desponta, rubor de manhã, gomo de verdura, carne de creança. Nas suas paisagens panteistas, que vida entrelaçada, que vida fluida, que vida cosmica! Arvores e rochas, agoa e ar, linhas e sons, lampejos e penumbras, canticos, fremitos, germinações, silencios mortos, conjugam-se e casam-se, embebem-se e embalam-se, em vozes de organ religiosas, d'uma profundidade extatica, sem fim... Oh, o bello, o radiante, o maravilhoso artista!

E este homem, que não é um erudito, olhando o quadro, a estatua, o monumento, adivinha-os, percebe-os n'um relampago. Lê-lhes a alma. E' que a arte, creada na emoção, a emoção a penetra. A ideia, rigida e nua, nem faz a arte, nem a entende. A critica d'arte é emoção viva de belleza. Na arte, sentir é conhecer. Sentir é comprehender com todo o corpo.

Não se ajusta, por inteiro, o meu ideal de

belleza ao do cantor da *Vida Errante*. Na frente do meu Apolo ha um diadema de espinhos, no coração da minha musa ha sete espadas a sangrar. Venus é onda, Maria é estrella. A Voluptuosa é mãe dos homens, a Dolorosa é mãe dos anjos. Ambas deusas, mas uma, carne, a outra, espirito (1).

Eu vejo o céu tão claro, como o cristal ou como a nuvem. Sinto Deos, absorvo Deos, aspiro Deos. O mundo sem Deos converte-se-me em fructo ôco, e as imensidades estrelladas em archipelagos de zeros. Mundos sem fim, zeros sem conta. A infinita grandeza pede a unidade, reclama Deos. Os orbes são divinos, porque nascem de Deos e voltam para Deos. São martires eternos, eternamente escalando os seus calvarios. E só pela infinita dôr chegam a Deos, — infinito Bem, infinita Paz, infinito Amor.

Mas na minha igreja e no meu templo todo o universo está resando. Resa a luz, o ar, a

(1) A virgem-mãe é uma criação do espirito. A sua existencia é ideal, não biologica.

pedra, a agoa, o labio, a flor. A natureza é um credo ascendente, uma oração a Deos evolutiva. Murmurio bruto na montanha, silaba na rosa, cantico em Apolo, idealidade — espirito em Jesus. A oração de Jesus é a mais alta, porque é o hino do Amor cantado pela Dôr, o beijo infinito, humido de sangue, escorrendo lagrimas.

O archanjo de Leonardo aborrece a dôr, ignora o pranto. Exalta a vida musical, a vida heroica, a vida olimpica. Exalta a Belleza, cheia de graça, plena de seiva e juventude. A tristeza amesquinha, o sofrimento deforma. Chorar é pecar. Os golgotas são ulceras ardendo, corroem a face augusta da natureza, envenenam o mundo.

O S. João de Leonardo, arauto de Pan, enviado do Olimpo, é o Homem-Deos da renascença. Acolho-o na minha egreja, mas como santo menor, como theologo imperfeito. Ponto-o á entrada, em logar subalterno, para começo de culto e devoção.

São outros os meus profetas, os evangelistas do Senhor. E' Mantegna, é Angelico, é

Memling, é Puvis... A santa Genoveva de Puvis, eis a flor do Espirito mais candida, que mãos humanas tem criado. Dos pés ao olhar é toda virgem, é toda ella uma oração. Resa com todo o corpo, é toda alma. Unge a natureza, a vida que dorme, a dôr que descança. Abençoa e perdoa, exhala Deos. Oh santa divina, tu és para mim o milagre da Arte, a encarnação suprema da Belleza.

17 de abril de 1908.

GUERRA JUNQUEIRO.

Poeira de Paris

I

O despertar de Paris

Depois da lenta jornada através da Hespanha, que de Burgos aos Pyreneus me deu a impressão imprevisita d'uma paisagem polar, em que a neve das ultimas noites edificasse, sob o ceu cinzento, architecturas de feéria, maravilhosamente brancas, como n'um conto das *Mil e uma noites* — a minha unica aspiração, ao descer na gare do Quai d'Orsay, era encontrar um d'estes leitos civilisados de França, em cuja suave mollesa o corpo mergulha deliciado como n'um banho tépido.

Incontaveis foram as horas do somno em que me abysmei; assim, as minhas primeiras notas de chronista datam do momento em que, no silencio, a distancia, não sei em que relógio de igreja da vasta cidade adormecida, de repente ouvi, através d'essa penumbra semilucida do cerebro em que as idéas pairam como os atomos de poeira n'um raio de sol, as quatro horas da minha primeira madrugada parisiense.

Nenhuma claridade coavam ainda as cortinas da minha janella, que abre sobre o boulevard de Clichy, em pleno coração bohemio de Paris, onde, logo que as velas illuminadas do Moulin Rouge começam a girar, as ruas, como veias, carreiam todo o sangue estuante do prazer, da alegria, do vicio e da belleza, toda a vida

febril, cynica, gloriosa, hysterica, galante e perversa de Montmartre; da *butte sacrée* onde outr'ora se erguia o templo votivo de Marte e hoje sóbe a cupula romano-byzantina do Sacré-Cœur; da collina illustre onde se accendeu o rastilho do incendio da Communa, que illuminou o mundo, e sobre a qual arderá sempre a Luz legendaria que tem a um tempo reflexos d'astro e de *punch*, e cuja irradiação eternamente attrairá n'uma deslumbrada ancia de sonho e de desejo, como a uma Lourdes profana, milhares de romeiros de toda a terra, animados pelo cego ardor da mesma fé pagã.

Durante o somno de monstro saciado em que depois de cada noite de orgia Paris repousa, passam-me na memoria paginas vivas de Lorrain, o observador requintado dos *bàs-fonds*, dos *cabarets* decadentes, dos *ateliers* bizarros, das perversidades mundanas, com o seu travor acido de picante modernismo e o seu relento morbido de podridão elegante; aspectos nocturnos e dolorosos de Mirbeau, em cuja prosa convulsa vibram todos os amargos sarcasmos d'uma alma de revoltado neurastenico; paginas lyricas de Catulle Mendés, esse Ovidio neo-pagão da arte de amar contemporanea; canções drolaticas de Yvette Guilbert e de Bruant, que são a espuma irisada da lama de Paris; carvões impressivos de Rafaelli, de Steinlein e de Wilette; versos esparsos de Beaudelaire e de Verlaine; figuras, quadros, restos de leituras, visões entrevistas e sonhadas quando, lá ao longe, na pacatez dormente do meu ermiterio de Leça, junto ao Mar, eu evocava anciosamente toda esta complexa existencia, feita de febre, d'arte, de frivolidade, de luxo e de desgraça, que, dentro em pouco, fará palpitar a minha curiosidade como um espectaculo sempre imprevisto, n'este scenario immenso

em que o povo mais original da terra, cada dia, cada hora representa tragedias tão intensas como as de Shakespeare e comédias tão picarescas como as de Molière.

Quatro horas e meia da manhã...

N'este estado de *rêverie* sonnambula, que não é já o somno e não é ainda o acordar, o meu espirito attento procura absorver todos os ruidos, todos os frémitos, todos os susurros vagos, todas as vozes inarticuladas do prologo do drama inédito que Paris, dramaturgo incomparavel, hoje vae offerecer á minha imaginação impaciente de espectador recém-chegado — porque a vida, para todos nós os que queremos interpretal-a e exprimil-a n'uma chronica ou n'um poema, não é senão a serie de sensações e de emoções que a Realidade nos suggere.

E é, primeiro, no silencio da hora matinal, sobre o asphalto do *trottoir*, o ruido rapido, furtivo d'um passo de mulher que logo me evoca, tão viva como se a visse desenhada pelo lapis flagrante de Steinlein, a harmoniosa graça com que as parisienses arregaçam, ao andar, sobre o verniz luzente das botinas esguias, a espuma em flocos dos *dessous* de seda e rendas.

E, sem a vêr, desenho no espirito a silhueta da desconhecida, com um velho chapéu de plumas sobre os cabellos desfrizados, toda arroxeadada de frio e tão dolorosamente grotesca como uma boneca mal pintada, na lividez tristê da madrugada glacial e chuvequenta; — uma pobre figura delida de *trottinette* que, não ha muitas horas ainda, no esplendor facticio do seu vestido decotado, á luz colorida das lampadas do Moulin de la Galette ou do Elysée Montmartre, devia apparentar vinte annos, e agora, depois da dura insomnia, deve bem revelar os cincoenta — que são, na realidade, a au-

thentica edade que quasi todas essas flores da noite, emurchecidas á luz do gaz, patenteiam de manhã ao snobismo dos estrangeiros ricos.

Rapidamente, os passos da desconhecida approximam-se, no socego da alvorada, passam debaixo da minha janella, afastam-se; e até se perderem ao longe no boulevard deserto, ponho-me a pensar no tragico destino d'estas sacerdotisas do Riso para quem o envelhecer é a mais lugubre das humilhações.

Escusado dizer d'onde vem, a esta hora; mas para onde vae? A caminho, decerto, do seu pobre *garni* n'algum sexto andar d'um d'esses dramaticos casarões do velho Montmartre, onde a espera o bebé escrofuloso a quem arranjou, á custa de que inconfessavel preço, um leite tão falsificado como a côr chimica dos seus cabellos... Ahí está o que eu escreveria romanescamente, se estivessem ainda em moda as lamechisses patheticas dos meus camaradas de 1830 e dos tempos sentimentaes e redemptoristas da Fantina dos *Miseraveis*.

E eis que, lá ao longe, um agudo grito, panico, estrangulado, me transe os nervos — ainda mais sinistro no silencio desta hora em que sou talvez eu o unico a ouvir-o, sem poder socorrer aquella que o solta, n'alguma dessas embuscadas de *apaches* que todos os dias enchem os jornaes de espanto, e que tornam certos recantos de Paris mais perigosos do que as florestas melodramaticas de Fontainebleau e de Marly, tão celebradas nos folhetins de mr. de Montepin.

Por um grande espaço, de novo o silencio corre sem abalos, e embebido na doce calentura do meu leite, em vão fico de ouvido á escuta, á espera de apprehender algum vago rumor d'este preguiçoso Paris que tanto tarda em acordar...

Cinco horas...

O rodar da primeira carroça na calçada, a caminho do mercado, d'alguma das *halles* monumentaes como templos da Gula, que Zola pintou, com toda a sua pompa de coloridos, a prodigiosa abundancia das suas carnes sangrentas, das suas hortaliças verdes, das suas victualhas pantagruélicas, nas paginas planturosas do *Ventre de Paris*.

Subito, um cão vagabundo aboia, extranhamente, como n'uma quinta, na paz matinal dos campos.

Depois, ao bater pesado e sonoro das patas do grande cavallo normando no macadam de madeira, um coupé roda, conduzindo algum *noceur* retardatario, que eu imagino adormecido ao fundo, a cabeça baça decaida no peitilho amolachado, os cabellos despenteados sobre os olhos, recolhendo depois d'uma d'essas noites que envelhecem mais do que annos, e das quaes se traz, na bocca e na alma, todo o fel das decepções caras.

Cinco horas e meia...

Um automovel busina, muge, foge. O timbre estridulo do primeiro tramway, trotes lentos de cavallos, o arrastar dos carros de ferragens, por todos os lados, affluindo de todos os faubourgs, invadindo as grandes arterias dos boulevards, espalhando o seu tumulto echoante e crescente por todas as ruas da Cidade enorme, que emfim definitivamente desperta; multidão confusa e dispersa de ruidos convergentes, lembrando o resoar d'uma concha marinha monstruosa que applicasse ao ouvido e me dêsse a sensação d'um Oceano longinquo.

Cinco horas e meia. Seis horas... Já uma dubia claridade se filtra pelas cortinas, vaga como o olhar d'um estroina que desperta.

E nesta vibração immensa, que é como a symphonia wagneriana do despertar de Paris, fundem-se agora todos os ruidos das portas e janellas que se abrem, dos taipaes de zinco que se correm nas montras das lojas, o bater metalico dos pregos que caem no passeio, o echo dos passos, o rolar dos carros dos *marchands des quatre saisons*, o tilintar das guizeiras dos cavallos e das vasilhas dos leiteiros, os pregões dos vendedores de jornaes e de fructas...

E batem as sete horas quando me chega por fim aos ouvidos, num claro rythmo melodico e cantante este lindo pregão duma florista:

— *Voilà les belles violettes qui embaument! Fleurissez-vous, Mesdames!...*

E é como se Paris me dêsse, ao acordar, toda a suggestão da sua alma voluptuosa na musica desta voz de encanto em que as parisienses põem tanta doçura e graça como n'uma caricia avelludada, n'um beijo aflo-rante...

II

O Carnaval e o Feminismo

Bem quereria eu, na chronica d'esta semana que finda, engrinaldar de serpentinas alegres a minha prosa, para lhes descrever com girandolas d'imagens e cabriolas archi-doidas d'adjectivos, travestidos de clowns guisalhantes, o Carnaval de Paris. Mas, por mais que o procurei desde a Madeleine á Bastille, ao longo dos grandes boulevards onde milhares de curiosos como eu o procuravam — não consegui descobri-lo, n'esses tres dias que o bom Almanach, com uma paciencia verdadeiramente christã, continua a consagrar a uma festa tão escandalosamente profana.

Retido, talvez, nas margens floridas do seu Mediterraneo bem-amado, a enfeitar com pompa o Carnaval millionario de Nice, esse decorador incomparavel que é o Sol mal se dignou conceder ao de Paris uns fugidios, desdenhosos raios, tão desbotados como se tivessem já servido no do anno passado. Assim, esse espectáculo famoso da Folia parisiense, em que eu esperava embriagar os meus olhos de colorista, fahou este anno lamentavelmente; e, sob a chuvinha pegajosa que quasi sem descontinuar caiu d'um velho ceu de papelão molhado, o Boulevard de modo algum me evocou a doida kermesse dos carnavaes d'outr'ora em que atravez do

Paris em festa, todo embandeirado de serpentinas e palpitante d'uma geada multicôr de *confetti*, um enorme boi, gordo e grave como o boi Apis, com a lyra das longas hastes enfeitada de flores e fitas, triumphalmente passeava entre as acclamações da turba jovial, como nos cortejos luminosos do Paganismo.

Foi talvez por esta falta d'El-rei Sol, a cuja appareição tudo se transfigura n'um magico esplendor d'oiro, que a densa *foule* ondeando, na luz baça, entre as fachadas rutilantes de cartazes e de montras, apresentava aquelle ar taciturno e murcho dos espectadores que, tendo pago o seu bilhete, na expectativa alegre d'uma bella peça muito reclamada, assistissem, desapontados, a uma grande estopada. Ou forçoso é confessar que o Carnaval mudou de data, e que este velho communista de Paris, sempre em revolta contra o Existente, n'uma das caprichosas alterações do Calendario, a que o acostumaram os philosophos de 93, o passou para a Quaresma; e é agora ao som dos sinos funebres do Catholicismo que as cabeças das *parigotes*, em vez de se cobrirem de cinzas, se polvilham de *confetti*.

Do tradicional Entrudo, de facto, apenas restam os bailes turbulentos do Moulin de la Galette, onde as *gigolettes* e os seus *marlous*, até de madrugada perneiam desenfreadamente, n'um *chahut* de demolir os rins mais elasticos. Das ruas, todos os cortejos e mascaradas desapareceram, com os classicos *chicards* e os arrogantes mosqueteiros; e, para lhe dar o ultimo golpe, uma circular prefeitorial acabou de vez com os delirantes combates de serpentinas que tão pittoresco aspecto davam ás perspectivas dos boulevards, transformando os balcões em ninhos pluricores, e em pomares de

feéria as arvores, reflorindo n'uma miraculosa primavera ephemera.

Tal é, no entanto a influencia do habito que, apesar de saber que a Mi-Carême substituiu o Carnaval, a multidão continua a affluir nos tres dias tradicionaes aos boulevards onde os *camelots*, continuam a lançar, como outr'ora, n'uma vozeria rouca de gramophones, o seu pregão inutil :

— *Voilà le véritable kilo!*

Sobre a turba lenta, de facto, uma poeira colorida de *confetti* aqui e além fluctua, salpicando d'uma geada irreal os chapéus e as voilettes, as caras sorridentes. Mas só o estrangeiro desprevenido poderia illudir-se — pois os unicos que os jogam são os proprios vendedores — e as creanças. Ah! estas são, na verdade as unicas que se divertem e dão ainda uma nota alegre e viva de côr, com as manchas imprevistas dos seus travestis de zuavos, de japonezes, de pastorinhas de Watteau, de marquezinhos d'opereta, polvilhados e preciosos, como n'uma côrte minuscula dos contos de Perrault, a que as mães fizessem um sequito luminoso de sorrisos.

Na compacta massa escura, só ellas attraem o olhar e delicadamente revelam a fantasia, a elegancia incomparavel das parisienses, cujo sortilegio supremo todos os poetas têm cantado, sem poder, no rythmo do mais subtil dos versos, exprimir-lhe o encanto feito de fragilidade e d'artificio, que importa!... mas que mais que a mesma belleza domina e prende; pois ainda a mais feia, maquilhada com a graça de que só ellas guardam o segredo, e moldada n'um d'esses *costumes-tailleur* de Paquin ou de Rødfern, que são verdadeiras obras primas da Moda, nos faria olhar com desdem a propria

Venus Amphitrite, rainha do Olympo, se ella nos apparecesse entrapada n'um odioso vestido de setim verde-gaio e com um velho casquete de plumas rôxas sobre a messe d'oiro dos cabellos divinos.

Ao longo do boulevard, sinuando com curvilíneos gestos e esse fulgor mais vivo que lhe arde no olhar, ao sentírem-se envoltas de desejos, como ellas passam, sem um instante desmancharem o poema complicado e heraldico das suas attitudes, atravez da multidão plebeia!

E, n'este Carnaval do Boulevard em que todas as classes sociaes se misturam e acotovelam, o que sobretudo me maravilha é a ordem, a polidez inalteravel d'este povo parisiense que é, depois do japonês, o mais bem educado da terra. Entre essa turba que se comprime e apinha desde a rua Royale á praça da Bastille, nem uma disputa, nem um empurrão, nem uma bofetada. A uma linda mulher que ia pelo braço d'um cavalheiro de bigodes marciaes, vi eu, em frente do Café de la Paix, dois jovens hespanhoes — pois são sobretudo os estrangeiros que mais procuram divertir-se — com aquelle desplante peculiar da raça toureira, metterem-lhe, um pela bôcca, outro pelo pescoço, punhados de confetti innumeraveis. Terminado este galante divertimento, que durou alguns minutos, o digno Hercules cofiou o bigode gaulez, tirou amavelmente o seu chapéu de côco, e sorrindo com bonhomia, murmurou:

— *Merci!*

E lembrei-me de que se fosse no Chiado ou na Praça Nova, aquelles dois jóviaes castelhanos teriam, por muito menos, os narizes esborrachados com um d'esses murros heroicos que triumphalmente affirmam os direitos do homem em Portugal,

Mas n'esta archi-civilisada França, os vocabulos que constantemente chocam os ouvidos surprehendidos do estrangeiro, são: *Pardon! Merci!*... A todo o momento e a todo o proposito, o parisiense os repete, como um *refrain* já machinal. Pede-se perdão por ser empurrado. Agradece-se, sorrindo affavelmente, por ter tido um calo pisado por uma bota apressada.

Assim, em nenhuma outra cidade a Mulher tem, como n'esta, a doce facilidade de poder circular, livremente e sosinha, até ás horas mais equivocas da noite, sem precisar de ser guardada por um austero bengalão vigilante. E tambem, a não ser talvez na livre America do Norte, em nenhum outro paiz como n'este, o homem se apaga e se curva, com tão docil submissão, aos mais excentricos e levianos caprichos da sua gracil companheira.

Em pleno boulevard notei eu, na terça-feira gorda, este episodio documental que offereço, como um exemplo modelar, ás campeãs do feminismo em Portugal:— Emquanto Madame, uma loura esguia e picante, d'olhos verdes como as sereias da Odyssea, jogava alegremente confetti com um bando de estudantes de boinas estroinas sobre as cabelleiras bohemias, o marido, refugiado n'um portal, todo curvado sobre o bébé anemico que conduzia n'um carrinho, tirava do bolso da sobrecaçaca um «biberon» e dava-lhe de mamar —maternalmente...

*
* * *

Mas não é com ironias e epigrammas, como nos *vau-devilles*, que devemos referir-nos á parisiense, se quizermos ser justos. Nada mais falso do que a ideia tão li-

geiramente espalhada de que n'ella só existe coquette-rie e frivolidade. Nada mais erroneo, com effeito! Ao lado da *demi-mondaine*, da flor galante que tão depressa emmurchece á luz crua dos *cabarets* do Paris nocturno, ha a *ménagère* incomparavel que faz de cada pequeno interior humilde um sacrario de paz domestica; ha a parisiense tão exemplarmente honesta a que todos nós, estrangeiros, temos de render o mais enternecido culto; ha as modestas raparigas do povo e da pequena burguesia que, sem se deixar tentar pelo luxo e pelas mil seducções desta existencia estonteante da cidade do Prazer, ganham corajosamente a vida, luctando e trabalhando como um homem, e que formam essa numerosa legião de caixeiras, de modistas, de empregadas do Estado e de companhias particulares, de pintoras, de musicas, de professoras que gloriosamente affirmam as qualidades admiraveis da Mulher franceza.

E, se nos não deixarmos arrastar pela opinião — infundada como todas as opiniões correntes — de que as francezas são essencialmente levianas, frivolas e perversas, convencer-nos-hemos, ao contrario, de que ellas são, na sua maioria, bem dignas do nosso respeito e da nossa admiração.

Considerada sempre inferior ao homem, como um monstrosinho gracil e futil, dominando apenas pelo encanto do sorriso e pelo sortilegio da volupia, incapaz de abnegação e de virtude sinceras — a Mulher era até ha poucos annos banida de toda a communhão num ideal de progresso.

Em vão Michelet, ao divinizar-lhe a fragilidade de flor humana, proclamou a sua missão sagrada de esposa e de mãe, nestes dois poemas votivos: *A Mulher*

e *O Amor*. A sentença do pessimista allemão contra o sexo que denominou *sexus sequior* prevaleceu, emquanto o movimento feminista, hoje tão consideravel em França, não veio demonstrar as suas faculdades extraordinarias de lucta, de tenacidade e de acção.

Quanto mais não faça, a evolução enorme do feminismo nos ultimos annos obriga-nos a reflectir sobre a condição presente e sobre o destino social da Mulher.

Todas as carreiras, até aqui reservadas ao homem, estão hoje abertas, na França, á actividade feminina. As vantagens resultantes da sua intervenção no ensino, na arte, nas industrias e nas sciencias, são incontestaveis.

Chegamos a uma época de transição em que não é já permittido acolher as suas justas reivindicações com o desdenhoso encolher d'hombros da nossa indiferença ou com o injurioso sorriso do nosso orgulho egoista, continuando a consideral-a, como Shopenhauer, um ser que fem os cabellos compridos e as ideias curtas.

A despeito das ironias picantes dos *vaudevillistas*, ellas têm conquistado gradualmente em França uma influencia enorme na sua lucta pela emancipação definitiva. E cada vez mais, pela acção constante e pelo progressivo desenvolvimento das suas faculdades, ellas se vão libertando da servidão secular e convertendo, de antigas escravas das civilisações polygamicas, nas associadas actuaes do homem.

A mulher e o homem são duas metades d'um todo, que devem unir-se pelo amor. Da associação completa do esforço dos dois sexos resultará um equilibrio perfeito, uma harmonia plena de pensamento e de sentimento, uma sociedade mais forte e progressiva.

O que os separa ainda é só a falta de communidade de interesses e de ideias. Logo que se conciliem, a actividade social será mais ampla. Logo que, pela igualdade de direitos e pela consciencia dos seus deveres para comsigo e para com os outros a Mulher, em cada paiz, se tornar autonoma — deixará de ser o manequim de luxo e o instrumento de prazer que é ainda hoje, em muitos, para se transformar n'um elemento fecundo de progresso.

Diminuirá por isso o seu prestigio? Não. Tornar-se-ha ainda mais poderoso — porque á seducção da graça se juntará o encanto da intelligencia. Provam-no bem luminosamente estas parisienses, que, como collaboradoras dos maridos, na arte, na litteratura, na sciencia, são as mais vivas glorias da civilização franceza.

Matriz sagrada da vida, imagem veneravel e sublime da natureza, a Mulher é a alegria, a belleza, a harmonia do mundo, que só d'ella e por ella vive. Em si reside toda a graça e toda a poesia — elementos fecundos sem os quaes a vida seria impossivel. E' pelo culto da Mulher que o homem se exalta ás concepções transcendententes da arte. Centro de toda a emoção, inspiradora incomparavel, na aridez das nossas almas sombrias ella faz brotar a flôr divina do sonho. Da sua fragilidade angelica, vem a nossa força. Reanima-nos na fadiga, consola-nos na desgraça, alenta-nos na duvida. Luz do lar, chamma da fé, altar de pureza, o seu destino na terra é amar e dar a vida — esposa e mãe. A sensibilidade, a subtileza, a intuição nativas que a caracterizam, reservam-lhe uma alta missão: a de educadora suprema — fazendo de cada filho o homem livre d'amanhã.

Seja a canção com que embalaes os berços, ó mães!
o hymno triumphal dos seculos futuros...

... Taes são as impressões que me suggeriu a interessantissima conferencia sobre o Feminismo que, á falta do carnaval que, como lhes contei, não consegui descobrir, constituiu para a minha curiosidade o acontecimento de mais viva actualidade desta semana.

Sempre original em tudo, só este delicioso Paris, poderia realmente fazer juntar na mesma chronica, estas duas coisas tão contradictorias: — o Carnaval e o Feminismo.

III

Liberté! . . .

O acontecimento saliente da semana foi a queda inesperada do ministerio Rouvier, por causa dos incidentes sangrentos a que deu lugar, n'uma vaga e remota communa do Norte, a applicação da lei de Separação da Egreja e do Estado.

E ante este facto a Chronica — que é a philosophia dolorosa ou risonha do noticiario — mais uma vez tem de notar a anomalia paradoxal deste povo singular, que sendo de toda a terra o mais levemente sceptico e insubmisso, é ao mesmo tempo o mais burguezmente conservador e tradicionalista. Se uma manhã, no alto d'uma barricada, entre o fumo heroico de polvora, acorda gritando: «Viva a Communa!» — no dia seguinte, inesperadamente, mas com o mesmo impulsivo ardôr, bradará, deante do Elyseu ou das Tuilleries: «Viva a Ordem!» A voz gloriosa que tem proclamado as mais nobres verdades é a mesma voz servil que apupou Zola — por as ter defendido. E a multidão delirante que acclamou o *brav' general* Boulanger, para tão depressa o esquecer, é ainda e será sempre a mesma multidão cega que tanta facilidade põe em erguer estatuas como em arrazal-as; que tão convictamente é capaz de se bater por uma nova utopia, como por uma velha men-

tira — prompta a apaixonar-se hoje até ao sacrificio por tudo quanto que lhe fale ao coração, e prompta a rir-se amanhã até ao cynismo por tudo quanto lhe fale aos sentidos.

Folhear a Historia de Paris é habituar o espirito aos mais imprevistos contrastes, e colher, a cada pagina, essa ironia tão amada de Voltaire e de Renan, que existe sempre no fundo das suas tragedias mais violentas. Abram qualquer destes curiosos jornaes de Paris — que desde o artigo de fundo até ao ultimo annuncio são o resumo vivo da sua historia contemporanea e a confissão palpitante da sua consciencia contradictoria e diversa. Ao lado uma da outra, acotovelando-se na mesma columna, uma noticia sobre o movimento antimilitarista, proclamando os mais avançados ideaes libertarios — e um *compte-rendu* da ultima manifestação, em que centenaes de fieis, em plena praça da Madeleine, ao pé do Boulevard e da sua *blague*, ajoelham de mãos erguidas, entoando canticos á Virgem, como nos bons tempos devotos de S. Luiz, rei de França.

Depois de estabelecida a lei da Separação, os catholicos, que no intimo continuam sendo monarchicos, cortaram definitivamente as suas relações com a Republica — e como já não podem lutar contra ella nas ruas, levantam barricadas no interior das egrejas que consideram como a propriedade exclusiva deste senhorio — Nosso Senhor Jesus Christo.

Snobs, ou sinceros?... Na longa lista de janotas condemnados em policia correccional, por occasião dos ultimos tumultos, e cujos retratos as revistas mundanas têm publicado, creio bem que raros são os que não procedessem por snobismo, e que, ao ser empurra-

dos por dois agentes brutaes, não pensassem com jactancia no que d'elles diria, seduzida, alguma d'essas condessinhas cuja psychologia equivoca Marcel Prevost nos revelou nas *Demi Vierges*. A sinceridade, a rude e expontanea sinceridade da fé, não anima por certo estes elegantes devotos de Paris, mas essa massa ignorante e anonyma dos departamentos, que brandindo as fouces e aos gritos acorre em tumulto á porta do lar do seu Deus, para o defender contra os sacrilegios do Fisco, e onde, como um jornal referiu, as proprias mulheres, esgrimindo os alfinetes dos chapéos, em attitudes de guerrilheiras do Catholicismo, fizeram recuar os impios. E' esta massa obscura das aldeias da Bretanha e das Cevennes, que o padre, com o seu tacto subtil e a sua perspicacia incomparavel, mantem por meio d'uma activa propaganda occulta, n'uma excitação permanente, sem receio de que a sua influencia seja abalada por transitorias medidas governativas — pois muito bem sabe elle que, apezar de todos os inventarios, as Egrejas continuarão sempre cheias, emquanto nas almas rudimentares se não estancar essa sêde de *au-de-là*, para a qual as religiões são inesgotaveis fontes.

Em vão a Republica lhes diz: «Separando-me de vós, não vos nego a liberdade de exercer o vosso commercio espiritual; apenas ficarei considerando d'ora avante os vossos direitos como identicos aos dos fornecedores d'outros cultos!»

Mas como não ha peores surdos do que os que não querem ouvir, os clericaes continuam protestando, em altos brados:

— Liberdade! Liberdade!

Em França, (como de resto em Portugal e em toda

a parte) é este velho vocabulo tão gasto que os adversariõs mais hostis, bracejando, roucos, mutuamente se arremeçam, em todas as suas luctas de principios ou d'interesses, como um desafio monotono.

— Liberdade! gritam os radicaes.

— Liberdade! respondem os reaccionarios.

E, no fundo, tanto uns como os outros perfeitamente sabem que este substantivo desacreditado e sem sentido — que tanto sangue inutil tem feito correr pelo mundo e que já ha seculos fazia sorrir com sceptica ironia aquelle sociologo admiravel que se chamava Machiavelo — não passa hoje d'uma banal e misera pélla, cheia de vento, que os partidos vão jogando sem fim, n'este pim-pam-pum jovial da Politica.

*

* *

Justamente na vespera do dia memoravel em que esta mesma pélla derrubava o primeiro manequim... perdão! o primeiro ministro, Mr. Rouvier — cujo imperdoavel erro politico foi querer contentar ao mesmo tempo toda a gente — descia eu d'um taximetro em frente do Etoile-Palace, quando um tumulto d'apupos, d'assobios, de gritos, me fez parar, interessado.

A' luz violacea das ampolas electricas, na perspectiva nocturna da avenida des Ternes, sob a viva rutillação escarlata e branca das taboetas reclames dos restaurants e dos *bars*, uma turba vociferante agitava-se, ondulava sombriamente, em vagas inquietas de revolta. Mas aquella multidão rumorosa não tinha a apparencia classica, o aspecto esfarrapado, livido, pathetico e violento das revoltas populares. Em vez de arvorar o es-

tandarte vermelho e os chuços da scenographia revolucionaria, aquelles amotinados brandiam no ar os seus guarda-chuvas. Todas aquellas cabeças rubras ou pallidas de colera, cujas bocas virulentas uivavam e silvavam, traziam chapéos altos de *chez Léon*, ou os ultimos modelos de quinze luizes de *chez Viro*t. E aquellas mãos d'ameaça e de protesto gesticulando na noite, estavam todas correctamente enluvadas.

A espaços, movimentos d'onda encapelada revolviavam aquella turba sombria, e a passo acelerado, grupos de *sergents de ville* conduziam, presos pela gola das sobre-casacas, como podengos de luxo, cavalheiros muito lividos, mas cheios de linha, com ares de martyres bem educados.

E ante esses neo-christãos, victimas das ordens crueis deste Nero contemporaneo que se chama Mr. Lepine, chefe da policia de Paris, aquella chusma elegante tirava os seus chapéos altos, apostrophava os agentes impassiveis, n'um escarceu de furia devota.

A' passagem d'um loiro *dandy* de monoculo, com o alto collarinho meio arrancado, e que dois *sergents* levavam quasi desmaiado nos braços legaes, uma dama gorda e toda de negro, com uma rica *fourrure* de gibelina, avançou n'uma attitude de Réjane, e com os bellos olhos pintados a luzir de indignação, cacarejou n'uma voz estridula d'arara :

— *Liberté ! Liberté !*

E, sobre a confusa vozeria a palavra dominante, que todas as bocas roucas repetiam, era esta :

— *Liberté ! Liberté !*

Um velho, de modos polidos, informou-me então de que aquelles moços tão insinuantes eram conduzidos á *boite*, por se terem manifestado contra os inventarios

das Egrejas, n'uma conferencia presidida por não sei que Monsenhor cardeal, e, depois de me declarar que a pobre França estava sendo odiosamente estrangulada por um governo de *pignoufs*, entrou ao meu lado na platéa do Etoile-Palace, quasi vasia, apesar do espectáculo ter já começado ha muito.

Mas não tinha decorrido meia hora, comecei a notar, com surpresa, que as frisas, uma a uma, iam sendo todas occupadas; e o meu espanto augmentou ainda ao observar que a gente que as enchia era a mesma que, pouco antes, no *boulevard*, tão indignamente apostrophava a Ordem e o Estado.

Risonho, deliciado, contente, aquelle publico mundano fazia agora uma ovação a uma cançonetista escandalosamente maquilhada, que piscando o olho lubrico e erguendo acima da liga a saia de *gommeuse*, espumante de rendas côr de rosa, cantava n'uma voz de seringa, toda desarticulada n'um desenfreado machiche:

*Il faut cambrer la taille
D'un air canaille...*

E, n'uma frisa, avistei então toda abalada de riso, batendo as palmas com delirio — a mesma dama gorda e de negro, a quem meia hora antes ouvira gritar, com tão vehemente furor:

— *Liberté! Liberté!*

Lembrei-me de que aquella alegre dama poderia muito bem symbolizar Paris — este curioso e delicioso Paris, tão adoravelmente contradictorio, a um tempo apaixonado, *blagueur*, beato, frivolo, entusiasta, perverso, conservador até ao fanatismo e sceptico até ao atheismo, applaudindo com egual effusão: *Nosso Senhor* e o *Machiche*.

IV

Os mineiros

Uma d'estas noites, á hora hysterica e febril em que Paris, toda diademada de pedrarias de luzes, é como uma bella cortezã que se offerece, voluptuosamente nua e sorrindo, á multidão avida de prazer — os jornaes espalharam de subito uma d'essas noticias, que pelo seu character inesperado e brutal, abalam todas as almas, mesmo as mais frivolas, n'uma vibração unanime de dôr e de espanto.

E ao lêr os primeiros detalhes sinistramente laconicos que o telegrapho transmittiu sobre a catastrophe de Courrières, este povo que se divertia, esquecido da miseria e da morte, nas *terrasses* dos cafês flamejantes, ás mezas floridas dos restaurantes, nos theatros alegres, ao som das musicas luxuriosas, teve bruscamente a impressão de surpresa panica d'um pezadelo tragico que a Fatalidade transformasse n'uma realidade importuna.

Tudo quanto o genio sombrio de Dante creou para dar aos homens a imagem do Inferno parece quasi mesquinho, realmente, ao lado do tenebroso horror d'essa hecatombe, que imprevisadamente veio enlutar a França.

No interior da terra, longe da luz, longe de todo o

auxilio, milhares de mineiros uivantes de terror, allucinados, loucos, no desvairamento da maior das agonias, correndo, empurrando-se, aos gritos «o grisú! o grisú!» errando n'um tropel confuso, perdidos n'um dedalo de trevas, atravez das galerias em derrocada, sob os turbilhões da poeira ardente, durante horas buscaram em vão a sahida d'essa gehena, até caírem por fim exhaustos, asphyxiados pelo fumo, calcinados pelas chammas. Sobre os cadaveres amontoados, bandos de cavallos gallopavam, relinchando, esmagando os craneos sobre as patas. Nos dias seguintes ao da explosão, n'uma das galerias obstruidas, havia ainda gente viva, que esperava, que se debatia, que gritava. Para além do espesso muro de terra que os encarcerava, ouviam-se-lhes a vozes, o ruido surdo das picaretas com que, até caírem para sempre, tentavam abrir caminho. N'outro recanto d'uma das minas, um rapaz de dez annos salvou miraculosamente uns poucos de mineiros que jaziam, já quasi asphyxiados, insuflando-lhe o seu halito nas bocas geladas. Esses resuscitados devem guardar toda a vida no olhar a expressão do supremo pavôr humano!

Mas entre as visões que a minha imaginação evoca, uma das que mais me faz estremecer é a da multidão de mulheres que, ao ouvirem, de subito, no silencio da manhã, a explosão subterranea, se precipitou de todas as portas, de todos os lados acorreu aos poços pelos quaes, horas antes, os seus homens, os seus paes, os seus filhos ou irmãos tinham descido ás minas, para nunca mais voltarem.

Oh! esses milhares d'estatuas tragicas, crispadas d'angustia, agglomeradas n'uma convulsa onda d'anicia, de que nenhum esculptor poderá nunca esculpir

as attitudes supremas, de braços estendidos, d'olhos cravados na abertura dos poços d'onde as chammas irrompiam, como de crateras, entre os rolos negros de fumo turbilhonando...

Soavam nos relógios as sete horas da manhã. Das chaminés subia o fumo dos almoços. Lentamente, a chuva caía do ceu livido — lá no alto, tão longe das dôres humanas, que nunca lá chega o clamor dos seus gritos... E rojadas na terra encharcada, de joelhos, estorcendo as mãos, entre o bando dos filhos, as tristes mulheres imploravam:

— Salvem-nos! Salvem-nos!

Salval-os como, nas profundezas negras, sob a derrocada das galerias, n'esse cahos de fogo e treva?...

Mas tão viva é a esperança no coração dos desgraçados, que nenhuma d'essas creaturas quer acreditar que todas as tentativas para os socorrer serão inúteis. E como esses milhares d'olhos cavos, febris, a luzir d'anciedade nas mascaras magras, nos dolorosos rostos sem idade, em que todas as miserias da vida e todos os terrores da sorte estão gravados em rugas, seguem os movimentos d'aquelles que se agitam em torno dos poços e que vão descer ao fundo das minas, animados d'uma abnegação sagrada. Alguns d'estes heroes obscuros, sacrificaram a vida ao tentar socorrer os camaradas. Os que primeiro voltavam, traziam os olhos injectados de sangue, as faces enegrecidas pelo carvão, e sem coragem para responder a todas aquellas mulheres, áquellas creanças que os fitavam — sem encontrar palavras, desatavam a chorar, como ellas...

Só quando os primeiros cadaveres trucidados, meio carbonizados, informes, negros, sanguinolentos, começaram a ser extrahidos das furnas — é que a multidão

se convenceu da realidade d'aquella hecatombe, que deixa na viuvez e na orphandade aldeias inteiras. Não é apenas uma região em lagrimas. E' toda a França em luto por esse exercito obscuro, que arriscando todos os dias a vida pelo bem de todos, é por certo incomparavelmente mais digno de homenagens do que os que se batem nos campos de batalha.

Como se produziu a catastrophe? Sobre quem recaem as responsabilidades?

Sempre que uma grande tragedia abala bruscamente as almas, os homens accusam a Fatalidade. Mas a Fatalidade é apenas uma palavra; e aquelles que não se contentam com abstrações, pensam que, logo que se descobriu o incendio, a medida que se impunha era fazer cessar immediatamente todo o trabalho e prohibir a descida dos operarios.

Podia prever-se que o incendio occasionasse uma catastrophe? Os mineiros affirmam que dois dias antes da explosão o calor se tornara suffocante e que o ar era quasi irrespiravel.

Por seu lado, os representantes da Companhia limitam-se a dizer que, se o accidente se produziu, foi porque nada podia evital-o e nada o deixava prever.

Eis uma declaração demasiado laconica — sobretudo quando se pensa nas 1480 existencias sacrificadas!

Entretanto a agitação cresce, cada vez mais intensa, entre a população proletaria. A' volta das vallas onde, durante dias seguidos, foram lançados os restos das victimas, os engenheiros que tentavam fallar tiveram de emmudecer ante os gritos das mulheres, clamando: «Assassinos!» A grève está declarada. Nas assembleias, os operarios formulam as suas reivindicações e pedem justiça. Um d'elles tem esta phrase: «Se todas

as vezes que um de nós morre na mina, morresse tambem um patrão, as Companhias pensariam em assegurar as nossa vidas.» Por toda a parte, bocas crispadas de revolta, entoam a «Internacional». A' frente dos cortejos lugubres, uma mulher de luto, descarnada, silenciosa, ergue uma bandeira côr de sangue — emquanto lá ao fundo, no labyrintho das minas ardentes, as chammás silvam, enroscadas aos cadaveres, como cobras raivosas.

E ao evocar os olhos tragicos das viúvas, das mães, das irmãs, das filhas dos mineiros mortos; aquelles olhos dilatados d'espanto e d'horror, nos magros rostos sem idade, em que todos os terrores da sorte e todas as dôres da miseria ficaram gravadas em rugas — aquelles olhos aridos que já não podem mais chorar, porque a Vida lhes esgotou todas as lagrimas — a nossa piedade pelas victimas da catastrophe confunde-se com a revolta contra aquelles que não pensaram em evital-a, antepondo a sua gula d'oiro á existencia dos que ganhavam esse duro pão dos pobres, que sabe a lagrimas acidas, a suor azedo e a fel amargo, rastejando como vermes nas gehenas onde os cães não iriam procurar o seu.

V

A Guerra e a Mi-Carême

Os que têm ainda o preconceito de que o Jornal é o interprete fiel da Opinião (tão cambiante e incoercível sempre como a nuvem do poeta), illudir-se-iam ingenuamente pensando que a questão de mais vivo interesse para o parisiense é essa interminavel conferencia de Algeciras, onde ha quasi um mez, famelicos e corteszes diplomatas, abancados a uma larga meza, tratam de apanhar com boas maneiras o melhor bocado — como se o Perú offerecido ao seu voraz appetite fosse esse fabuloso imperio de Marrocos, recheado de riquezas inexploradas.

Ora, na realidade, Paris não se importa senão com esta questão, incomparavelmente mais interessante: — divertir-se. Foi sempre assim, este velho *fetard*! Nas horas mais sombrias da sua existencia, o que sobretudo lhe attrae e prende a curiosidade frivola é o ultimo escandalo galante ou o ultimo vaudeville, a toilette, mais caprichosa ou a cançoneta mais decotada.

E, durante o período mais tenso, o que os seus olhos avidos, ao despertar cada manhã, procuraram primeiro no jornal ainda humido de tinta, não eram os telegrammas inquietantes de Berlim, mas a reportagem sensacional das audiencias da Cour d'Assises, onde

todo Paris mundano e demi-mundano assistiu, com tanto entusiasmo como a uma *première*, ao julgamento picaresco de Galley e da Merelli — a cabotina pretençiosa a alitteratada que hontem debutou no theatro da Gaité-Rochecouart, ante esse mesmo publico de snobs que pagou a trinta e a quarenta francos o seu *fauteuil* d'orchestra e lhe fez uma ovação mais triumphal do que á Sarah ou á Réjane, ao vél-a surgir no curto vestido côr de rosa, todó enfeitado de pétalas es-carlates, com a sua trunfa á *catogan et à bouclettes*, hoje tão celebre como o foi outr'ora a goforina clownesca de Rochefort.

Todas as tardes, á hora verde do absinto, ao longo do Boulevard, que é por certo o mais curioso logar do universo, onde o philosopho, o ironista, o conquistador ou o chronista encontrarão sempre um caso para comentar, um ridiculo para rir, uma linda mulher para seguir, ou um assunto imprevisto para encher uma columna — o aspecto que Paris revela é o de mais absoluta indifferença por esse problema tão debatido e cada vez mais obscuro, que os diplomatas tanto hesitam em resolver, porque a sua incognita pode muito bem ser a Guerra.

Em vão a imprensa opposicionista — pois sempre as opposições foram pessimistas — insinua, com sombrios adjectivos propheticos, que se está ainda muito longe de chegar a uma *entente* com a Allemanha, e que as nuvens continuam a adensar-se sobre a remota cidade andaluza, onde n'este momento se representa um dos actos mais palpitantes da tragi-comedia internacional.

Ninguem dá ouvidos a estes Jeremiadas agoureiros. E Paris, como Mr. de Pangloss, continua, no seu opti-

mismo epicurista, a considerar o seu mundo como o melhor dos possíveis, e a rir descuidadamente, cada noite, na Cigale ou na Boite à Fursy, deliciado como uma eterna creança, precocemente viciosa, com as canções drolaticas de Montmartre, que são a espuma irrisada d'este capitoso champagne gaulez que o Estrangeiro tanto invectiva, de longe, e que afinal com tão gulosa sêde vae libando, ás escondidas.

Porque, n'esta escandalosa e deliciosa Cythera moderna, de que tanto mal se diz nos outros paizes, são exactamente os estrangeiros os que com mais arrebatado delirio se arremessam aos abysmos encantados do Prazer, logo que alguns milhares de francos lhes permitam evadir-se, por algumas semanas, ao puritanismo requentado do *pot-au-feu* nacional.

E a tal ponto é essencial e permanente a este ditoso povo que inventou a *blague* e o *calembour*, esse estado de scepticismo risonho, de «je m'en fichisme» bohemio por tudo quanto não seja o seu prazer de momento, que se dá aqui este caso singular. Quem mais se preocupa actualmente com a questão de Marrocos, não são os francezes — mas os estrangeiros. A elles sómente, n'esta dôce cidade, tenho ouvido perguntar, n'uma afflicção: «Sempre teremos a guerra?»

Estará resolvido o kaiser a tirar enfim da bainha esse tremendo espadão de Croquemitaine, cujo tilintar petulante tanto abala as Chancelarias, como se as outras nações, ao ouvil-o, se transformassem n'um bando de bebés assustados; ou permanecerá tudo no mesmo *statu-quo* indolente de barbaria pittoresca, que n'estes tempos incolores e sem character faz ainda d'aquelle delicioso imperio, a tres horas apenas da banal Europa, um paiz de sonho e de lenda, onde o artista e o

VI

Glatigny

Este nevoso março parisiense tem sido d'uma tão immoderada fecundidade dramatica, que por certo fatigaria outro publico, menos insaciado de sensações novas e de emoções decorativas.

Não serei eu, com a minha pobre penna tão pouco aguçada para estas campanhas rudes da critica, que me atreva á tarefa, entre todas extenuante, de dar aos meus caros leitores o *compte-rendu* d'esta vertiginosa producção theatral, nos limites estreitos duma chronica.

Em periodos tão atulhados de dramaturgia como o actual, nem o bom Sarcey, de quem foi moda dizer-se tanto mal, e cujas faculdades de critico nenhum dos vivos attingiu no entanto, nem elle por certo, com toda a sua facundia, seria capaz d'esse trabalho só comparavel aos *trabalhos d'Hercules*, de tão cançada memoria.

Só n'esta rapida quinzena foram dez — dez, Pae celeste!

No *Vaudeville*, «Le Bourgeois», comedia em tres actos de M. Georges Feydeau; no *Ambigu*, «Pour sa Patrie» peça em cinco actos, do marquez de Castellane; nas *Variétés*, La chance du mari», comedia em

um acto, de mrs. G. de Caillavet e Robert de Flers; nas *Nouveautés*, «Irresistible», peça em quatro actos, de M. Auguste Germain; na *Porte Saint-Martin*, «Sous l'Épaulette», drama em cinco actos, de M. Arthur Bernet; na *Gaité*, «L'Attentat», peça em cinco actos, de mrs. Alfred Capus e Lucien Descaves; no *Odéon*, «Glatigny», peça em cinco actos e seis quadros, em verso, de M. Catulle Mendès; no *Gymnase*, «Le Cœur d'Angélique», comedia n'um acto de M. Edmond Guirand; e «Sacha» comedia em tres actos de m.^{me} Regine Martial; no *Nouveau Théâtre*, «Les Rapaces» comedia dramatica em quatro actos, tambem por uma mulher, m.^{elle} Anna Sée — porque, em todas as artes, tanto na pintura, na esculptura, na musica, na poesia, no romance e na critica, como no theatro, as francezas estão hoje fazendo uma terrivel concorrência aos homens. E, sem contar as ligeiras revistas e comediettas dos pequenos theatros, não estou bem seguro de não ter deixado escapar alguma *première*, entre as malhas da minha rêde de chronista.

Limitar-me hei, por hoje, emquanto o lume crepita no fogão do meu quarto e lá fóra o enxame branco da neve borboleteia na manhã cinzenta, a contar-lhes as minhas impressões sobre aquella que na noite de hontem me deu uma tão alta suggestão de sonho e de belleza, no luminoso *décor* da sala do Odéon, toda florida de esbeltas mulheres decotadas com a elegancia heraldica que caracteriza as creações dos grandes artistas da *toilette* parisiense.

De resto, o drama recente de Catulle Mendès é incontestavelmente o maior successo da época, e o que vale ainda mais, um successo destinado a durar até á época seguinte — o que, para este leviano Paris, tão

prompto a enthusiasmar-se como a esquecer-se, constitue quasi a Immortalidade.

A Critica—que no fundo é a inimiga invejosa da Poesia—accusa o *Glatigny* de imperfeições graves, e insinua que não tem logica; que os seus planos são mal definidos; que o relevo das suas figuras secundarias é tão accentuado como o das principaes; que é mais rico de forma que de factos; e que, n'elle, emfim, o homem de letras abafa o homem de theatro. Mas que importa que, scenicamente, esteja inçado de erros e de lacunas, se é uma pura maravilha d'arte e de emoção em que esse voluptuoso Anacreonte parisiense, que é ao mesmo tempo um dos mais illustres representantes do genio lyrico da raça latina, faz vibrar todo o ardor do seu temperamento de neo-pagão!

No *Glatigny* o poeta evoca toda a aurora romantica dos seus vinte annos, as suas luctas, os seus amores, as suas aventuras e os seus enthusiasmos — e esta evocação da propria mocidade é como uma luz aureolante, uma claridade ardente que envolve e aquece toda a obra, que se reflete e resplande como um raio vivo de sol em cada verso. Sente-se que todo o poema foi escripto de um jacto, com um estremecimento interior de saudade e de ternura — e esta sensação transmitte-se-nos, vibra a cada estrophe, ri em cada imagem, chora em cada rima.

Um encanto e uma caricia harmoniosa, em que a alegria se mistura á amargura, os sorrisos ás lagrimas, e o sonho á realidade. Nunca talvez este millionario do vocabulo e do rythmo attingiu tão deslumbrante prodigio de prodigalidade formal. Toda a variedade magnifica, toda a multiplicidade esplendida do talento deste parnasiano sensualmente enamorado da fôrma

pura e do rythmo perfeito, animam esse poema lyrico que tem a plasticidade d'um marmore aquecido por um milagre quasi divino de vida apaixonada, melancolica, voluptuosa e chimerica. Ha versos que têm a meiguice avelludada de caricias, que cantam no ouvido como trilos d'aves amorosas n'uma idylica primavera helle-nica.

D'um extremo ao outro d'esta obra d'um velho — que tem todo o tumultuoso e effusivo ardor d'uma obra de juventude — essa poesia é como um maravilhoso rio de harmonia, atravez d'uma radiosa floresta em flor.

E que imprevisto d'imagens, de cores, de sons, de verve e de phantasia, a espaços, quasi huguesca! E é esse o maior encanto d'este drama lyrico em que Catulle Mendès ergueu da morte para o aureolar da gloria que elle não conheceu nunca, na sua miseria e na sua desgraça, esse typo funambulesco e doloroso de Dom Quichote da Bohemia, que lembra os *gueux* de Callot, como elles roto, famelico, esgrouviado e vagabundo, que passou a mocidade atirando as suas rimas ao vento e que para viver teve de se fazer comediante, palhaço quasi da multidão que o apupava, amando até á morte uma mulher que o não amou nunca, Cyrano grotesco e heroico da Chimera.

E' a odysséa aventureira e romantica do autor das *Vignes folles*, d'esse estranho Albert Glatigny, morto ha trinta e tres annos, e que mais parece um personagem de novella do que o filho authenticico d'um rude *gendarme* da Normandia, desse bohemio encarnando a leviandade elevada ao sublime, que é um dos caracteres da poesia e da raça franceza, que Catulle Mendès desenrolou n'estes cinco actos palpitantes de vida intensa e de emoção ardente.



O panno sobe, no primeiro acto, sobre o pittoresco *décor* d'uma praça de villota normanda, com uma floresta ao fundo, que se esfuma, mysteriosamente verde, sob a tremulina das folhagens, despertando na humida claridade rosea da madrugada.

Abrem-se as janellas da estalagem, d'onde uma troupe de comicos ambulantes, sem dinheiro para pagar a conta, se prepara para desertar, antes que o locandeiro acorde. Mas a um rumor subito, todos se escondem, á excepção de Lizane, a *étoile* — oh! a capitosa belleza dessa creatura semi-nua, fugindo com uma hymnadiade atravez da floresta verde!

E Glatigny, que sae de casa da sua primeira amante, Emma, ao ver a fugitiva corre para ella, e como um fauno, beija-a. Ella é bem uma esplendida flor de voluptuosidade, desabrochando n'uma aurora de desejo, essa bella Marguérite Brésil que no palco do Odéon interpreta Lizane! Quando volta do bosque, esvelta, com flores silvestres nos cabellos espalhados sobre o collo d'estatua, celebrando em cada riso o hymno triumphal da mocidade e do amor livre, lembra realmente uma nympha amorosa; e, entre o murmurio de admiração que em toda a sala acolhe o esplendor da sua seminudez divina, não ha ninguem que não inveje a sorte desse poeta normando que desde aquelle instante vae seguil-a, pelo mundo, numa adoração extasiada e humilhada!

No dialogo admiravel que os dois travam, e que é a apothese da bohemia, Lizane evoca áquella imaginação avida e inquieta de provinciano, a quem a lei-

tura d'um livro de Banville subitamente revelara a Poesia, todo o estonteamento deste longiquo Paris, eterno sonho das almas novas, todo o encanto atrahente d'uma outra existencia de liberdade, de alegria, de prazer, d'aventura.

E Glatigny, seduzido por aquella voz de sortilegio, abandona a paz da sua terra estreita de mais para as suas chimeras e para o seu desejo, e parte para a conquista d'essa patria indefinida e radiosa do Ideal, que não existe nos mappas da terra.

Depois da scena d'uma ternura profunda em que Emma, chorando, tenta em vão dissuadir aquella alma fraca e idealista de creança, predestinada á miseria, Glatigny, tendo pago com o dinheiro que ella lhe empresta, a divida dos comediantes, alista-se na troupe. E ao longo da estrada, entoando a canção da mocidade, erguendo nas mãos um ramo de amendoeira, desaparece entre as velhas arvores floridas e religiosas, onde as aves cantam tambem o seu hymno ao sol e á vida.

E o primeiro acto finda, quando já os sinos repicam para a missa, sobre o povoado que accorre ás janellas para ver passar, num espanto, aquelle bando de comicos, travestidos e estroinas, no seu carnaval errante.

O segundo acto passa se na bibliotheca pomposa de Emile Girardin, o jornalista autoritario o emphatico que foi uma das mais curiosas figuras da França do segundo imperio. Decorreram quatro annos em que Glatigny conheceu o pão amargo da miseria que mata, e de que os outros se riem, mas em que conservou intacta a pureza da illusão e da fantasia sempre moça.

Com o seu fato rapado, o seu ar de manequim fantastico, apresenta-se a si mesmo, sem empênhos, para

obter a logar de secretario de Girardin, em vesperas de ser ministro. A sua verve esfuziante seduz uma embaixatriz, Madame d'Elfe, que promette interceder por aquelle *jongleur* de rimas, que se diz o actor mais pateado da França. E nesse dialogo, que é um dos trechos mais applaudidos da peça, ella termina por lhe offerecer o seu *carnet* todo engastado de pedrarias, em premio do madrigal que elle improvisara.

Num bello gesto d'altivez sentimental, elle pede-lhe que em logar d'essa carteira que vale uma mancheia de napoleões reluzentes, lhe dê apenas a rosa escarlata que traz ao seio, como uma braza a arder. Tocada pelo desinteresse romantico daquelle *dandy* de fato tão coçado, Madame d'Elfe dá-lha, dizendo-lhe ao mesmo tempo que no dia em que lhe enviar a flor — ella lhe mandará em troca aquella joia d'uma arte preciosa e cara. Mas Glatigny, envolvendo a rosa vermelha na carta que Banville lhe escrevera sobre os seus versos, jura-lhe que a trará sempre comsigo, a perfumar-lhe a vida. Entra nesse momento Girardin que accede ao pedido da embaixatriz, e immediatamente o nomeia seu secretario; mas por bem pouco tempo, porque o poeta, quando aquelle lhe dita um artigo de fundo solemne, annunciando á França o seu advento ao novo ministerio, escreve-o em versos satyricos e mordazes, que d'ahi a uma hora saem no seu jornal. Em consequencia do escandalo, nem Girardin será ministro, nem Glatigny secretario.

E o acto termina pela entrada estroina de Lizane que, farta de esperar em vão que elle tenha dinheiro, o abandona por outro que em vez de versos lhe dê diamantes.

No terceiro acto, surge em pleno tumulto alegre,

n'uma *mise-en-scène* admiravel d'evocação, a celebre brasserie dos Martyres, já descripta n'um dos melhores romances de Catulle, a *Première Maitresse*, a formosa brasserie onde se reuniam Baudelaire, Vallés, Murger, Champflery, Métra, Charles Monselet, Claude Monet, todo o grupo dos parnasianos, Leconte de Lisle, Copée, Heredia, Villiers de l'Isle-Adam, e onde o proprio autor do *Glatigny*, na sua mocidade, tantas vezes se encontrou com aquelle que havia de ser o protagonista do seu drama.

E todo o tumulto dos discursos e das conversas ardentes d'esses homens de genio misturados com *ratés*, como Jean Morvieux, babando a sua inveja raivosa contra as obras primas, que nunca pôde crear; toda essa multidão composta de poetas, de pintores, de músicos, d'escultores, de philosophos que gesticulam, blagueiam, clamam, blasphemam e riem á volta das mesas cheias de bocks, entre um enxame inquieto e colorido de bailarinas, de modelos, de *lorettes*, em costumes de *Mi-Carême*, são resuscitados num poder de realisação perfeita, em que cada figura revive n'um ou dois versos syntheticos e precisos como biographias.

E é como uma avalanche refulgente de estrophes, d'imagens phantasistas, imprevistas, quasi tão geniaes como nas paginas inolvidaveis dos *Miseraveis* em que Hugo descreve a geração sublime até á loucura e ao heroismo dos amigos de Mario, horas antes da barricada sobre a qual, como um Apollo casto e luminoso da Revolução, Enjolras cae varado pelas balas.

E' no meio desta tumultuaria animação que Glatigny vem afogar a amargura do seu abandono e da traição de Lizane que em vão tentá fazer-lhe esquecer uma pobre rapariga dolorosa e timida que em segredo

o ama, a Cigalon, filha do comedor d'hashish, — e que elle nem sequer escuta, cuja adoração candida nẽm sequer adivinha, com o egoísmo cego de todos aquelles que soffrem por outra, embora sabendo-a perversa.

O quarto acto transporta-nos ao palco movimentado do *beuglant* da Alhambra, onde Glatigny agora improvisa, em scena, com as rimas que lhe atiram da platêa, versos para ganhar a vida. E é a pequena Cigalon, Antígona daquelle cego, quem o acompanha ao violão, enquanto Lizane o atraiçõa nos bastidores, com o ignobil palhaço Tassin. Insaciada, segura do seu dominio sobre o poeta, põe condições aos seus beijos, e como precisa de tres mil francos, Glatigny, sem recursos, mais apaixonado que nunca, lembra-se de que a embaixatriz, — que n'essa noite assiste ao espectáculo — lhe promettera, em troca da rosa que outr'ora lhe dera, enviar-lhe a carteira engastada de pedrarias em que elle escrevera um madrigal.

E é por Cigalon que Glatigny lhe manda pedir o cumprimento daquelle promessa antiga. Mas Lizane, mal se apodera da joia, foge nos braços de Tassin — e nenhum coração pôde deixar de estremecer até às fibras mais profundas, ante o desespero, a colera, os gritos d'esse coração despedaçado e grotesco, naquelle palco de *beuglant*, ao som d'uma musica canalha que parece rir, com escarneo, das suas lagrimas.

E' o ultimo golpe no veu d'oiro da sua Illusão, a ultima folha arrancada a essa flôr de encanto e de dôr, venenosa e linda, do seu sonho caído na lama, enquanto a pobre Cigalon morre por elle — pequena cigarra amorosa e fragil, que depois de levar a vida a cantar, expira n'um ligeiro fremito d'azas...

E a agonia d'aquella existencia errante e chime.

rica de poeta bohemio — sete annos passaram, toda uma mocidade! — que o ultimo acto representa, em casa d'Emma, a amante maternal, agora já com brancas nos cabellos, que o esperara com a mesma fé até ao dia em que o seu poeta, desilludido, decaído, veiu de novo procural-a, e a quem ella acolheu com esse amor sublime que é o mais puro, porque é o que mais perdoa.

Mas, n'aquelle lar tão calmo, ainda as garras agudas da chimera lhe fazem sangrar o coração. E mais de nostalgia que da tísica que elle morre — da nostalgia sempre viva d'esse tempo encantado de vagabundagem e d'aventura. E o que na sua allucinação elle relembra (em que maravilhosos versos!) são os seus antigos camaradas da *brasserie*, o paleo do Alhambra, em frente da multidão vozeante, Cigalon — e até que a sua voz, entre os accessos da tosse, enrouquece e gorgoleja, como um ralo, o seu amor e o seu martyrio — Lizane!

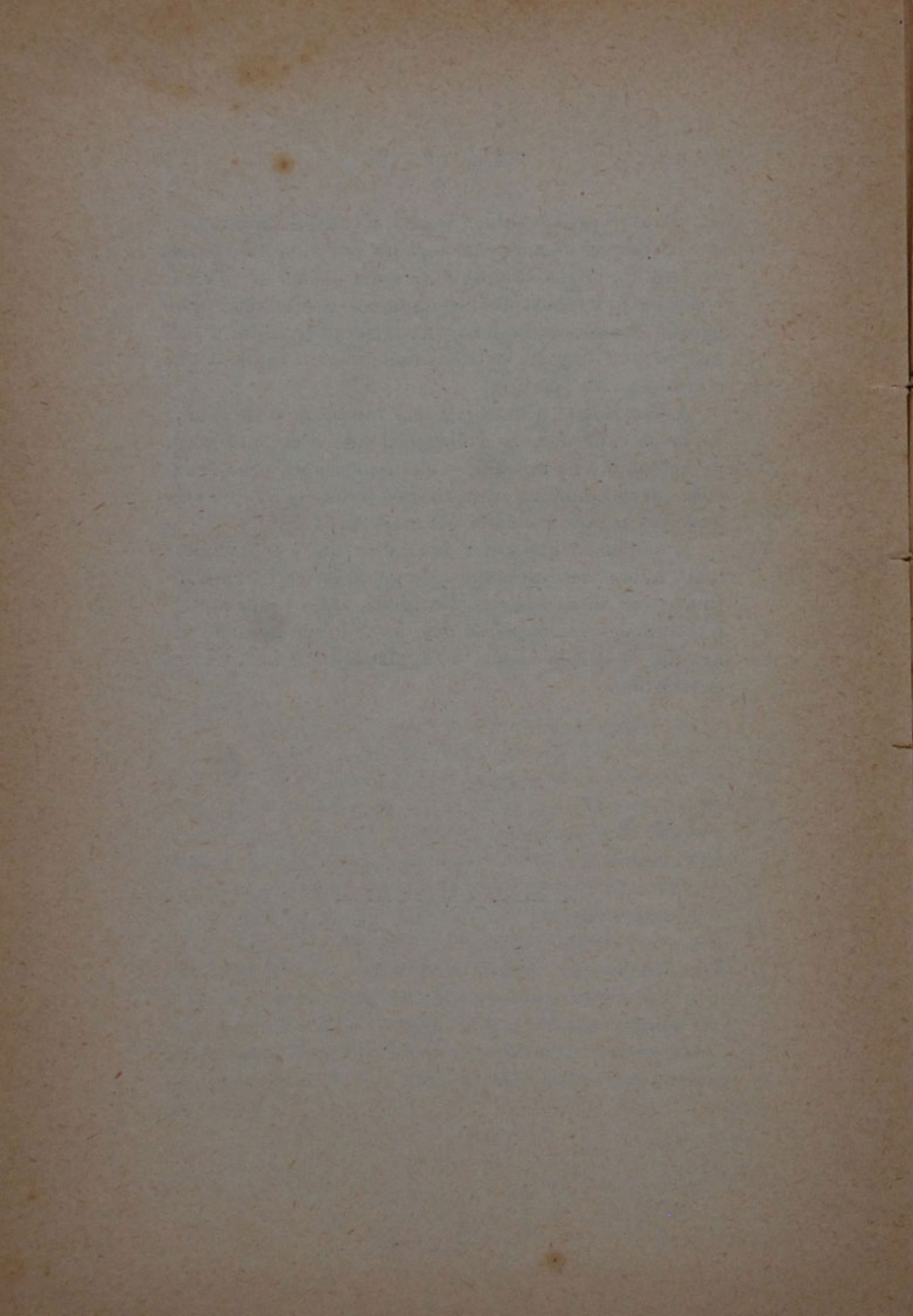
No seu delirio (já o inverno dos tísicos e dos vagabundos, o duro inverno, cobre os telhados de neve!) o poeta, em quanto Emma, imaginando-o a dormir o deixa só, ergue-se, abre a porta sobre a branca paisagem, e de novo parte para o paiz longinquo da Illusão. Para os seus olhos allucinados, a noite é uma aurora de abril é as arvores cheias de néve, pomares em flôr...

«*Et vive la sainte bohème!*» é o seu grito derradeiro, ao cair para sempre, no mesmo caminho por onde, outr'ora, n'uma madrugada alegre, com os grandes olhos ingenuos cheios de sol e o coração de sonhos, partira atraz de Lizane — que é bem a chimera attrahente, voluptuosa, illusoria, cheia de seducções e de traições, que todos nós, poetas, artistas, namorados, até á morte adoramos.

«Pauvre petit!» soluça Emma, ao encontral-o morto. E esta phrase de maternal ternura por aquella creança de trinta e quatro annos, é todo um poema de piedade e perdão por esses doidos ingenuos e sublimes, peregrinos errantes da Belleza, eternamente vencidos n'esta guerra sem treguas entre a realidade e o sonho — que é a nossa vida, irmãos!

Assim finda, n'uma lagrima luminosa, este drama de amor e de dor, de voluptuosidade e de amargura, de bohemia e de miseria, — que é uma obra prima bem rara, nestes tempos de *arrivismo* feroz em que os verdadeiros poetas são cada vez mais raros.

E ao pensar que nas veias d'este, que é hoje um dos mais nobres representantes do genio lyrico da raça latina corre ainda sangue portuguez, entre todos aquelles corações estrangeiros que, na noite de hontem, vibravam de enthusiasmo, ao applaudil-o, o meu vibrou de orgulho.



VII

Primavera parisiense

Ha muito que o Almanach, como um velho arauto já tropego, annunciou a Primavera e que no meu Portugal bemaventurado todos os poetas, do fundo das suas repartições (porque no meu paiz ditoso até os chefes de repartição são poetas!), cantaram em versos doirados como um enxame d'abelhas a sua graça voluptuosa de deusa olympica e o encanto sem par da sua mocidade immortal.

Mas coquette como uma linda mulher que fosse adiando um *rendez-vous*, para ser ainda mais desejada, a Primavera esquivava-se, esquecida de certo das arvores friorentas do Bois de Boulogne que continuavam a tiritar num abandono de mendigas, estorcendo ao vento, numa prece esteril, os braços nus, sem a esmola d'uma flor.

Em vão os poetas bohemios afinavam, por essas mansardas do Bairro latino as suas lyras, e os passaros, por essas sebes de Meudon e de Vincennes, ensaiavam arias novas para a cantar. Em vão as parisienses escolhiam o seu vestido de *roile* mais clara e as nuvens os seus véus de gase mais vaporosa para a festa da sua chegada. Em vão eu proprio molhara em tinta de purpura a minha penna para a saudar numa prosa

triumphal como um hymno pagão. E ella, a caprichosa princezinha d'olhos fulvos, sem se resolver a abandonar finalmente a ilha mysteriosa onde, como todos sabem, vive lá muito longe dos homens e das velhas cidades, ao fundo d'um bosque lendario, para além dos mares azues e dos continentes verdes, n'esse longo somno encantado de que só uma vez por anno a desperta, com um beijo, aquelle formoso principe d'elmo d'oiro, adolescente e heroico, a quem os antigos chamavam Apollo — e que não é outro senão o deus Sol!

Os dias passavam, pluviosos e taciturnos. Os madrigaes dos poetas transformavam-se em necrologios. As andorinhas, como um bando de coristas desempregadas, pensavam já em emigrar cheias de indignação contra o Tempo, esse velho empresario judeu que lhe fizera mil promessas e que tão vilmente as enganara. As parisienses de novo envolviam a sua graça friorenta em pelissas polares. As nuvens, lá no alto, lembravam uma procissão de viúvas, nos seus véus tragicos de luto. E, por mais que eu accendesse velas no altar da Phantasia, da minha penna fatigada só saíam imagens bisonhas, manchas lugubres de miseria, como se no meu tinteiro não houvesse senão lagrimas de famintos e desherdados.

E ella sem apparecer, ó santo Deus dos chronistas e das mulheres bonitas!

Por todo o boulevard, era uma consternação sombria, um rumor de vozes anciosas, como sob a ameaça da guerra ou d'uma crise nacional. Nos grandes armazens da Moda, no Louvre, no Bon Marché, o exercito dos caixeiros e das caixeiras, inactivo, de braços cruzados, d'olhos graves, tinha a attitude concentrada e taciturna de quem prevê uma fallencia; e os proprie-

tarios dos *Magasins du Printemps*, desanimados, pensavam já em substituir esse titulo illusorio, que parecia uma ironia e um escarneo, por este outro, mais veridico, *Les Magasins de l'Hiver*. Nas montras da rua da Opera, as modistas trocavam os seus novos modelos de chapéus todos floridos como canteiros, por *toques* de pelles russas. Um *bar* celebre de Montmartre annunciara, em grandes letras, sobre a porta: «Sorvêtes... quentes!» E pelos theatros, pelos cafés, só se ouvia esta phrase lugubre:

— Ella não vem! Nunca mais cá volta!

Um jornalista da opposição, muito conhecido em França, pelo seu feroz *chauvinisme* chegou mesmo a affirmar ha dias, n'um artigo de fundo incendiario que mr. Fallières tinha vendido a Primavera á Allemanha.

Falava-se já n'um comicio tremendo de protesto, com os nomes mais em evidencia do elenco nacionalista e presidido por Déroulède, para fulminar a traição do presidente da Republica e para fazer rebentar finalmente essa revolta, sempre annunciada no cartaz d'este theatro da politica franceza, e sempre adiada, á ultima hora, pela doença d'algum actor...

Pelos boulevards, á noite, havia grupos truculentos, commentando a infamia e brandindo, n'uma ameaça, guarda-chuvas hostis. A policia, com ar de caso, rondava, espiando, sob os capotes d'oleado. Mr. Lepine, fechado no seu commissariado, enviava a todos os momentos telegrammas em cifra a mr. Clemenceau, o novo ministro. A tropa, de prevenção batia os pés gelados, nas casernas, prompta a sair á primeira voz. E pelas ruas encharcadas, o vento uivava sinistro, tal o presago clamor longinquo d'uma multidão que se prepara, na

treva, para erguer barricadas e para arvorar o estandarte sangrento das Revoluções.

Apenas, n'esta immensa anciedade, o senador Bé-rangère, esse inimigo figadal do nú e do amor livre, esfregava as mãos de contente, com um riso escarminho — porque, sem essa doida Primavera, os pintores do *Salon* vestiriam as suas nymphas, as cançonetas seriam menos decotadas e a França voltaria enfim a essa honesta compostura de matrona que é todo o seu ideal de *vieux-singe* rabujento.

Mas eis que, subitamente, uma destas manhãs, sem se fazer anunciar, como uma princeza que viaja incognita, já quando ninguém a esperava, e sobre todo Paris pesava, tal uma lugubre condemnação do Ceu, o tédio d'um inverno eterno, ella surgiu, enfim, resplandente e victoriosa, na sua graça etherea, enchendo de canticos de luz o azul glorioso e de novas esperanças a alma dos poetas e dos namorados.

Foi como se, amortalhada ha muito, no tumulo de sombra d'um pesadelo, toda a Natureza acordasse no deslumbramento d'uma alvorada d'oiro. Uma alegria heroica de rejuvenescimento espalha-se por toda a parte, sob o velario dos ceus translucidos, nas aguas que se tingiram d'um azul mais limpido, nos jardins que se tapizaram d'um verde mais viçoso, nos poentes que se illuminaram d'uma luz mais doirada. E tudo o que canta no ar, tudo o que rasteja no chão, estremeceu e vibrou na immensa alegria d'uma resurreição sagrada.

Na obscura miseria do seu tragico inverno, sem sol e sem amor, quantos corações por ti anciavam, ó Primavera, como por um bemdito milagre anunciado, a cujo magico poder o sangue corre mais inpetuoso nas

arterias e uma vida nova, mais intensa e fecunda, nos reanima. Ao prodigioso mysterio da tua influencia benefica, tudo na terra obedece, as almas dos seres e as almas das coisas. Ao ermo mais desolado e triste, tu enche-lo de flôres. Ao coração mais calcado pela desgraça, tu dás novas chimeras e novas esperanças. E mesmo as parisienses mais velhas tu transfiguras, com a elegancia d'um vestido claro e d'um chapéu florido.

Salvé, ó Deusa amavel e misericordiosa, imagem augusta da Illusão e padroeira clemente das modistas de Paris!

*
* *
*

Como lhes dizia, já todos os pomares, por esse Minho fóra, estão floridos, e Paris tiritava ainda, abafado na sua pelissa, sob um frio agreste.

N'este doce abril, em que o nosso «Janeiro» não deixou decerto de publicar já o costumado telegramma do «velho amigo das andorinhas», todos os dias os jornaes parisienses referiam casos dolorosos de miseria que, no meio d'este turbilhão estonteante da Cidade do prazer e do vicio, passam desaperecebidos, como accidentes triviaes e sem importancia.

Ainda não ha muitos dias eu li na minha gazeta, entre a noticia d'um baile e d'uma *première*, meia duzia de linhas sem commentarios e sem estylo (o jornalista tinha decerto esgotado todo o *stock* d'adjectivos nas outras) e que, no entanto me evocaram, n'um traço syntetico, e com tão intenso vigor como uma pagina anarchista de Octave Mirbeau, toda a amarga ironia do contraste entre o luxo e a desgraça que caracteriza a vida parisiense.

N'uma destas madrugadas foram encontradas em diversos pontos, quatro creanças quasi mortas de frio, que não souberam dizer onde moravam, porque não têm lar nem mãe. Uma dellas — detalhe horrivel — é cega...

No seu laconismo, esta nota perdida, encolhida como uma pobre envergonhada nas columnas atulhadas de frivolidades galantes e de litteratices pretenciosas d'um jornal parisiense, é uma verdadeira tragedia em seis linhas.

A' mesma hora em que um publico de snobs applaudia um vaudeville brejeiro e no esplendor d'um salão mundano alegres pares flirtavam ao som d'uma languida quadrilha, havia na rua, ao desamparo, quatro creanças a morrer de fome e de frio. Paris, que é o centro da Civilização contemporanea, onde com mais emphatico ardor se debatem todos os dias os problemas sociaes, está cheio d'estes *fait divers* quotidianos, porque, como Eça dizia — «entre tantos orgãos de que está provido o Estado, não ha nenhum que tenha a forma, mesmo vaga, de um coração humano».

Oh! esse sonho idealista d'uma era d'amor e de bondade em que todas as creaturas, irmãs perante a Natureza, sejam emfim irmãs perante o Destino, como elle parece bem distante, bem incerto ainda nas nevoas do futuro! E como os menos scepticos têm razão para descrever, em face de factos tão frequentes, tão dolorosamente vulgares como aquelle que o meu jornal referia, em meia duzia de linhas banaes, d'uma vulgaridade que afflige e que irrita — ao confrontal-as com toda a sumptuosidade d'imagens gasta na descripção d'um baile do bairro de S. Germain ou d'uma das *premières* sem conta em que Paris revela, tão biographica-

mente como n'uma confissão perfeita, toda a sua alma perversa e galante, epicurista e futil.

Porque, assim como toda a aspiração latente do povo hespanhol se resume na formula tradicional: «Pan e toros!» a do parisiense, a quem uma civilização mais esthetica aguçou e poliu o instinto, poderia synthetisar-se n'esta: «de l'absinthe e du théâtre!» Menos impulsivo, e portanto mais requintado — até nos seus vicios — elle pôde bem passar um dia sem pão, mas não sem o seu aperitivo e o seu espectáculo, n'uma bella sala resplandecente, ouvindo dialogos picantes, ou n'algum dos seus mil e um *music-halls* e *beuglants*, com os olhos deliciados na semi-nudez luxuriosa d'uma cabotina piuetando e cantando, ao som d'uma valsa excitante de Margis.

Estes dois habitos estão n'elle de tal modo enraizados que se converteram em necessidades: assim, em nenhuma outra cidade os bars e os theatros são mais concorridos. A lista dos seus cafés, desde o *rastac* e pedantissimo Café de la Paix, até ao mais plebeu *bistro* das Halles, e a das suas casas de espectaculos de todo o genero, desde a Opera ao *cabulot* mais anonymo da Grenelle ou da Vilette, é tão longa que nem mesmo o chronista mais impregnado de erudição parisiense poderia dal-a, sem lacunas. No entanto, apesar do seu numero incontavel, cada noite, este povo sedento d'alcool que lhe excite os nervos gastos, avido de rythmos e de fórmias que lhe exaltem os sentidos e o espirito, assiduamente os enche, sem fadiga ou enjôo.

Deixo á veneravel Estatistica o calculo temeroso dos casos de *delirium-tremens* resultantes dessa inextinguivel sêde de Paris, para combater a qual um dos raros jornalistas francezes que se occupam ainda de

coisas sérias, outro dia lembrava muito gravemente ao governo que todas as garrafas de absintho fossem assinaladas com a classica caveira fatal que os pharmaceuticos colam nos seus frascos de drogas venenosas. Mas o que eu poderia affirmar, com tanta segurança como qualquer outro leitor de jornaes, é que a sua fecundidade theatral é a mais abundante do planeta.

Em cada centenar de parisienses ha, pelo menos, um autor dramatico — o qual é tambem muitas vezes o unico actor da sua obra-prima incomprehendida, como a de todos os grandes genios... *ratés*. Poderia quasi dizer-se que no fundo de cada parisiense, sabendo escrever com um pouco de grammatica (ou mesmo sem ella), existe um Sardou *en herbe*, com a chimera occulta d'essa gloria dramatica — que é de todas as glorias litterarias a mais compensadora, porque conquistal-a equivale em França a conquistar a fortuna.

Nada mais vulgar do que acotovelarmos, por esses boulevards, um moço de gaforina ondulante, sob um velho chapéu alto d'aba direita, sobraçando com orgulho um rolo de manuscritos. E' um poeta a caminho d'algum theatro, para ler a sua peça. Felizmente, a maioria destes grandes Elias francezes nem sequer têm, como o do nosso jovial Garrido, a satisfação deleitosa de ser «optimamente recebidos», porque os directores dos theatros de Paris são ainda mais olympicamente inabordaveis do que os nossos solemnes directores geraes — o que não impede que sejam quasi tantos os *fours* como as *premières*. Entre o numero verdadeiramente assustador das que todos os mezes Paris offerece á gula insaciavel do seu publico, raras são as que chegam, não já á outra época, mas á semana seguinte, apesar de com a mais enternecedora constancia, a

cada uma que surge, os jornaes nos assegurarem que vamos ter, enfim, essa obra-prima immortal por que todos nós anciamos — desde Corneille!

E' verdade, tambem, que o publico de Paris com o que menos se importa, no theatro, é com a peça. D'ella só realmente toma conhecimento, no dia seguinte, pelo que os criticos dos seus jornaes lhe dizem, — pois só estes são de facto, por duro dever de officio, os que lá foram para ouvir. Os homens vão para ver as mulheres: e ellas para se mostrarem. Se olham para a scena, o que lhes attrae e prende a attenção não são os lances patheticos do drama, ou os episodios picarescos da comedia — mas as *toilettes*; e já ninguem hoje vae ao theatro para applaudir a arte com que uma actriz interpreta a creação do seu autor, mas para apreciar a arte com que ella veste a ultima creação da sua modista.

E é sem duvida por isso que, n'este mundo litterario francez, são cada vez mais raras as obras de talento. De resto, os dramaturgos não procuram já o processo mais intenso ou subtil de desenrolar uma these original, de definir a psychologia d'um character, de criar typos humanos, de exprimir com emoção a vida e os seus conflictos moraes — mas apenas de proporcionar occasião á protagonista para fazer o réclame vivo d'uma casa de modas. Nota-se menos uma falta de estylo n'um dialogo do que no córte d'um d'esses costumes Imperio que hoje estão fazendo a gloria das mulheres bem feitas e a ruina dos maridos mal casados, e o successo das peças depende mais da esthetica das costureiras do que da dos autores — tantas vezes discutivel e quasi sempre inferior. O palco transformou-se assim n'uma montra. E, no fundo, o bom publico tem talvez razão

em applaudir menos Donney ou Capus do que Doucet ou Paquin — que são também creadores de Belleza, embora n'uma fórma de expressão até hoje tão nesciamente desdenhada pelos criticos que não passam, em geral, de rabujentos filistinos sem gosto nem requinte.

Por mim, quantas vezes, ao findar um d'esses espectaculos em que o prazer dos meus olhos é incomparavelmente maior que o dos meus ouvidos, emquanto ao meu lado os outros espectadores gritam com ardor: «L'auteur! l'auteur!» eu tenho vontade de gritar, com convicção: «Le couturier! le couturier!»

Oh! o luxo que as actrizes parisienses prodigalisam nas suas *toilettes* é na verdade prodigioso; e ultimamente, ao vêr a elegancia admiravel de M.^{elle} Cerny, na Comedie-Française, eu pensava (com bem pouco parisiatismo, confesso!), que bastaria o valor das rendas que lhe guarneciam o *jupon* de seda para que os quatro pequeninos de que lhes falei, ha pouco, não tivessem fome e frio.

VIII

Nas Buttes-Chaumont

Ha um aspecto de Paris, quasi ignorado do *touriste* que depois da rapida visita ao Louvre, ao Pantheon, a Notre-Dame, aos monumentos aconselhados pelo Baedeker, e de tomar o seu posto na terrasse do café de la Paix, d'onde só sae para dar a classica volta ao Bois e para correr, á noite, os *beuglants* equivocos, meio theatros, meio harens, volta pomposamente á patria, com a pretensão petulante de conhecer a Babylonia moderna — como ainda hoje lhe chamam, benzendo-se com terror devoto, as velhas provincianas.

Esse aspecto tão desdenhado do estrangeiro e da chronica mundana, e bem mais interessante no entanto do que o do cosmopolitismo rastaquero do Boulevard, é o dos jardins publicos, onde, como no das Buttes-Chaumont, as mulheres e as creanças do povo de Paris vêm por algumas horas encher d'um pouco de côr e de luz os olhos myopes e d'ar livre os pulmões tuberculosos.

A minha nostalgia das arvores, que a Primavera agora começa a salpicar da sua folhagem palida e fina como uma poeira verde, levou-me até lá outro dia, n'uma destas baças e lividas tardes septentrionaes em

que na minha alma pagã se agitam todas as arripiadas tristezas d'um fauno exilado.

Ao sair na rua d'Allemanha do *metrô* que em poucos minutos me transportou, como n'um vertiginoso pesadelo subterraneo, do bohemio Montmartre, com os seus ateliers e os seus cabarets cheios de artistas vestidos de velludo preto e de *baladeuses* de saias curtas que lhes dão a todas o mesmo ar de meninas de trinta annos sob as suas cabelleiras identicamente louras, tingidas, dir-se-ia, pelo mesmo droguista — tive a impressão de me encontrar de repente n'outra terra absolutamente diversa, com outra população, outros hábitos, e até outro modo de fallar e de vestir.

Nenhuma cidade como este complexo Paris para estas sensações imprevistas! Cada *arrondissement* com o seu *máire* representando o Estado e o Poder, constitue uma pequena republica quasi independente da outra, da grande, com os seus theatros, os seus jardins, os seus hoteis, os seus cafés, os seus mercados, o seu posto de policia e o seu correio, vivendo uma vida á parte, com costumes proprios e quasi poderia dizer-se com um código de leis especiaes. Ha parisienses que vivem semanas sem sair do seu bairro, providas de todas as necessidades moraes e materiaes, e conhecendo apenas pelo jornal o que se passa nos outros — a não ser nos grandes dias de festa nacional, como por exemplo no «14 de julho» em que todas as fronteiras desaparecem e todo o povo se congrega para celebrar, dançando e cantando, como o antigo povo romano, a mesma tradição civica.

Entre essas pequenas republicas urbanas, os populosos bairros proletarios de Belleville e da Villette são dos mais typicos, com as suas curiosas ruas ladeadas

d'armazens e officinas, o seu rumor constante de labuta, o seu pequeno porto fluvial coalhado de barcaças cheias de fardos, o seu enorme mercado de animaes e o seu matadouro celebre, onde cada anno se abatem tres milhares de cabeças de gado — e sobretudo com as suas Buttes-Chaumont, que são um dos mais bellos jardins de Paris.

Ao fundo da animada avenida de Laumiére, logo a originalidade scenographica dos seus outeiros relvosos attrae os olhos avidos de verdura, como uma pittoresca ilha de arvoredos surgindo do solo arido, revelando emfim no meio do oceano de pedra de Paris, uma suggestão viva de natureza.

Como uma meia-lua verde, a perspectiva do parque sóbe na collina outr'ora esteril de Belleville, onde se erguia, dominando a cidade, como uma ameaça e um exemplo, a forca de Montfaucon, em frente da qual, segundo Brantôme conta, Carlos IX veio, depois da Saint Barthélemy, contemplar o cadaver de Coligny, balouçando grotescamente suspenso pelos pés, com os olhos já bicados pelos corvos, e ao vêr que alguns dos seus gentishomens se mostravam nauseados, teve esta phrase d'uma crueldade genial: — «Eu não tapo o nariz como vós, porque o cheiro d'um inimigo que apodrece é excellent!»

Os seculos fizeram dessa ravina tragica onde outr'ora voavam os abutres um jardim alegre onde agora brincam as creanças. Pelas aleas saibradas que ascendem em curvas claras entre a verdura, ellas saltam, correm em bandos gárrulos como passaros a que tivessem aberto a gaiola; e os pavões fogem, agitando os flabéllos multicores das caudas abertas. Pelo amplo parque, entre as *pelouses* tapetadas d'esse verde doente

e murcho logo ao nascer da relva que cresce na humidade dos climas frios, longe da luz vibrante da nossa terra bem amada do sol, é por toda a parte uma agitação de rostos corados, de pequenas cabeças vivas, um ruído alacre d'infancia embriagada d'ar e de movimento, risos, gritos de collegiaes jogando a pella, o arco, o *cricket*.

Sento-me ao alto do parque, no *carrefour* da Columna, deante da estatua de Hiolin, que representa na bella attitude agil da corrida um caçador nú, airosamente equilibrado n'um só pé, e mostrando ao seu cão de lobo a preza de Paris ao longe. Em frente de mim, multiplos outeiros com rocas de cyprestes, choupos tísicos em cujos ramos os pardaes grasinam, descem até ao lago onde d'uma cascata rustica, entre os estalactites d'uma gruta, jorra a agua glauca que o enche, singrada de escaleres atulhados de creanças e onde os cysnes e os patos se balouçam, indolentes, nas pequenas vagas que o vento arripia.

Kiosques de palha abrigam do frio as pobres palmeiras emigradas. No talhe dos arbustos, no corte dos cantanteiros, a correccão symetrica que é o caracter dominante da paizagem franceza. E por todos os lados, a cada volta, fórmas finas e graceis d'estatuas — pois Paris semeia suggestões de belleza nos seus jardins, que são museus ao ar livre, onde a nudez pura dos marmores radia, como na Hellade. E é por isso, por esta constante visão de linhas harmoniosas que este povo é o mais intellectual, o mais civilizado da terra.

Sob a luz cinzenta do entardecer, enchendo o espaço immenso, Paris desenrola-se até ao horizonte, com os seus altos predios monumentaes, chaminés, zimbo-

rios, torres d'egrejas. Na bruma pállida d'estes céus apodrecidos d'abril, côr de fumo e d'ardozia, como os céus de Rafaelli, as perspectivas dos ultimos planos perdem-se, quasi indistinctas : mas até ao infinito vagamente violaceo, na nevoa fluida dos longes, advinha-se que ella se estende ainda, leguas e leguas, a cidade enorme como um ducado. Sobre os rochedos onde se ergue o pequeno templo corinthio, o panorama é sobretudo maravilhoso d'amplitude, sob os rôlos de nuvens que o vento esfarpa e leva como gigantescas azas sobre a confusão alastrada da casaria, cujas vidraças faiscam, a espaços, como brazidos ephemeros d'ouro, batidas pelo sol que agonisa.

Ao meu lado, sentadas no mesmo banco, mulheres do povo, em cabello, todas vestidas de preto, vão tricotando sempre, num movimento d'abelhas diligentes — porque todas estas esposas d'operarios, depois de feito o *ménage*, trabalham ainda para sé distrair, ao contrario das mulheres das nossas terras preguiçosas e coscovilheiras, que nunca se juntam senão para se catarem. Em torno d'ellas, as creanças brincam, nas suas blusas azues, penteadas, limpas, escároladas, bem differentes tambem das do nosso paiz, tão sujas sempre, crescendo no horror da agua, numa atmospheria de porcaria barbaresca, como pequeninos selvagens.

E vendo brincar, á minha volta, ante a cidade immensa, todas estas pequenitas do povo, hoje tão humildes, eu pensava quantas d'ellas, d'aqui a dez annos, chegarão talvez a dominar Paris e o Mundo, com o poder soberano da sua graça — porque em França a mulher não precisa de ter casta nem raça, para triumphar. A sua belleza e o seu encanto servem-lhe de familia e de nascimento. O seu instincto de elegancia

e a sua intelligencia nativa fazem as filhas dos porteiros eguaes ás de sangue mais azul.

*
* * *

Este povo tem, como nenhum outro, o culto enternecido dos seus jardins e das suas arvores. E' mais uma prova eloquente do sentimento esthetico do parisiense, para quem, como pensava o candido e sublime pantheista que se chamava Michelet, a arvore é semelhante a uma mulher, virgem em abril, mãe no estio, avosinha no outomno.

Atravez das edades, a religião das arvores foi sempre uma caracteristica frisante das almas nobres. Conta o velho Herodoto que Xerxes, o dominador glorioso, sob cujo gladio imperial se curvaram tantos povos escravizados, ornou um dia os ramos verdes d'uma arvore com os seus braceletes doiro mais preciosos e os seus collares de pedrarias mais reluzentes — para mostrar a todo o immenso e barbaro exército que o seguia para a conquista da Grecia, a admiração e o amor que á alma orgulhosa do homem deve inspirar a belleza d'esta obra prima da Natureza. E Francisco d'Assis, o suave santo que mesmo nas coisas mais humildes venerava a revelação da graça divina, quando nos seus passeios solitarios, atravez das planicies da Umbria, encontrava alguma, já velhinha, toda coberta de folhagens e de flôres, dando abrigo aos passaros e sombra aos pobres, abençoava-a e beijava-a como a uma creatura cheia de candura e de bondade.

Nunca ouviram que desde a antiguidade remota, foram as arvores sagradas?

Nas velhas florestas druidicas, á hora do pleni-lunio, adoravam-nas os celtas, cantando. E, através de toda a Hellade — patria augusta da belleza — era entre os loureirae e os sycomoros, ao rumor cantante dos frescos regatos e dos ninhos pelas folhagens, que viviam os deuses e as nymphas, engrinaldados d'anemonas, immortalmente sorrindo na graça harmoniosa da sua nudez perfeita. No maravilhoso e lendario Oriente, as lentas caravanas dos peregrinos que se dirigiam para Méca, paravam á sua sombra, para as venerar com canticos e offerendas, como a seres divinos. Era sob os seus ramos que na Edade Média os senhores feudaes ouviam os aggravos dos vassallos e faziam justiça. Os santos conviviam com ellas, no seu exilio ascetico, sem outro tecto senão o das suas folhagens, nos ermos onde escutavam o vérbo de Deus. Foi *sub tegmine fagi* que o doce Virgilio compoz essas amora-veis Georgicas em cujos versos dir-se-ia zumbirem abelhas e echoar o murmúrio das levadas, regando as campinas mantuanas. E não são ellas ainda, nas sombrias cidades, a frescura, a alegria, a suggestão purificante da paizagem, entre as cazarias denegridas pelo fumo das fabricas, tão cheias de suavidade na sua verdura tenra, para os nossos olhos fatigados?

Na primavera, quando se vestem de folhas novas, basta olhal-as, tão lindas, todas verdes, numa aureola de sol, para nos sentirmos mais alegres e mais fortes. Com os livros, ellas são as nossas melhores companheiras. Certos dias, em que nos sentimos mais sós e desalentados, com um tedio amargo de tudo e de nós mesmos, nunca notaram como uma arvore consola? Ao sentarmo-nos á sua sombra, dir-se-ia que ellas se põem mysteriosamente a fallar-nos baixinho ao coração — e,

d'ahi a pouco, é como se a nossa dor se tivesse transformado numa esperança.

Quem não parou ainda a dialogar com ellas, nos mudos dialogos que a nossa alma anciosa ás vezes trava com a alma enigmatica das coisas? Nos seus troncos decrepitos que mysteriosa vida reside? Que dor cruel lhes crispou, em angustiosos gestos de supplica, os braços no ar crucificados? Que sonho, por vezes, vagamente balbucia nas suas folhagens quando o vento passa a soluçar pelas devezas solitarias, como um velho monge que se recorda, em segredo, d'algum antigo amor romantico e desgraçado?

Ha-as simples, exhalando candura e sonho, ou gravemente compassivas e cheias de indulgencia, com não sei que de santas, na attitude abençoante. E como fallam ás almas, que maravilhosas historias ellas sabem contar a quem souber ouvir-as. Ao cair da noite, quem as não ouviu nunca a segredarem? O que dirão ellas? O vento é o pensamento das arvores: quando elle chega, põem-se a fallar. Nunca notaram a differença das suas vozes? Em novas, cantam, ao envelhecerem, choram como a gente. No susurro das suas folhagens ha toda a gamma das emoções: risos, beijos e gemidos. A cada estação a sua voz muda: vibrante e victoriosa como um hymno pagão na primavera e no estio; grave como as litanias, ao cair das folhas e no gelado inverno. E é tão triste o que ellas dizem, ás vezes, e ao mesmo tempo tão resignadas, quando fallam das primaveras mortas, dos amores e das illusões que tiveram!

Oh! as arvores são creaturas de Deus. Nos mysterios da evolução, na incessante metamorphose da substancia, a vida nunca se extingue. Nada é inerte na natureza. Em todas as coisas, mesmo nas apparente-

mente inanimadas, ha uma vida latente; tudo participa da mesma alma immortal, no terrivel e admiravel enyigma da transformação.

A arvore solitaria, junto da qual passamos, n'um caminho ermo, surgindo de subito deante de nós, esgalhada e misera como uma mendiga, com uma derradeira folhinha resequida, a tremer n'um ramo, tal uma derradeira chymera agonisante — suscita impressões complexas em que distinguimos uma compassiva ternura, uma secreta analogia entre o nosso ser e o das coisas, e em que se nos revela a identidade do mesmo universal destino.

Ao evocarmos então o que foi essa arvore outr'ora verde e florida, todo o esforço persistente com que germinou, creou raizes na dura gleba, lentamente foi crescendo, annos e annos, luctando sempre, n'uma coragem feita de humildade, contra o vento, contra a natureza e as estações, até chegar á velhice — quem não sentirá deante d'ella piedade e respeito? Quantos trabalhos, que somma de coragem obscura e que admiravel força, tão formidavel e ao mesmo tempo tão pacifica! Quantos outomnos que soffreu, quantas folhas que tanto lhe custaram a crear e que o vento arrancou — e a cada abril, n'um mysterio de amor, a sugar a seiva no seio da terra, para reflorir de novo!

N'essa resignação sublime das arvores, n'essa espera corajosa d'outras primaveras, não ha para todos nós uma lição profunda sobre o sentimento da vida?..

Assim diffusamente divagava a minha imaginação de exilado, atravez d'esse arredado jardim publico onde me trouxera, n'essa tarde livida, a minha nostalgia das arvores... Já o crepusculo enchia de mysterio as aleas agora desertas das Buttes-Chaumont e ao longe, sobre

Paris immenso, milhares de luzes brotavam, como flores doiro e de chamma, na sombra violacea, quando, antes de sair, os meus olhos depararam com este quadro: — N'um banco, uma velhinha do povo, com os cabellos todos brancos, adormecera; e sentada no regaço, com a cabecita reclinada sobre o seu coração, uma creança, o seu netinho de certo, dormia tambem.

E, sobre aquella velhice e aquella infancia uma arvore toda em flor parecia curvar-se — como para abrigar e abençoar esse duplo somno innocente.

IX

Anatole France

Não sei se o telegrapho — que na sua tagarelice infatigavel todos os dias transmite á America tantas noticias por vezes bem mais triviaes — referiu já aos meus amigos do *Diario de Pernambuco*, que um grupo de 300 estudantes das escolas superiores de Portugal, chegou ha dias á Cidade da Luz e foi recebido com o mais vivo enthusiasmo pelos seus camaradas parisienses.

Paris tão habituado ás visitas frequentes de todos os monarchas e de todas as notabilidades estrangeiras que já nem corre á gare a dar-lhes as boas-vindas, teve para os moços portuguezes uma manifestação de curiosidade e de sympathia verdadeiramente lisongeira. Quando outro dia, entre o clamor enthusiasta dos vivas e o esvoaçar alegre das capas, ao som do *monôme* entoado pelos estudantes do Quartier latin, esses trezentos rapazes desceram na gare d'Orsay e depois atravessaram as ruas animadas, no meio do povo que acclamava o nome de Portugal, eu tive a impressão consoladoramente patriótica de que esta viagem, mais que todas as vagas relações diplomaticas e de character official, contribuiria para tornar conhecido e estimado o nome do meu paiz.

Ao passo que as visitas dos reis aos Chefes dos

outros Estados se limitam meramente a uma troca de apertos de mão, de banquetes e de discursos ditados pela fria amabilidade prescripta no Protocollo, as viagens d'aquelles que representam o futuro da sua patria, pela confraternidade espontanea e franca com os seus camaradas estrangeiros, concorrem fortemente para cingir os laços de solidariedade intellectual e affectiva — que são, sem duvida, mais duraveis entre os povos, do que todas as ephemeras alianças politicas.

Esses alegres rapazes que nos boulevards, nos museus, nos theatros, entre a cordealidade da multidão e a doçura dos sorrisos galantes das mulheres seduzidas pela sua mocidade exuberante de meridionaes e pelo pittoresco das suas capas fluctuantes e romanticas, têm sido tão festivamente acolhidos, vieram de resto ensinar a Paris, cuja ignorancia geographica já o grande Goethe accusava, que nós não somos, positivamente, hespanhoes. Porque a verdade é que para além dos Pyreneus o francez não conhecia senão a ardente Hespanha, que tanto apaixonou a alma voluptuosa de Theophile Gautier, com as suas touradas, os seus tangos, as suas seguidilhas e as suas sensuaes *manolas* de mantilha picada de cravos sangrentos e d'olhos negros e attraentes como um bello peccado.

*
* *

Entre os incidentes da estada dos estudantes portuguezes em Paris, aquelle que me parece mais digno de chronica, porque n'elle collaborei tambem e pela sua significação puramente intellectual — apesar dos comentarios que provocou a certos jornaes nacionalistas

que teimaram em consideral-o como uma manifestação de character politico — foi a visita feita a Anatole France, como ao mais alto representante da litteratura franceza contemporanea.

As folhagens novas das arvores dos Campos Elyseos luziam como uma claridade verde, na doirada transparencia do sol matinal, e pelas aleas, cavalleiros e amazonas airosas passavam já de volta do Bois, quando chegámos á pequena rua discreta da Villa Séc, onde o prodigioso artista da *Thais* e do *Lys rouge* habita, a tão pouca distancia do Paris mundano e do seu estonteante ruido, essa «cité des livres» que lembra, no seu calmo isolamento, uma das lindas casas inglezas do bairro portuense de Villar.

Puxada a campainha — uma cabeça de imperador romano gravada n'um bronze florentino — vem abri-nos a porta uma velha creada de touca bretã, cujo aspecto d'ama ou d'avózinha me trouxe á memoria aquella doce figura tão enternecidamente descripta por France nas paginas do *Pierre Nozière*, esse delicioso poema em prosa em que a sua saudade nos desvela, quasi como n'uma autobiographia, as phases succesivas da sua mocidade contemplativa.

Logo desde o vestibulo, a impressão de nos encontrarmos a mil leguas da vulgaridade do seculo, no sumptuoso décor d'um pequeno museu onde, como no de Cluny, o Passado resurgisse aos nossos olhos maravilhados, em todo o seu longiquo mysterio e toda a sua melancholica suggestão de vida morta.

Forrando as paredes do corredor estreito, das escadas tapetadas, onde a luz adormece em penumbras de templo, pannos d'Arrás em que fluctuam sombras d'arvoredos, figuras archaicas de Gobelins a que o tempo

esmaiou as nuances em tons pallidos d'outomno; — quadros da escola italiana, com nudezas roseas de bacchantes, e da escola hespanhola, com aparições d'ascetas, d'olhos absortos e maceradas mãos erguidas n'uma prece eterna; — estatuetas graceis de Tanagra, aguas fortes, gravuras, pergaminhos de missaes que a arte paciente dos monges illuminou de tintas d'auro-ras e de poentes; — cabeças de marmore luminosamente sorrindo, como se o sol da Grecia as dourasse ainda nos bosques sagrados, entre os myrthos; — talhas esculpidas por geniaes obreiros anonymos do seculo xiv, misulas, lampadarios, custodias, chaves gothicas de mosteiros, Christos de bronze, ante os quaes as multidões d'outr'ora reşaram e soffreram; — toda a voluptuosidade da arte pagã fraternizando com a austeridade da arte christã, n'uma selecção requintada, que só por si bastaria para documentar o gosto supremo, o sentimento de elegancia incomparavel d'esta alma sigular de artista, a um tempo sceptico e sentimental, ironista e philosopho, erudito e poeta, sensualmente enamorado da belleza antiga, d'esta clara intelligencia franceza educada no mais ardente culto da tradição grega e latina.

Entre as pregas dos pesados reposteiros, portas semicerradas deixam entrevêr recantos de intimidade e de paz estudiosa, onde a luz coada pelos vitraes bysantinos reluz nas sedas aquareladas dos fauteils que convidam ás finas reveries e nas encadernações monacaes dos livros que guardam, como cofres, a sciencia e a poesia dos seculos remotos. Uma bibliotheca de sabio n'um museu d'antiquario. A gravidade da erudição alliada á graça da esthetica.

- Mas, n'esse relicario do Passado, documentos d'uma modernidade eloquente revelam o homem de acção, o

semeador de idéas, o batalhador libertario que vive n'este poeta — para quem a mais alta expressão da Beleza está na realidade, e a quem, melhor que a nenhum dos actuaes escriptores francezes poderia applicar-se a formula de Renan: «Il faut vivre avec son temps!»

Ao passar junto d'uma estante leio este titulo: «L'Affaire Dreyfus». E n'um momento evoco toda a corajosa campanha que marca o segundo avatar fecundo na vida d'esse Sylvestre Bonnard a quem a paixão nobre dos ideaes humanitarios converteu no Bergeret militante, no orador convicto dos comicios, no companheiro bellicoso de Zola, no moderno paladino dos opprimidos e dos humildes que France é hoje.

N'uma saleta oblonga e clara do segundo andar, que é como a capella mór d'este templo d'arte, cheia de preciosidades pelas paredes, ladeada d'altas estantes carregadas de livros, com papeis espalhados sobre a vasta mesa de trabalho, ainda humididos de tinta, Xavier de Carvalho apresenta-nos ao Mestre magnifico que para nos receber adiou a sua partida para Athenas.

Ao seu lado, um *monsieur décoré*, antigo director da «Assistance publique», e n'um canapé burilado como um cofre mosarabe, uma bella rapariga loura, d'olhos verdes e graves, que France nos apresenta como uma das mais illustres poetizas da Polonia.

E emquanto um dos estudantes de Coimbra, Luiz da Camara Reys, em nome de todos lhe diz, n'um pequeno discurso vibrante, que dentre os escriptores da França actual elle é em Portugal o mais querido dos novos a quem um grande ideal de Verdade anima, observe essa figura d'homem de letras hoje celebre no mundo inteiro, e em cuja intimidade espiritual vivo ha mezes, cada noite, atravez da prosa suprema da *His-*

toire Contemporaine que é a um tempo a minha delicia e o meu tormento — pelo prazer de a ler, e pela difficuldade de a traduzir na nossa dura lingua, demasiado espessa para espelhar, em toda a sua limpida pureza, a attica elegancia sobria e lapidar do seu estylo que tem a liza solidez d'um bronze corinthio e a transparencia radiosa d'um crystal veneziano.

*
* * *

Robusto ainda e d'apparencia moça, apesar dos seus sessenta annos já grisalhos, das finas rugas que lhe fransem os cantos dos olhos vivos, agudos, penetrantes — olhos de observador e de humorista — tem uma cabeça de coronel reformado este homem tão inimigo do militarismo. O cabello duro e rente, sobre a testa alta, de cantos esguios, marcada de bossas salientes, o bigode de guias asperas arripiadas sobre a bocca sensual, o naríz longo, de narinas dilatadas para aspirar todos os aromas da Natureza, as conchas das orelhas ponteadas e abertas para apprehender todos os fremitos da Vida, dão-lhe ao mesmo tempo á physionomia de linhas vincadas, como gravadas a cinzel n'um bloco de velha pedra, não sei que vago ar de fauno, que a barbicha bipartida mais accentúa ainda.

Momentaneamente grave, n'uma attitude attenta, escuta, com a luneta entre os dedos afilados d'uma das mãos, e a outra, em que uma alliança reluz, apoiada sobre a mesa, um pouco curvado, com esse discreto sorriso de graça espirituosa e de polidez affavel do parisiense — sempre entreaberto para adoçar um cumprimento ou para sublinhar uma ironia.

Nenhuma nota pretenciosa no modo de vestir, nenhum d'esses *trucs* que ao observador precavido tanta vez revelam o *fumiste* que quasi sempre existe no homem de letras; um d'esses fatos impessoaes, cinzento e egual ao de toda a gente, como os que se vendem, já feitos, na *Belle Jardinière* ou no *Pont Neuf*; e nos pés, umas meras pantufas vermelhas de burguez caseiro.

Mas, mal começa a falar, a physionomia transfigura-se-lhe, aureolada d'uma claridade de intelligencia, nimbada de espiritalidade; e, n'aquelle gabinete de trabalho onde a arte e a belleza maravilhosa dos seculos se assignalam em cada objecto, nos minimos detalhes decorativos, aquelle simples burguez do Paris republicano de 1906, transforma-se de repente n'um atheniense da era luminosa de Platão. E tenho a sensação, ao ouvir este *causeur* inimitavel, de que estou em frente d'um dos philosophos que na Agora, sob o azul resplandescente dos ceus da Attica, entre lindas mulheres seminuas nos seus peplums e ephebos esbeltos como estatuas de Phydias, dissertavam com subtil ironia e polida elegancia sobre questões nobres de metaphysica e d'arte.

Na sua palavra facil, fluente, imprevista, imagens perfeitas radiam; ditos profundos, synthetizando toda uma philosophia e toda uma esthetica, brotam-lhe dos labios sorridentes, com uma expontaneidade admiravel. E ao escutal-o, sinto o remorso de não ter aprendido tachigraphia para que elles se não percam e d'esta meia hora rara nada fique na minha memoria esteril.

As idéas illuminam-se, como joias vivas, na caricia d'esta voz singularmente harmoniosa, sem declamações pedantes, sem emphases de rhetorica, que não procura

effeitos e que vibra no ouvido como uma melodia, d'um poder de seducção e de encanto que não tem par n'esta lingua franceza á qual, depois de Chateaubriand, de Michelet, de Flaubert e de Renan elle deu o mais puro brilho de expressão, de doçura, de graça e de subtileza.

Ao agradecer aquella manifestação de sympathia da mocidade portugueza, e ao enaltecer o nosso movimento intellectual com as mais justas palavras para a obra de Theophilo Braga (sobre a sua mesa havia o *Frei Gil de Santarem*), Anatole France disse que nós eramos uma nação de poetas — portanto, de homens de acção.

E quando Campos Lima, o moço academico que n'alguns trabalhos de critica, affirmou já um dos melhores talentos da actual geração coimbrã, respondeu a este conceito amavel, dizendo-lhe que, se realmente somos um povo de poetas, nos faltam homens como elle, para nos guiar e orientar para a verdade, eu senti egualmente esta convicção:— que entre todos esses rapazes, que representam o Portugal d'amanhã, aquelle velho era o mais novo, pela vontade forte e pelas idéas, por essa eterna juventude da alma que é o condão dos verdadeiros poetas, semeadores de utopias que o futuro transformará em realidades fecundas.

E, como affirma o Trublet da *Histoire Comique*:
«*Lentement, mais toujours l'humanité realise les rêves du sage.*»

X

De bateau-mouche

Charles Monselet, o delicioso humorista que fez da chronica uma jonglerie de graça e de phantasia, contava que depois de ter vivido trinta annos em Paris, sem o conhecer, resolvera uma bella manhã emprender uma viagem d'estudo aos seus bairros, aos seus museus, ás suas egrejas e monumentos, e que nunca o seu espirito, nos paizes distantes que atravessara, colhera impressões tão originaes e d'uma lição tão fecunda.

Paris é, na verdade, para o flaneur dotado d'um pouco d'imaginação, um incomparavel panorama cheio d'imprevisto. Para qualquer ponto que nos dirijamos, os nossos olhos deparam sempre com algum quadro ou paizagem impressionante, e o nosso espirito com algum episodio ou figura que o interessem. Só os snobs, que constituem a classe ociosa e futil a que se chama, não sei porque, o «alto mundo», ou os que querem passar por fazer parte d'elle, só os que frequentam, por pose e vaidade, os logares onde se vae mais para ser visto do que para ver, podem convictamente affirmar que se aborrecem n'esta cidade que é o resumo palpitante da vida contemporanea, e onde, sem sair barreiras, o touriste mais avido de sensações encontrará

sempre *algo de nuevo* para admirar e para gosar, sem a fadiga e o dispendio das longas viagens.

O observador que com uma simples *kodack* e um *block-notes* todos os dias a percorresse e commovidamente lhe annotasse em traços rapidos e flagrantes a multiplicidade infinita dos aspectos, faria uma obra de interesse supremo, que seria como o romance vivo da Cidade, cujos capitulos, aparentemente desconexos, teriam a harmonia de conjuncto da vida, que é a um tempo uniforme e multiforme, monotona e diversa.

Esse livro seria o meu mais ambicioso sonho d'homem de letras, se para o escrever não fosse precisa toda a vasta erudição d'uma bibliotheca — porque cada pedra, cada estatua, cada velha casa é uma pagina mysteriosa que só saberia ler e decifrar aquelle que conhecesse, até nos seus segredos mais intimos e nas suas tradições mais obscuras, a Historia innumeravel de Paris, desde que na antiguidade remota, elle era ainda o mesquinho e barbaro burgo gaulez, conhecido por este vago nome celtico *Lutecia*, que apenas significava humildemente: «morada no meio das aguas».

N'estas chronicas tão ligeiras como a poeira que o vento sacode sobre as pedras, reduzirei portanto a minha ambição a evocar esse prazer docemente egoista de flandar no meio d'uma multidão em que ninguem nos conhece e em que não conhecemos ninguem — que é um dos maiores prazeres humanos.

Ou da imperial d'estes archaicos e ronceiros omnibus onde o velho Hugo tanto gostava de meditar os seus versos divinos, ou na coberta d'um d'estes ligeiros *bateaux-mouches* que povoam o Sena do seu inquieto e diligente enxame, e por dois ou tres *sous* nos dão a

sensação cara d'uma viagem em paquete, a cidade maravilhosa nunca deixa de offerecer á nossa curiosidade e á nossa emoção o espectáculo movimentado d'um cinematographo permanente.

Longe que se vá, aos bairros mais excêntricos, por toda a parte ella nos suggere, na sua complexidade pittoresca, na sua animação incessante, aquella phrase paradoxal de Lord Beaconsfield, já citada por Queiroz: «no mundo só ha verdadeiramente interessante Paris e Londres, e tudo o resto é paizagem».



...Entre os caes de pedra denegrída, ao fino vento matinal que a arripia e franze de multiplas rugas, a agua do Sena verdeja, cambiante com as sedas de reflexos e nuances vagas de Liberty, sob as esbeltas pontes ladeadas de estatuas, continuamente echoantes do tumulto infatigavel dos automoveis rapidos, dos tramways sonoros, dos lestos fiacres, das pesadas carroças rolando n'um lento trepidar de ferragens.

Enchendo a tolda do barco-omnibus, uma pittoresca miscellanea de classes e typos, um pequeno mundo colorido, em que estão representadas todas as profissões, todos os metiers da burguezia e do povo pariziense: ménageres que vieram de Passy, d'Auteuil fazer as suas compras ás Halles ou aos armazens do Louvre e da Belle-Jardinière, com os seus saccos de rêde carregados de provisões — porque, mesmo as de elegancia mais impeccavel, no seu vestido *princesse* talhado pelo ultimo figurino, não se envergonham de transportar ellas proprias a sua salada, o seu molho de espargos

ou o seu pacote de assucar; uma *nourrice* planturosa como as paizagens de sua Normandia natal, com a grande capa escarlata e a touca de longas fitas flu-tuantes, derriçando com um zuavo rutilante no seu uniforme de arabe de opereta, emquanto o bébé anemico dorme no carro de rodas, deante d'elles; a pequena *trottin* d'olhos já viciosos, com a caixa de chapéus pendente do braço, trincando a brioche do seu almoço de *midinette*; carteiros de fardas avivadas de vermelho; operarios de amplas bluzas azues; *camelots* com os tableiros atulhados de bujigangas, sobre os joelhos; um pintor de barba á Christo e cabelleira em anneis sob as abas derrubadas do chapéu de feltro á Rubens; duas raparigas de quinze annos, em saias curtas de flanella e canotier de palha, com as raquettes de baixo do braço; um *marlou* de perfil de lagarto, que leva a um idyllio, n'alguma locanda do Point du Jour, a sua *gigolette* de cabelleira clownesca, cujo focinhito de gata maquilhada mostra a mancha roxa d'uma pisadura, sob a pupilla verde; e, pelo meio d'esta turba heteroclitica de Revista, esses eternos *touristes* inglezes, de casquete de viagem, e essas eternas *misses* d'olhos de porcellana que desde abril começam a enxamear por todos os cantos de Paris, de Baedeker em punho e com a sua machina photographica a tiracolo.

Silvando, zumbindo, o *bateau-mouche* vóa ao longo do Sena, que parece demorar-se, attento, para reflectir as torres, os corucheus, as cupulas e os frontões dos antigos palacios, cheios de lenda, d'estes caes do velho Paris, onde cada pedra fala do passado e cada esculptura relembra, estrophe immortal, um episodio da Epopeia d'um povo educado, como o grego, no culto da arte e da belleza, e como romano, no culto da

gloria e da liberdade:— o Hotel de Ville, que os architectos Ballu e Deperthes fizeram resurgir dos escombros fumegantes da Communa na pompa de seu primitivo estylo Renascença, com seus pavilhões em dômo e as suas altas chaminés esculptadas, recordando toda a serie gloriosa e sangrenta das revoluções democraticas; — em frente a ilha da Cité, onde se eleva o antigo palacio dos reis transformado no palacio da Justiça, abrigando como um relicario de pedra essa divina Sainte-Chapelle, pura joia gothica que se diria cinzelada n'um sonho mystico, e onde as torres geminadas de Notre Dame erguem nos ares a maravilhosa renda das suas ogivas, dos seus anjos, dos seus monstros alados e das suas guaritas de marmore que, ao crepusculo, quando os sinos tangerem no mysterio da sombra, parecem povoar-se, sobrenaturalmente, de todas as doloridas e chimericas figuras evocadas pelo genio de Hugo.

O barco avança, e a harmoniosa architectura do Louvre desenrola a sua fachada monumental de que o orgulho do Rei Sol fez um armorial de glorias e de que a arte de Lescot, de Jean Goujon e Paul Ponce fez a obra-prima suprema da Renascença franceza. Depois, é a ala do antigo palacio das Tuilleries que os communistas incendiaram, e onde a aguia imperial abre as azas sobre as paredes historiadas que abrigaram o tragico destino de Luiz XVI e da linda Marie-Antoinette, rainha de França e do Martyrio. Até á vasta praça da Concordia, com o seu alto obelisco, os jardins heraldicos desenhados por Le Notre vão desfilando a seguir, com os seus terraços, a tremula fluctuação verde dos seus arvoredos, a nitida brancura das suas estatuas mythologicas, que atravez dos seculos contemplaram, sor-

rindo, tantos amores galantes e ouviram, sonhando, tantos beijos como cantos d'aves.

Do outro lado do Sena, a cupula doirada do Instituto resplande ao sol matinal sobre o hemicyclo das suas arcarias corinthias; o Palais-Bourbon com o seu peristyle de templo grego, faz pendant á Madeleine distante; a *Monnaie* erige a sua columnata jonica, encimada pelas estatuas traçando no ar o seu gesto de magestade e de paz immortal. E, para qualquer ponto que os olhos se voltem, uma nova emoção d'arte e de belleza nos domina, n'esta nobre paizagem historica no meio da qual seria impossivel conceber que as almas permaneçam vulgares e as intelligencias se não afinem e exaltem em contemplações fecundas.

*

* *

Um silvo da machina. O barco pára um instante, junto ao ancoradouro da margem, todo colorido de cartazes-reclames do *Chocolat Meunier*, do *Pygmalion*, das *Folies Bergeres* e do *Olympia*, com mulheres nuas erguendo a perna, n'um fundo azul e oiro...

Os inglezes, de *kodack* em riste, desembarcam a caminho da Torre Eiffel e, no novo bando que invade a cobertura, uma bella mulher, loura e soberba como uma Venus de Milo vestida por Paquin, attrae os olhos namorados.

Novo guincho estridulo da sereia asthmatica... E o *bateau-mouche*, continua deslizando, rapido, ao longo do Sêna d'um glauco turvo d'absinto, entre os caes bordados de palacios onde o meu olhar se extasia como nas estampas d'um album colorido.

De pé, no meio das burguesinhas chloroticas e das magras creaturas do povo que enchem a coberta, a Venus que acaba d'entrar, airosa e alta n'um vestido azul colante que a molda como um tecido molhado sobre um marmore, suggere o esplendor d'uma imperial tulipa entre flôres murchas.

As pupillas attentas do pintor de barba nazarena e feltro á Rubens estudam-lhe a esbelta plastica de linhas melodiosas, as curvas elançadas dos quadris e do busto d'amphora, a pureza do oval mate da pequena cabeça d'estatua grega, que a nuvem fulva dos cabellos em ondas nimba, que o fulgor dos olhos de cilios longos illumina d'um verde ambreado e cheio de reflexos como a agua cambiante do rio.

O sortilegio da sua belleza perfeita concentra os desejos dos homens e a inveja das mulheres; e até o apache de perfil de saurio a fita com uma expressão tão violenta de ardor sensual que a *gigolette* d'olheiras pizadas que o acompanha, cravando-lhe as unhas n'uma das mãos tatuadas, exclama entre os dentes contrahidos de raiva ciumenta:

— *Qu'est-ce que tu as à la zieuter, cette gonzesse là, sale muffle!*...

Na translucidez argentea das nuvens que boiam sobre o azul esmaiado do céu de faiança como fumos, na luz fluidamente cinzenta d'esta primavera hesitante de Paris em que se retardam ainda arrepios e brumas d'inverno, os choupos eticos das margens, as cupulas e esculpturas do Grand e do Petit Palais emergindo para além das verduras pallidas do Cours la Reine, esfumam-se em tons vagos d'aquarella, como no fundo indeciso d'uma paizagem quasi irreal de Vegler, o pintor das atmosferas humidas e dos climas friorentos.

As pontes succedem-se, ligando a vida tão diversa das duas margens: e são, todas decoradas d'ornatos que assignalam, na sua successão d'estylos toda a evolução da arte e da historia de Paris desde o seculo XVIII, a da Concordia, que Perronet construiu com as pedras da Bastilha, assente nos pilares maciços sobre os quaes se erguiam as estatuas dos generaes do Primeiro Imperio, que a Restauração substituiu pelas dos seus grandes homens, e que a Republica, por sua vez, exilou para Versailles; a de Alexandre III, traçando no ar a ampla curva elyptica do seu unico arco d'aço, com os pezados lampadarios de bronze e os quatro leões que de cada lado a guardam; a dos Invalidos, que Dieboldt e Vilaris decoraram de Victorias esbeltas; a d'Alma, com o orgulho marcial das suas quatro estatuas glorificando as campanhas da Crimeia; a d'Iena, sobre a qual vôam as aguias napoleonicas...

E depois da nobre paizagem cheia de recordações d'um passado de legenda, é o decor do Paris moderno, o triumpho da architectura industrial, em que o ferro começa a predominar sobre a pedra, em todo esse espaço onde a Exposição de 1900 fez surgir uma cidade scenographica de feeria, uma magica Veneza ephemera que apenas hoje recordam, à esquerda, no vasto Campo de Marte, rapado e esverdeado como um velho tapete de retalhos, o colossal candelabro da torre Eiffel, banalizada em tantos bijus-reclames, dominando Paris com a desproporção e a dureza das suas linhas geometricas, como o gigantesco symbolo d'uma época inesthetica; ao longe, parada no ar, a Grande Roda, negra e viaja, por cima dos telhados; e do outro lado do Sêna, ao alto dos canteiros rasos do *square*, o Trocadero com a pretenciosa architectura oriental da

sua rotunda ladeada pelos esguios minaretes que fazem lembrar dois braços erguidos sobre um ventre de Fatma obesa, n'uma pose lubrica do serralho.

*
* *

Passy! A frescura verde dos pomares rejuvenescidos pela primavera, de que destacam telhados vermelhos de *chateaux* burguezes e claras villas no meio de jardins cuidados onde os cachos brancos e roxos dos lilazes já florescem...

Entre a ponte de Passy e a de Grenelle, a ilhota estreita dos Cysnes alonga-se, elevando sobre o rio, como um farol de bronze, a redução da *Liberdade illuminando o mundo* do americano Bartholdi. E resfolegando, ao rythmo da machina asthmatica, o *bateau-mouche* vae seguindo ao longo do Sena, cujo aspecto muda como o das margens, agora orladas d'armazens soturnos, d'usinas eriçadas de chaminés negras d'onde o fumo espirala, continuamente tumultuantes do ruido das cargas e descargas, do rangido aspero dos guindastes, do rolar das carroças de ferragens.

Terrenos vagos, obstruidos de materiaes de construcção, de montes de pedregulho e areia, onde veem desembocar tristes ruellas de *faubourgs* populares, empavezadas de roupa suja a secçar pelas varandas; natureza escoriada, côr de gangrena e de verdete, exhalando o typho e a malafia, sem outra verdura além das hervas leprosas em que dormem, prostradas como trouxas de farrapós, cosendo o vinho, os *rodeurs* e os *souteneurs* que esperam a noite para roubar ou para matar; paizagem purulenta e famelica da *banlieue* de

Paris, quem poderá exprimir como Raffaelli a sombria desolação, a taciturna melancholia dos teus aspectos!

Nas bareças chatas, atulhadas de fardos que veem do Havre, uma infancia semi-núa e escróphulosa brinca, enquanto os paes mourejam, cobertos de suor apesar do frio, e as mães fazem a cozinha a bordo. Cães magros erguem-se sobre as patas para ladrar á passagem do vapor. Mas immoveis, ao longo das duas margens, como sentinellas, os pescadores á linha nem sequer levantam a cabeça, absorvidos n'uma contemplação de fakires.

Alguns d'estes philosophos teem sobre-casacas rapadas, velhos chapéus altos, barbas d'apostolos famintos. Poetas sem editor, pintoros sem tégelas, professores sem discipulos, chefes de familia sem morada certa, escoraçados de todas as profissões, párias de Paris, o Sena é o seu ultimo recurso: é elle que lhes dá de comer, que lhes embala os sonhos, debaixo das pontes onde dormem, e que por fim os acolhe, no seu derradeiro somno, o glorioso e misericordioso Sena, cheio de lendas e de cadaveres.

*
* *

Para lá das pontes de Mirabeau e da d'Auteuil tão curiosa com o seu tunnel e os seus dois taboleiros, as colinas de Meudon e de Saint Cloud esbatem no ultimo plano uma mancha violacea sobre a qual gazes de fumo se azulam e arvoredos se diluem em tonalidades surdas d'agatha e aventurina.

Um raio de sol filtra entre os flocos das nuvens, doura um instante a agua frisada. E Auteuil surge, na volta do rio, com os seus cafés-concertos cujas sinetas

se põem a chamar, estridulas, os clientes provaveis do barco que chega.

Depois das fortificações, as *guinguettes* do Point du Jour, que são as «hortas» do povo parisiense: alpendres desmantelados, caramachões decrepitos, baiúcas brochadas de côr de vinho, listradas d'azul e d'amarelo, com taboetas gritantes — «*Au rendez-vous des amis fideles du Pere Lapin*», «*Au Gaspard le Pêcheur!*»

Sob ramadas, realejos mechanicos móem a *Viens Poupoule!* e o *Petit Panier*. Velhas frigem batatas e gatos, em certãs de feiticeiras. Nos trapezios e balouços vãos de sáias brancas de grizettes que guicham, riem excitadas. Malandrins de blusa jogam a bóla nos terreiros. Cyclistas deslizam, n'um retinir de campainhas. O cheiro acre das frituras nauseaa.

A' esquerda, na ilha Robinson, bandeiras drapejam: pares reviravolteiam entre as arvores. Mais adeante, joga-se o *foot-ball*, o *tennis*, o *cricket*. Corpos ligeiros correm, vestidos de flanella branca. Bustos ageis, em camisolas vermelhas e azues, curvam-se, pulam nas attitudes airosas dos jogos physicos.

E o rio segue, envolvendo no seu liquido abraço fugidio outras ilhas, a de Saint Germain com as suas officinas militares, a de Seguin, com o seu tiro aos pombos, todas coloridas de cartazes do *Petit Parisien* e da *Belle Jardinière*.

Ao passo que a perspectiva de Paris se perde cada vez mais, atraz de nós, nos longes azulados, as margens vestem-se de verduras mais viçosas. Curvas de collinas ondeiam sobre o rio, a cada volta: Billancourt, Bas Meudon, Bellevue com o seu funicular, Sévres com a sua fabrica de porcellanas celebres, e ao fundo, em amphitheatro, Saint Cloud com o seu *chateau* e a sua

torre elançada que lhe dá um tão lindo ar d'aldeia remota. Que maravilhosos recantos de paizagem, com solitarios chalets emboscados entre choupaes e salgueiros, á borda d'agua!...

E olhando a esplendida Venus loura penso, no encanto de viver alli a adoral-a, a segredar-lhe em extase mil coisas vagas e dispersas, voluptuosas como uma pagina d'Annunzio e tristes como um poema de Verlaine, n'um idylio chymerico em que as nossas duas almas absortas esquecessem a inutil fuga das horas, a vulgaridade brutal de viver!

Como ella é bella, da imperiosa e desdenhosa belleza das estatuas, com seus claros olhos impenetraveis e altivos, em que dir-se-hia etherizar-se o vago que mysterisa, n'uma expressão de reveria indecifavel, as pupillas da Gioconda de Vinci! Em que desconhecida aspiração ou irreparavel enfado fluctuará a sua alma dolente e nostalgica de princeza exilada?...

O seu rosto grave não se ergue do volume que lê, encadernado em pergaminho, como um livro d'Horas. E quasi acho insolento a fixidez com que a contempla, ha dez minutos, esse descarado *rapin* de Montmartre, com o seu ridiculo chapéu á Rubens...

De subito, vejo o olhar de Venus luzir, deter-se, sob os cilios longos que o velam como uma cortina. Um segundo apenas, um relampago!... Mas é quanto basta para me revelar, bruscamente, a psychologia d'essa alma de parisiense nevrosada por todos os vicios, exacerbada de sensações perversas, avida de inconfessaveis luxurias — porque aquelle a quem o seu olhar procura (com que eloquente insistencia!) é o ignobil apache de cabeça de reptil e de mãos tatuadas que lhe corresponde n'um sorriso rapido!

E o pintor que surprehende tambem este *flirt* obsceno, troca commigo um mudo olhar de decepção amarga e de humilhada ironia...

Mas já o *bateau-mouche* pára. E com mais uma desillusão, desembarco a caminho do parque abandonado de Saint Cloud onde, até ao cahir da noite, vou encher a minha imaginação de toda a maravilhosa belleza d'esse passado hellenico em que a Voluptuosidade illuminava a vida d'uma alegria sã, tão differente da morbida tristeza que tem hoje, n'esta perversa Athenas da nevrose.

XI

«Aphrodite»

Paris continúa d'uma fertilidade theatral verdadeiramente febril. Só por um milagre de memoria poderia indicar-lhes, sem lacunas, a fatigante lista das peças que cada semana surgem e desaparecem, tão ephemeramas e ligeiras como a poeira do *boulevard* que um instante fulge, n'um raio de sol, e que logo o vento dispersa.

Se tivesse ainda o optimismo ingenuo de acreditar nos criticos — e ninguem mais do que elles mente com olympico desplante n'este jovial jornalismo parisiense onde os reclames de theatros são pagos, não com dois modicos *fauteuils*, como no da nossa terra puritina, mas a notas de Banco — nunca infimos cabotinos se revelaram mais cheios de genio e mediocres plumitivos mais desbordantes d'espírito e de talento.

Ora, a verdade é que, n'essa *mayonnaise* de dramas e comedias em prosa e verso, mais ou menos apimentada ao sabor d'este gastralgico publico de *cocottes* e de *fétards*, raras são as que possam provocar uma fugidia emoção esthetica. Entre as que não vi e aquellas de cujo titulo nem sequer me lembro já, a unica que realmente está destinada a uma victoriosa carreira

é, na Opera Comica, a *Aphrodite*, que Luiz de Gramont extrahiu do romance celebre de Pierre Louys, e que inspirou ao maestro Camille Erlanger uma das mais vibrantes partituras do theatro francez contemporaneo.



« ..Estava núa como a deusa; com ambas as mãos segurava as pontas do véu escarlata que o vento fazia fluctuar sobre o céu crepuscular, tendo tambem na direita o espelho onde se reflectia o sol poente.

«Lentamente, a cabeça vergada n'um movimento d'uma graça e d'uma magestade infinita, subiu a rampa exterior. O seu véu palpitava como uma chamma. O crepusculo abrazado dava ao colar de perolas reflexos avermelhados de rubis.

«Ia subindo, e n'esta gloria, a sua pelle resplandecente arvorava toda a magnificencia da carne, o sangue, o fogo, o carmim azulado, o vermelho veludoso, o tom vivo das rosas, e, torneando as grandes muralhas de purpura, ia ascendendo para o céu...»

Com o nimbo d'ouro dos cabellos apartados em bandós cingidos pela *bandelette* grega, o agil corpo d'ingleza airosa movendo-se em attitudes esculpturaes sob o alvo peplum diaphano que lhe modela as curvas dos seios e dos quadris, a actriz Mary Garden evoca, no deslumbramento da sua seminudez hieratica e lasciva, esta pagina em que Chrysis-Aphrodite, bella como a Mentira, heroica como a Verdade, transmuda n'uma subita adoração o odio da população exasperada

pelo triplice crime de Demetrius, o esculptor que para a possuir matou, roubou e profanou.

«*E dar-te-hei mais beijos na bocca do que perolas ha no mar...*»

Toda a opera, do primeiro ao ultimo acto, é realmente isto: uma suspirante, languida, fluida harmonia de beijos, um tremulo e luzente mar de perolas rolando ao luar, n'uma praia d'Alexandria, entre o esplendor d'um scenario em que o prestigioso pincel de Jus-seaume, esse decorador de genio, realisou o mais extasiante prodigio de côr, de mysterio, de sonho, em nuances que dir-se-ia translucidarem-se como fumos, espargirem-se como volatilisações de pedrarias.

Não é só um encantamento para os ouvidos, é sobretudo uma festa radiosa para os olhos: e essas duas sensações alliam-se n'um tão intenso conjuncto de belleza que, ao terminar o drama musical, a nossa unica aspiração é vel-o e ouvil-o de novo, e sempre com a mesma plenitude d'extase e de maravilhamento.

E mais uma vez é curioso notar que a mesma Critica que com tão generosa indulgencia exalta ás nuvens tanta obra inferior, não deixou passar sem azedumes esta peça que é, a par do *Glatigny*, de Mendés, a mais authentica manifestação d'arte theatral, na actual epocha. Não faltou quem começasse por atacar o romancista, pretextando que o assumpto da *Aphrodite* é d'uma indigencia da vida deploravel e que, suprimindo a graça picante dos episodios, a sua obra se resume n'uma intriga erotica sem materia sufficiente para um drama lyrico. Segundo outros aristarchos, Luiz de Gramont não conseguiu que a atmos- phera voluptuosa do romance revivesse na sua adaptação scenica, e por fim, que o maestro Camille Er-

langer, querendo evocar o tumultuaria civilização alexandrina, produziu uma obra de ideologo e não de musico, prejudicada por uma desproporção flagrante entre o thema e a orquestração. Não sei que critico chegou mesmo a affirmar que a sua exuberancia polyphonica é mais adequada a um *music-hall* do que ao palco da Opera-Comica.

Mas o publico, applaudindo-a e enchendo o theatro todas as vezes que ella sobe á scena, mais uma vez prova que as vozes dos criticos — não chegam ao ceu... De resto, a *Aphrodite* será cantada nos principaes palcos da Europa e da America. Terão egualmente os empresarios de S. Carlos e de S. João a idéa luminosa de a revelarem a esse bom publico da nossa terra, tão servilmente condemnado todos os annos á repetição do *Trovador* e do *Elixir d'Amor*? Que Apollo e Ernesto Maia, seu propheta, os illuminem!...

*
* *

Como descrever-lhes, sem o verbo eloquente da musica, sem o colorido dos *decórs* e sem a evocação da *mise-en-scene* perfeita, todo o «argumento» da *Aphrodite*?...

A acção passa-se em Alexandria, quando a adolescente humanidade vivia ainda esplendidamente liberta do pesadelo semita do Christianismo, e a unica religião das almas era o luminoso Paganismo exaltado por João Grave na prosa lapidar do *Ultimo Fauno*, que lembra a impeccavel pureza das fórmãs que o cinzel dos estatuarios gregos esculpiu nos vasos esbeltos.

No molhe de Heptastade, as cortezãs que passam sob o esplendor do luar que prateia o céu e o mar, param para escutar, enlevadas, as duas tocadoras de flauta, Myrto e Rhodis, que cantam as legendas de Pan e da nympha Syringe. A melodia suave do duetto sobe, vibra e morre como um cantico, entre o côro das ondas, celebrando a magia dolorosa e dôce do eterno desejo, do divino Eros, rei do mundo.

Atravez da multidão que n'essa noite enche d'alegres cantos os caes illuminados para a festa das Aphrodisias, apparece Demetrius Saís, o esculptor famoso pela sua belleza e pelo seu genio. Em todo o Egypto, elle é o primeiro dos homens. Quanto a imaginação pôde ambicionar na terra, tudo elle possui: riquezas, glorias, — e o poder supremo de dominar os corações das mulheres.

A rainha Berenice, a filha de Ptolmeu, a irmã de Cleopatra, ama-o como uma escrava. E foi deante do seu gracil corpo nú que elle modelou a imagem d'Aphrodite que se ergue no templo branco, entre os myrtos.

Mas desde que encarnou n'essa fôrma perfeita o seu ideal, inutilmente todas as mulheres se lhe offercem humildes e subjugadas. Indifferente, no seu desdem idealista da materia, Demetrius só ama a sua chymera d'artista.

A velha chiromante Chimairis, que passa, lê-lhe na mão esta signa tragica: «Vejo toda a felicidade no teu passado. Vejo todo o amor... perde-se no sangue... no sangue d'uma mulher... e depois o sangue d'uma outra mulher... e depois o teu, mais tarde.»

A pouco e pouco dispersa-se a multidão. No molhe deserto até ao Pharol, ante o mysterio do mar e da

noite, Demetrius medita no mysteriø analogo do seu destino...

Mas uma mulher surge, na magia do luar, uma cortezã da Galileia que mais parece uma deusa da Helade: Chrysis, a de cabelleira doirada como o sol da Africa, e d'olhos profundos como o abysmo azul da noite estrellada, a de sorriso enigmatico como o das esphynghes do deserto.

E deante d'essa silenciosa mulher que passa, sem o vêr, sem o olhar sequer, aquelle a quem as rainhas amam sem esperanza e aos pés de quem as multidões se rojam, sente o seu orgulho de dominador pela primeira vez dominado. Em vão lhe offerece todo o oiro do Egypto que enche as suas arcas d'ebano. «Tenho-nos meus cabellos!», responde a cortezã, n'um desdem de soberana. E aquella que todos os braços podem cingir, só corresponderá ao seu desejo se elle lhe entregar em troca dos beijos da sua bocca que conhece todas as caricias sabias, tres joias, — mas tão raras, tão difficeis de obter, que para lh'as dar, Demetrius terá de roubar a Bacchis o espelho em que Sapho se mirou, de arrancar da cabeça sangrenta de Tuní, a esposa do Grande Sacerdote, o seu pente d'oiro e pedrarias, e de arrebatrar do seio de marmore d'Aphrodite o collar de sete voltas, cujas perolas miraculosas são as gottas d'agua do mar que sobre o corpo da Deusa rolaram, quando entre as espumas brotou, mais alvo do que ellas.

E n'um delirio em que a musica canta o extase da paixão, em turbilhões d'harmonias ardentes como supplicas, afagantes como caricias, Chrysis afasta-se, na claridade da noite religiosa, enquanto sobre as pedras do molhe, o mar soluça, á lua, a ballada do impercível e indomavel desejo.



Ao dealbar da madrugada que gradualmente tinge de nuances de violeta, de purpura e de laranja as verdes folhagens do bosque sagrado que rodeia o templo d'Aphrodite, o décor do segundo acto é uma obra prima de tons fluidos que extasiaram o olhar de Puvis de Chavannes. E que baixo-relevo de linhas, d'attitudes, o d'essa procissão branca das cortezãs d'Alexandria, que nas suas clamydes ondulantes, coroadas de rosas, veem depôr as offerendas aos pés da Deusa! Sob o alvinitente e tremulo vôo das pombas, em poses hieraticas, ao som da musica lenta, ellas enchem a scena d'uma hallucinante ronda d'esculpturas animadas. Como encadeadas pelos braços nús, grinaldas vivas, volteando em cadencia, curvam-se, ondeiam, espiralam como miraculosas flôres-fadas, bailando n'uma luz de feéria. Sob os finos veus fluctuando como nevoas, á flôr d'um lago, cada um dos seus movimetos é um cantico, cada um dos seus gestos é um hymno plastico, celebrando a religião do Rythmo.

Por sua vez, Chrysis depõe aos pés de Aphrodite o seu pente d'oiro, o seu espelho de prata e o seu collar d'esmeraldas. Quando o Grande Sacerdote lhe pergunta o que pede á Deusa, responde enigmaticamente: «Nada!»

E Demetrius que durante a noite, escondido no templo, hesitou deante do horror do sacrilegio, ao vê-la de novo, logo que a procissão sáe do templo, escala o pedestal, arranca o collar sagrado e foge com elle escondido no peito.

O festim em casa de Bacchis, no terceiro acto, é

uma orgia requintada e barbara, em que a orchestração d'Erlanger exprime, entre o tumulto dos risos, das canções, das danças, dos beijos e dos gritos, todo o pathetico, terrivel e magnifico paroxismo d'uma raça que agonisa n'um delirio d'eroticismo, de vinho e de sangue. No meio d'esse banquete d'uma sensualidade asiatica, sob a chuva perfumada das rosas que se desfolham sobre os leitos e sobre as taças de phalerno, ha a especialisar sobretudo a dança das espadas, executada pela bailarina Regina Badet. Um poema encarnado n'uma mulher, um voluptuoso poema anachreontico, cujas estrophes ardentes são as suas pernas e os seus braços movendo-se em curvaturas do mais harmonioso lyrismo.

Quando Théano desperta do espasmo hysterico que por fim a prostra, exanime, sobre um leito, Bacchis ordena que lhe tragam o seu espelho precioso, para que a bailarina componha os cabellos desnastrados no turbilhão da dança. A mais bella das suas escravas nubias, Corina, que n'essa noite devia ser liberta, annuncia, aterrada, que o espelho fôra roubado. N'uma crise de colera sanguinaria, Bacchis, accusando a escrava innocente do roubo, arrasta-a para uma sala contingua onde é crucificada. E entre o tragico horror dos gritos da suppliciada, Chrysis, certa do triumpho, corre ao atelier do esculptor, para pagar finalmente com o seu corpo o pacto de amor e de sangue.

Mas, depois da vertigem d'esse primeiro beijo de paixão delirante que um instante os une, Demetrius repelle e amaldiçõa a inspiradora dos seus crimes, n'uma revolta do orgulho que renasce, mais violento ainda por ter sido calcado aos pés d'uma cortezã. E' agora a vez d'ella se prostrar n'uma supplica

d'escrava, ante o homem a quem ama — desde que a repelle. De rojos, estende-lhe os braços nús, que não tem já força para o prender no seu lubrico collar carnal, e jura, beijando-lhe as sandalias, que para lhe provar que o seu amor não é uma mentira, cumprirá, tambem ella, o sacrificio que lhe impozer, por mais cruel que seja.

E eis que, n'esse instante, atravez das janellas abertas do atelier, chega o echo dos clamores do povo d'Alexandria, que nas ruas e praças, pede a morte para o auctor dos crimes descobertos.

Demetrius exige então que Chrysis se apresente ante a plebe, núa como a Verdade, com o pente nos cabellos, o collar ao pescoço e o espelho na mão. Sósinha, branca como as estatuas, sublimemente impassivel no seu desdem heroico de sacrificada, Chrysis parte, ao longo das muralhas do Pharol, na gloria do sol poente sobre o mar. E o sortilegio da sua nudez divina, sob as prégas fluctuantes do véu escarlate, é tão poderoso, que o povo, a principio, ao vê-la, adora-a e acclama-a, n'uma apothese triumphal, imaginando-a a propria Aphrodite.

Mas breve a illusão da turba se dissipa, e presa, é condemnada a suicidar-se, bebendo a taça de cicuta que o carcereiro lhe traz. Moribunda, no delirio da agonia, a cortezã amorosa em vão se ergue sobre o catre da prisão, a vêr se avista aquelle por quem morre. Apenas as duas pequenas mendigas, Rhodis e Myrto, se lembram d'ella para lhe vir cantar o derradeiro adeus e para lhe beijarem, ajoelhadas nas pedras da rua, as duas brancas mãos trementes como azas que a encarcerada lhes estende, atravez das grades.

Quando Demetrius entra na masmorra nem sequer a triste levará para a morte, nas pupilas geladas, o viatico do seu olhar. E são as duas pequenas tocadoras de flauta, a cujo som a sua voz alegre tanta vez cantou nas festas e nos banquetes os hymnos d'Aphrodite, a deusa das caricias e dos espasmos, — são as duas mendigas d'amor que no ultimo quadro a levam nos braços para a enterrar, de noite, entre os cyprestres do Bosque d'Hermanubis...

E no mysterio, na morte, na muda elegia do luar branco sobre uma cova esquecida, assim finda, depois de todo esse doido ardôr de voluptuosidade, de todo esse alegre tumulto de danças pagãs e de canções dyonisiacas, este admiravel drama musical que deixa nas almas — como a antiga voz do Mar, nas conchas, — um echo de nostalgia infinita pela era d'oiro d'uma raça morta que legou aos seculos a mais pura memoria de belleza, sobre a terra.

XII

A festa das Aguas

N'este primeiro domingo de maio, tão fulvo de sol que todo o céu parece rutilar e vibrar no inesperado ardôr d'um estio precoce, o parque de Versailles, tão nostalgicamente solitario nos dias de semana, tem o movimentado aspecto d'um arraial ou d'uma feira.

Desde manhã cedo, os comboios innumeraveis que partem das *gares* de Saint Lazare ou de Montparnasse, os *tramways* do Louvre e os automoveis da praça da Opera, transportaram sem descanso os milhares d'estrangerios que ao chegar a primavera invadem Paris, em cerrados esquadrões disciplinados, sob o commando auctoritario dos guias da Agencia Cook. E toda essa multidão cosmopolita se espraia, ondeia, alastra como uma immensa maré trasbordante, conquistando os melhores logares, tomando d'assalto os pontos mais estrategicos, para contemplar o espectaculo famoso das Grandes Aguas, que custam, de cada vez, uma dezena de mil francos ao Estado.

Em face da fachada monumental do faustoso castello de Luiz XIV, agglomerada na escadaria de marmore, apinhada nos terraços, formilhando entre os quinconcios, inundando as grandes avenidas, fluindo e refluindo pelas áleas que sinuam ao longo dos vastos

canteiros verdes e dos altos arvoredos, cercando os tanques e os lagos, toda essa turba exotica se agita no esplendor da luz d'oiro, n'uma animada mancha movediça de fatos claros, de vestidos primaveraes, de chapéus de palha floridos, — densa seara viva, sobre cujo tremulamento luminoso as umbrellas escaurates ardem como chammas de papoulas. Todas as linguas, n'um *brouhah* confuso. Todas as raças, n'uma miscelanea babèlica. Typos de todos os paizes e de todos os continentes: — inglezes de duros perfis felinos, em fatos cinzentos e casquettes de viagem; *misses* de cabellos côm de mel e olhos verde-mar, em vestidos brancos de fustão; russos neurastenicos e silenciosos, de cabelleiras e barbas espessas; slavas esguias, de bandós ondulosos, d'olhar serio e profundo; allemães de bigode uniformemente á Kaiser, athleticos, espartilhados como officiaes da guarda imperial; *fräuleins* plantorosas e calmas, d'ar sentimental; italianos languidos, em attitudes de tenores d'opera; romanas esbeltas de cabeças marmoreas d'estatuas amorosas; castelhanos trigueiros e faladores; andaluzas de pupilas humidas e ardentes, vestidas de côres gritantes; *yankees* glabros, de queixo voluntarioso e norte-americanas de *toilettes* excentricas, mostrando as meias bordadas, até ao joelho; brazileiros morenos, de gestos lentos, e *sinhás* de epidermes de magnolia e olhares quebrados de morbidez creoula; mexicanos coriscantes de joias; levantinos de fêz vermelha; japonezes amarellos, de mascaras simiescas e olhos obliquos, estresilhados na rigidez do traje europeu; e, destacando na alvura immaculada dos alburnozes fluctuantes, dois arabes, com a indolencia desdenhosa e grave da sua eterna melancholia oriental.

Como destôa grosseiramente, esta rumorosa turba

contemporanea, na magestosa amplidão do nobre parque de Versailles, desenhado por Le Notre! Como ella faz melancolicamente evocar, na sua vulgaridade democratica, a gloria e a pompa do passado legendario, as festas galantes do grande seculo, quando a Pompadour e a Dubarry dominavam com a graça da belleza e do espirito essa côrte do Rei-Sol, cuja memoria resplande como illuminada pela aureola d'uma perpetua apotheose, ou sob o reinado de Luiz XVI, quando a linda Maria Antonietta e as suas damas de nomes de deusas gregas, preciosas e polvilhadas nas sêdas floridas dos seus vestidos *à paniers*, embarcavam para o Petit-Trianon, nas gondolas empavezadas do Grande Canal, ao som dos bandolins soluçando os minuets de Mozart e as arias do cavalleiro Gluck.

Watteau! Lancret! Que a poesia e a belleza das vossas telas console ao menos a nostalgia d'aquelles que n'esta era material e brutal, de vicio sem requinte e de luxo sem elegancia, possuem ainda o miraculoso condão de reviver, pelo sonho e pela arte, nos jardins encantados do Passado!...

*

* *

Quatro horas da tarde. Um longo fremito agita de repente a viva massa humana, oscillando n'uma gigantesca onda, ao longo do parque vibrante sob o sol que chameja. N'um instantaneo impulso de curiosidade, os que estão por traz dos outros empurram-se, acotovelam-se, erguem-se nas pontas dos pés, para vêr melhor. As umbrellas fecham-se, como azas multicores. As mulheres, com gritinhos de passaros, trepam às cadeiras,

equilibram-se, em attitudes elançadas, nos balaustres da escadaria de marmore. D'entre os arbustos em piramides verdejantes que a ladeiam, brota uma floração subita de cabeças avidas. Um banco estala sob o peso d'um allemão enorme. Ao meu lado, uma velha ingleza, pizada, com o chapéu rôxo amachucado, cacareja *oohs!* indignados, *shockings!* gutturaes de protesto que ninguem attende. Uma americana de cabellos flavos espumando sob o *panamá* derrubado, apoia-se ao meu hombro para escalar o plinto d'um Fauno de bronze, e agil como um gymnasta adolescente, enlaça n'um abraço o pescoço do deus felpudo e sorridente. Dois hespanhoes, mais longe, erguem nos braços uma andaluza trigueira, que ri, com dois cravos a arder no seio, como duas brazas. As conversas poliglotas emudecem. Milhares d'olhos curiosos concentram-se no mesmo ponto. E de toda essa multidão cosmopolita, fremente, suspensa, um unico *ah!* de surpresa satisfeita rompe, no silencio do immenso parque real, entre a impassibilidade das altas arvores seculares e a branca immobilidade das estatuas, eternamente indifferentes no seu orgulho olimpico, guardando as visões d'outrora na sua cegueira divina.

Do tanque de Latona, sobre o grupo marmoreo em que o cinzel de Marsi esculpiu a harmoniosa attitude maternal da deusa cingindo Apollo e Diana, entre as rãs, as tartarugas, os lagartos doirados que a cercam, o primeiro jacto, esguio como a haste de um alto lirio ascende na luz fulva, para o azul do céu limpido. Um segundo, a agua hesita, parte-se em hastilhas luzentes, como uma flôr de vidro, recáe, sóbe de novo: e no ar desbrocha o esplendor niveo da sua liquida corola. E logo nos outros tanques, um, depois outro,

depois dez, vinte, cem, multiplos jactos se enlaçam em espigas rutilantes, irradiam em palmeiras de jaspe, dardejão em *geysers* de chamma branca, esfuziam em girandolas de crystal, golfam em jorros de nikel fundido, curvam-se em arcos d'alabastro, espargem-se em cabelleiras de neve, recãem em geadas d'açucenas, brotam em corimbos de lilazes, espiralam em volutas de conchas, entrelaçam-se em grinaldas d'azaleas, enrolam-se em diademas de diamantes, gottejam em salpicos de perolas, erigem-se em stalactites de gèlo, resaltam em cascatas de prata, pulverisam-se em poeiras d'opalas, diluem-se em vaporisaçõs translucidas de lua.

Ao fim do Tapete Verde, a agua luminosa irrompe das guellas hiantes dos golfinhos, das buzinas dos trições que rodeiam a quadriga solar do tanque d'Apollo. E por toda a parte, em todas as direcções, das bôcas escancaradas dos satiros do tanque de Bacho, dos babinos do tanque de Saturno, das vestaes do tanque do Espelho, do gigante Etna do tanque do Encelado, dos Cupidos dos tanques de Ceres e de Flora, dos dragões do tanque de Neptuno, dos cem tubos do chafariz do Obelisco, dos rapuchos das taças do bosque da Colum-nata, das bicas da fonte da Piramide, os jactos vivos surgem, vibram, resplandem, entre as ramagens viridentes, ao fundo das áleas e dos quinconcios, no meio das alamedas e dos canteiros relvosos, celebrando no velho parque a festa da Agua mobil, fluida, volubril, cambiante, fecunda, da Agua eterna como a vida, da Agua divina como a luz.

Sobre a multidão de cabeças erguidas e attentas, de bôcas entreabertas n'uma surpresa muda, d'olhos fitos n'uma expressão infantil d'espanto maravilhado,

é como a feeria, o deslumbramento chimerico d'um rutilante jardim aereo, miraculosamente evocado pelo magico poder d'uma Fada invisivel: uma aquatica flora de prodigio reproduzindo todas as fórmulas da natureza e do céu, todas as apparencias das materias flexiveis e fluidas, e que a cada instante refloresce e se desfolha n'uma chuva argentea de petalas que o sol iriza.

E quando por fim o encanto cessou, e lentamente a multidão dos estrangeiros começou a dispersar-se, o que eu senti foi a desalentada tristeza de não ter em vez d'uma dura e aspera pena, o pincel de Latouche ou de Whistler, os pintores visionarios dos reflexos e das nuances, para reproduzir em toda a sua extasiante symphonia de tintas, a visão inolvidavel d'essa Festa das Aguas, no velho parque heraldico de Versailles.

XIII

O «hameau» de Marie-Antoinette

Emquanto a multidão Cook, terminada a feeria das Grandes-Aguas, se espalhava pelas avenidas de Versailles, acordando os éccos adormecidos dos quinconcios com o tumulto barbaro das suas mil vozes estrangeiras, veio-me bruscamente o desejo de rever os jardins do Petit-Trianon, onde todas as coisas, as velhas arvores, os rochedos musgosos, as estatuas pensativas, os regatos segredantes, teem um aspecto de melancholia e de saudade, como se exprimissem, resignadamente, um grande lucto indefinido.

Embarquei n'um dos pequenos barcos automoveis do Grande Canal, onde outr'ora fluctuavam ao vento, nos crepusculos d'oiro, as flamulas e as velas desfraldadas da flótilha real, e onde agora só se ouvem, ao domingo, os gritos e os risos boçaes dos caixeiros *sportsmen* que tripulam as guigas, em mangas de camisa. E d'ahi a pouco encontrava-me no luminoso socego d'esse jardim encantado que Luiz XVI, ao subir ao throno de França, offereceu a Marie-Antoinette, com esta phrase de uma galanteria tão rara n'esse espirito vulgar de burguez, bondoso sem ternura e simples sem candura: «Como gosta tanto de flores, tenho um *bouquet* para lhe dar; é o Petit Trianon!»

Mais que no pequeno pavilhão de marmore, construido por Gabriel e esculpido por Guibert para abrigar as orgias senis de Luiz XV, e que o delicado gosto de Marie-Antoinette transformou n'um discreto *home* onde, como o principe de Ligne dizia, «se respirava um ar de felicidade e de liberdade, a cem leguas da côrte»; mais que no interior d'essas cinzentas salas desertas, onde as grinaldas de rosas dos Amores emolduram as visões desmaiadas dos pasteis de Watteau—é sobretudo no parque de estylo inglez, em cujo plano ella mesma collaborou com o architecto Mique e o pintor Hubert Robert, que a figura d'essa rainha d'egloga que a desgraça e o martyrio sagraram, resurge aos nossos olhos no seu verdadeiro quadro de belleza triste e de imperecivel saudade.

Por estas tardes de maio, em que a adolescencia amorosa da natureza se exalta, como uma virgem, na febre e na ancia do voluptuoso triumpho do estio, sem pensar na dôr e na agonia do outomno que a espera; por estas tardes lyricas em que tudo fala aos sentidos e ao coração de idyllios e de oaristos, como este logar de sonho exhala uma nostalgia mais evocadora!

No seu romantico scenario d'opera, tão differente da pompa simetrica, da solemne geometria de Versailles, este jardim maravilhosamente candido, com as suas aguas vivas espumando nas cascatas rusticas, o seu templo de Cupido, os seus palanquins chinezes, os mysteriosos meandros das suas áleas colleando entre arvoredos, as suas pradarias estrelladas de botões d'oiro e nevadas de margaridas, é bem a imagem natural da tua alma infantil e chimerica de allemã sentimental, ávida d'amar e de ser amada, oh branca rainha d'olhos azues para quem a vida era uma pastoral de Gessner, um

minuete de Mozart, um romance de Rousseau, e para quem toda a ambição de felicidade se reduzia a este simples desejo: «viver entre flores, paisagens e Watteaus».

Porque, de todas as mulheres, tu eras a mais divinamente mulher, no meio d'essa côrte severa, pomposa, hirta, que tu escandalisavas com a ironia espontanea dos teus ditos e a alegria exuberante dos teus vinte annos; que te achava *coquette*, impertinente, frivola, estouvada, porque amavas a vida, o prazer, as festas, os bailes, todas as distrações e todos os gosos da tua idade; que te calunniava e odiava, porque tinhas a belleza, o espirito, o encanto supremo que a inveja não perdôa — mesmo ás Rainhas.

Na natureza, como na vida, tu que nasceras para reinar, o que mais detestavas era a etiqueta, e o que procuravas era a simplicidade, o silencio, para sonhar. A's pedrarias da tua corôa, preferias as flôres de campo com que enfeitavas o teu chapéu de palha; aos veludos e arminhos do teu manto, um vestido de percale como o da mais humilde costureira do teu reino; e ao teu sceptro, uma rôca de pastora...

Atravez d'esse velho parque abandonado, onde tudo falta de ti e da tua morte, nunca, como no silencio d'esta tarde doirada, eu senti o encanto dominante da tua invisivel presença, e essa misteriosa impressão de *never-more* que s'evola, qual um perfume, dos logares onde a historia ou a lenda contam que outr'ora viveram almas celebres pelo esplendor tragico dos seus destinos.

Sitio inefavelmente evocativo e proprio para exaltar o espirito ás *reveries*, em que a illusão é tão intensa que as coisas ambientes revestem transfigurações poe-

ticas! E' talvez a frescura vegetal d'esta primavera, que tanto fala de vida n'este jardim do passado, que me faz sentir, quasi até ás lagrimas, esta emoção aguda, tão voluptuosamente melancholica e penetrante do contraste entre a eterna juventude do tempo e a memoria do que é ephemero. O cheiro embriagante das seivas, das hervas, das flores aquecidas pelo sol, tem aqui um sabor de mel e um travo d'amargura que misturam — como as lagrimas aos beijos — á sensação viva da mocidade a da eternidade e da morte...

Melhor que todos os livros escriptos sobre a tua vida, como elle diz a sêde de illusão da tua alma ingenua de creança insatisfeita, esse lindo *hameau* suíço que o teu capricho fez surgir entre os arvoredos, á volta do lago! O tempo, que arrasou os thronos, respeitou a herdade rustica de que tu eras a caseira, com a sua varanda toda engrinaldada de trepadeiras em flor e as latadas carregadas de cachos; o moinho com a sua escada de pedra e a sua roda, de que o rei era o moleiro; a escola rural de que o conde de Provence era o mestre regio; o pavilhão coberto de colmo onde o conde d'Artois fazia de guarda-caça; a vaccaria de marmore branco onde o leite era mugido pelas mãos aristocraticas das damas da côrte, travestidas de camponezas, como n'uma opereta; o estabulo onde a lâ dos carneiros era tosquiada com thesouras d'oiro; o lavadouro onde as princezas e marquezas, de mangas arregaçadas, cantando e rindo, ao sol, batiam a roupa com pás d'ébano; o celleiro onde se guardavam as colheitas; a casa do bailio; o presbiterio; a torre de Marlborough, que tu baptisaste com o nome da canção com que a ama embalava o Delfim que, annos depois, tantas vezes acordou transido de terror, ao som da *Carmagnole*...

As rãs coaxam no lago onde vinhas pescar, e cuja agua liza reflete, como um vidro verde, o telhado da tua casa silenciosa; os passaros cantam e noivam nas ramadas; as borboletas vôam sobre as flôres da trepadeira; as abelhas zumbem em torno dos lilazes; o sol faisca nos vidros das janellas do moinho. Deito-me na relva da margem, sob um velho castanheiro, a cuja sombra tanta vez, de certo, fiaste na tua roca de marfim, como n'um conto de fadas. E, na paz solitaria do jardim onde apenas, a espaços, algum par de namorados passa, de mãos entrelaçadas, fecho os olhos, e mergulhado como n'um banho perfumado de primavera, ponho-me a sonhar em ti, Rainha do meu sonho!

Dir-se-ia que o som da tua voz, de novo eu a escuto, atravez das verdes ramagens, nas musicas das aguas errantes, nos eccos vagos do grande parque dormente, e que tu me segredas não sei que intraduziveis palavras no frémito das folhas que o vento faz tremer, sobre a minha cabeça.

Sob os arabescos dos ramos finos, na luz gluca tamisada pelas folhas tenras, na vaporosa nevoa lilaz que esfuma, ao longe, a tarde que desmaia, tudo se povôa de visões — como n'uma paisagem bella de mais, para ser real. E é como se eu revivesse, sobrenaturalmente, todo o encanto das horas d'outro seculo, que os poetas amorosos, Musset, Verlaine, cantaram em rithmos imperciveis.

Como no fundo azulado d'um quadro de Watteau, polvilhadas e lindas, com *mouches* ao canto dos labios, brilhos de joias nos dedos fuzelados, as silenciosas phantasmas erram, pelas áleas, em attitudes vagamente pensativas de namoradas. As sedas cambiantes dos seus vestidos à *falbalàs* abrem-se em leque, nas cla-

reiras; vultos vagos sentam-se nas relvas, bustos arqueiam-se, cabeças maquilhadas e preciosas sorriem — Clitandra, Chloris, Celimena, Aminta, Cidalisa... De novo todas vós passaes na minha recordação: Diana de Polignac, em musselina côr de rosa, com teus olhos espirituaes; condessa de Chalons, com teu colo de garça e teu melancholico sorriso, sob o chapéu florido de madresilvas; languida princeza de Lamballe, vestida de gase, com teus cabellos em anneis e esse ar de anjo triste que conservavas ainda quando a canalha embriagada apupava a tua cabeça sanguinolenta, aboiando o *ça ira*: — vós todas voltasteis esta tarde, ao parque das antigas festas galantes, ao *hameau* solitario onde o ecco dos vossos risos parece resoar ainda no vento que passa nas folhagens.

Mas entre todas nenhuma tão linda como tu, Marie-Antoinette, com teu nobre perfil austriaco, teu busto airoso que com tanta graça se curvava nos minuetes, teus louros cabellos que depois embranqueceram n'uma noite; nenhuma tão esbelta como tu, Rainha dos Poetas, no teu vestido de cambraia com um ramo de flores do campo nas mãos...

E os homens cortaram essa cabeça de creança, que não acreditava no mal e para quem a vida era um poema!

Para quê? Que fez germinar o teu sangue? Que avançou o mundo com a tua morte? Que bem ou que progresso resultou para a humanidade d'esse crime? Não continuam os descendentes d'essa plebe, a quem os que te condenaram prometteram a egualdade e a liberdade, a ter fome, a arrastar a mesma miseria de escravos, e a aspirar sempre, como outr'ora, pela eterna mentira das Revoluções?...

... Oh! a estranha, a perturbante luz que fluctuava, n'essa tarde, já depois de desaparecido o sol, e como a claridade d'esse horisonte d'oiro translucido, para além dos arvoredos violaceos, dava vontade de ficar alli, até que o luar viesse, a sonhar, a evocar toda a poesia do Passado para sempre morto!

Mas já as sinetas vibravam. No silencio do velho parque adormecido, só as musicas das aguas ficavam falando aos eccos attentos...

XIV

O «Neant»

I

Meia noite, a hora febril em que Montmartre, este cerebro doido de Paris, começa a latejar no paroxismo do seu delirio, na vertigem da sua nevrose, ao clarão dos globos electricos dardejando sobre as terrasses dos cafés cheias de bohemios de barbas á Rabbi e de Marias Magdalenas nunca arrependidas, entre os ruidos exasperantes das czardas tziganas.

Apeamo-nos do fiacre em frente do *Neant*, o celebre *cabaret* da Morte, que é como o do *Ciel*, o do *Enfer*, o das *Quat'z-arts*, o *Tabarin*, um dos mais tipicos, pela sua scenographia e pelo seu publico drolatico e estranho de *noceurs* estrangeiros, de noctambulos desequilibrados e de demi-mundanas histericas.

A' porta pintada de preto, sobre a qual uma luzinha amarelenta de azeite bruxoleia n'um lampeão de hospital, aborda-nos logo um *voyou* agaloado, de gestos equivoccos, que nos segreda n'uma voz surda de *Mefistopheles* este *boniment* d'um cynismo canalha:

— Vindes aqui gastar o dinheiro dos vossos velhos? Matai-os, que mais depressa herdareis, para gosar á vontade!

E, com mysterio, distribue-nos o prospecto do *cabaret*. Entre as tarjas de lucto que o enquadram, como um convite de enterro, leio este réclame, bem banal, na verdade, como documento litterario d'esse bizarro Montmartre que passa no entanto por ser o centro mais requintadamente esthetico do Paris nocturno :

«Reis, Salsicheiros, Jornalistas, Falsos Philosophos, Artistas, Padres, Imperadôres, Merceeiros, Deputados, Eleitores, Ministros!!! Vós todos que, desde a adolescencia, tentaes attingir, n'uma correria de doidos, um alvo mais ou menos chimerico, mas sem duvida ephemero! Vós todos que vos devoraes uns aos outros, como as fêras, sem vos lembrades que as mais das vezes a rocha Tarpeia está bem perto do Capitolio! E no entanto, façaes o que fizerdes, todos chegareis ao mesmo ponto, quando soar a vossa hora! Se duvidaes, vinde ao n.º 34 do *boulevard* de Clichy, na Praça Pigalle, em Montmartre, das oito horas da noite ás duas da madrugada, se quereis fazer uma pequena viagem nos dominios da egualdade humana.

Beijo-vos na testa.

A Morte.»

A troco d'um *bock* e d'uma *sandwich*, alguns dos mil Goyas eternamente anonymos e famelicos de Montmartre, fez a illustração: um esqueleto sarcastico, com uma mitra de astrônomo sobre o craneo, deixa cabir, como trapos, das duas mãos esburgadas, um janota e uma *cocotte*; em frente, um segundo esqueleto, com uma barretina de papel em que ondeiam tres penas de Perú, brande uma fouce e assenta a sua bota de gendarme no dorso d'um gordo burguez de côco-

ras : e ao alto, um outro esqueleto fuma philosophicamente o seu cachimbo.

Depois de abrir o reposteiro, que é um pauno preto de funeral, Mephisto annuncia-nos com estas palavras irreverentes que fazem rugir A. de Sousa, na sua barba d'apostolo :

— *Trois maccabhés !*

— Cadaver será elle ! protesta o pintor Acacio Lino, indignado.

Mas já, no escuro, outra vez nos guia :

— Por aqui, moribundos ! Sêde bemvidos em casa da Morte ! Sentai-vos á direita ou á esquerda e escolhei o vosso esquite !

A meza deante da qual nos sentamos é realmente um caixão vasio, como todas as outras que se enfileiram, a cada lado, na sala baixa, toda forrada de negro.

Na transição brusca da luz crua do *boulevard* para a penumbra morta do antro, a principio nada distingo. As imagens indecisam-se, incoherentes e confusas, n'uma sombra fuliginosa como a que esfuma os quadros de Carriere. Mas, a pouco e pouco, d'aquelle limbo de cripta, começam a resair, á torva luz dos tocheiros ardendo em halos avermelhados, os detalhes d'esse decór imprevisto e baroco de pesadelo burlesco. Do tecto pende um lustre feito de caveiras de creanças e de femures em cruz, com duas mãos descarnadas segurando nas falangetas contrahidas, nove tochas accesas. Outros craneos, suspensos do tecto, vacillam como lampadas de mausoleu, com chammas de alcool luzindo nos buracos das orbitas. A um canto, ergue-se um esquite com esta taboleta d'um humorismo lugubre: *Quarto para alugar!* A outro canto, um esqueleto de mulher, com um véu branco de noiva e luvas

de dez botões até aos ossos agudos do cotovello, tem espetado nas clavículas, como n'um decote, um *bouquet* de flôres de laranjeira. Largas télas cobrem as paredes pretas — na primeira, um poeta de cabelleira loira, medita versos deante d'um absintho; outra representa um episódio da batalha de Waterloo, com soldados e canhões avançando sobre os feridos; outra, ao lado, um automovel correndo n'uma estrada, entre peões que pulam, espavoridos; em frente, um *pierrôt* de Willette dedilha no seu bandolim uma serenada á lua: um idyllio de Romeu e Julieta surge adiante, á beira d'um lago azul; mais longe, outra ainda, reproduz n'uma *pochade* mediocre, o tumulto colorido e esvoaçante do *Baile do Moulin de la Galette*, do Renoir.

Em cartazes tarjados de lucto, estão impressos em grandes letras avisos e legendas d'um sarcasmo indigente que, querendo ser cynicamente macabro, não passa de pueril. O «*to be or not to be*» do *Hamlet* faz pendant a estas sentenças prudhonescas: «A vida é uma asneira que a morte corrige», «O sol e a morte não se podem contemplar fixamente». Ha ainda outras, innumeraveis: «As velas que não fôrem obrigatorias pagam-se á parte: 10 centimos!», «Em vista da decomposição rapida dos corpos, roga-se aos *macabeus* que paguem os toxicos adeantadamente». E toda essa litteratura de cabotinos dá uma impressão mesquinha de *rosserie* sem graça, de intrujice ignobil e de ganancia sordida, com este unico fim — apanhar o maior numero de *sous* á ingenuidade do freguez papalvo.

Um gato pingado, com o chapéu alto orlado de crepe, barrigudo como um Sileno, e cujo rubicundo rosto de bebado triste tem um ar lamuriento e pedinchão de chefe de familia na penuria, espeta gravemen-

te em frente de nós tres velinhas de cera, e pergunta-nos, n'uma voz de quem pede para as almas, que veneno desejamos tomar:

— *Un asticot de cercueil? Un extrait de fœtus?...*

— Traz-nos simplesmente cerveja, Falstaff!

— *Du pus de galeux, parfaitement!* murmura o bom ginja taciturno, com o accento resignado de quem arrasta uma existencia de miseria: e colloca sobre o caixão os tres bocks, aconselhando-nos com essa ironia melancolica dos borrachos:

— Envenenae-vos, irmãos!

Entretanto, vae-se enchendo o antro.

A cada momento, a voz esganiçada do porteiro anuncia, abrindo o reposteiro negro:

— *Voici de la viande!*

Estranho, na verdade, este publico do *Neant*, formado pela vasa cosmopolita do *boulevard*, *rastas* e semi-mundanas sempre á procura de sensações que lhes abalem os nervos gastos de nevrosados! Entre as paredes sombrias, n'aquella penumbra fumosa de necroterio onde as chammas das tochas vacillam como lagrimas de sangue e as caveiras escancaram o mudo riso sem gengivas da Morte, essas figuras silenciosas que enchem a sala lembram a um tempo as aguas-fortes de Goya ou de Rops e as caricaturas de Forain ou de Léandre.

Que curiosas, sobre tudo, as mulheres, inverosimilveis de magreza, com immensos olhos dilatados de morphinomanas, e grandes bôcas sangrentas como feridas nas faces de cera, sob os bandós chatos que parecem azular-se, phosphorescentes de diademas, no reflexo espectral das luzes! Na sua elegancia angulosa de tísicas, nos seus bruscos gestos de neurasthenicas,

nas suas chloroses maquilhadas, no rictus amargo dos seus perfis inquietantes de bonecas maleficas e luxuriosas, ha não sei que perverso e morbido encanto de podridão galante, e de mistura com os perfumes violentos que exhalam, não sei que relento acre de agua phenica e de ether, que evoca enfermarias.

Sentada ao lado d'um americano de focinho de cão de fila e de olhos verdes de felino, ha sobretudo uma creatura loura, com uma mascara impassivel de linhas cruelmente nitidas como as d'uma medalha antiga de Messalina ou de Lucrecia, cujas pupilas acerasdas tem o fulgor alucinado e obsidiante dos olhares doidas. De tempos a tempos, leva aos labios uma cigarrilha turca e bebe aos goles lentos o seu copo de absintho. Depois, tira do seio um espelhinho d'ouro e n'um gesto de manequim, passa um pau de carmin sobre os labios — emquanto um *fox-terrier* a espreita, enovelado no seu regaço...

O som grave d'um órgão vibra de repente — e os compassos soturnos do *De profundis* ecôam no silencio.

Ao meio da sala, um velho magro, enfiado n'uma longa levita negra de sacrista, ergue, como uma batuta, um fémur para as caveiras do lustre, e faz, no calão de Montmartre, uma invocação á Morte.

Na escuridão picada de luzes tremulas de tochas, espalha-se uma vaga claridade esverdeada, depois amarella, depois violacea. E todas as figuras se transfiguram, como n'uma decomposição sobrenatural. As faces tornam-se cadavericas, as mãos côm de gangrena, as unhas tingem-se de tons de cera morta.

Ao lado do americano ainda ha pouco côm de carne crua e n'este momento livido como um defunto, os

olhos fixos da mulher loura parecem luzir como pyrilampos n'um craneo de desenterrada.

Em volta de nós, nas paredes, os quadros illuminados por uma viva claridade interior, tornam-se transparentes, e todas as silhuetas se convertem phantasticamente em esqueletos descarnados. O poeta que bebe o seu absintho, os soldados de Waterloo, as mundanas do automovel entre os peões que pulam, o *pierrot* cantando á lua, Romeu e Julieta, á beira do lago, os pares que dançam no Moulin de la Galette, todos se transmudam sob essa luz oxydrica, n'uma ronda farandolante de esqueletos, como n'um *sabbat* de cemiterio.

Mas, bruscamente, no meio d'aquella saturnal, o *fox-terrier*, de orelhas arrebitadas, desata a ladrar furiosamente. E todo o effeito panico d'este primeiro acto do drama macabro do *Néant*, finda de repente n'uma gargalhada...

II

Com o pêllo eriçado, de orelhas fitas, o *fox-terrier* continuava a uivar, furioso, contra os esqueletos que pareciam bailar, n'uma farandola demoniaca, nos quadros illuminados do *cabaret*.

E só o lapis sarcastico de Léandre poderia gravar, n'uma das suas *charges* d'um humorismo imprevisto, os rictus caricaturaes d'essas mascaras lividas de espectadores, ainda ha instantes contrahidos de pavor instinctivo, e que aquelles uivos inesperados tinham desmandibulado n'uma gargalhada de doidos. Na luz chimica que dava á penumbra da sala uma claridade esverdeada e difusa de aquario, dir-se-ia que uma metamorphose picaresca bruscamente se operara: e era

como uma visão de monstruosas cabeças de peixes, de rãs, de *fetus* comicos, essa galeria de rostos humanos sacudidos de riso sobre as mesas-esquifes, galvanizados n'uma convulsão de hilaridade que tinha não sei que de macabro sob a mudez espectral das caveiras suspensas do tecto.

Mas foi um instante. Com uma palmada secca no focinho preto e branco, a mulher loura fez calar o *fox-terrier*, que de novo se enovelou no seu regaço, de rabo entre as pernas, com as orelhas finas a tremer.

Apagada a luz interior que durante segundos fizera surgir no escuro, atravez das télas transparentes, os esqueletos phantasmas, o *cabaret* retomou o seu aspecto anterior, as physionomias readquiriram o seu ar correcto, pasmadas e futeis.

O velho farcista, de cara barbada de padre sacrilego, apontando-nos com o femur que tinha na mão uma portinha baixa, escancarada na parede do fundo, annunciou que ia guiar-nos á nossa ultima morada :

— E agora, alegres macabeus, ide apodrecer !

Atraz d'elle, com as velas na mão, como n'um funereal burlesco, mettemos por um corredor estreito, de cujos muros salitrosos, imitando a pedra, parecia realmente resumar a humidade viscosa d'um sepulchro subterraneo. Abriu segunda porta, e chocalhando nikes n'um pêto de lata, á nossa passagem, pediu-nos o *pour-boire*.

Entramos n'uma pequena cripta oblonga, apenas mobilada de bancos de pau enfileirados, como n'um theatro de fantoches, em frente d'um nicho onde se erguia, entre dois tocheiros, um esquite vasio. E deante de nós surgiu então um velho malandrim etico, com um habito negro de frade capucho cingido por uma

corda de esparto, e uma longa barba de S. Pedro do outro-mundo, que lhe dava o ar pelintra d'uma figura de cera de barraca de feira. Sob a cabelleira de estopa, mal posta, evidentemente estreita de mais para o seu craneo, via-se-lhe luzir o começo d'uma calva socratica de philosopho de tasca; e por baixo do habito, os elasticos rotos das botas sem solas diziam toda a sua biographia de pobre diabo famelico e piteireiro.

Abriu a bôca cheia de dentes pôdres, n'um bocejo de immenso tedio, e declamou, patetico:

— Acaba de fechar-se sobre as vossas carcassas a porta de bronze do Tumulo. Estaes enfim no reino da egualdade e da verdade. Se algum de vocês é por acaso rei ou rainha, pôde confiar-me a corôa, que eu a porei no prégo: e se for de latão e de pedras falsas, eu mandarei dizer uma missa por alma do dono!...

Um accesso de tosse cavernosa abalou-lhe o torax decrepito. Levou as mãos de mumia ao pescoço esgalgado. Depois, sem gestos, hírto e immovel como um manequim, sob a luz das tochas que o faziam mais livido, continuou a insultar-nos, com cynico desca-ro, tratando-nos por tu e lastimando os vermes que em breve pastariam nos nossos cadaveres apodrecidos.

E era d'um picaro lugubre o contraste entre essa figura de velho mendigo tysico, e aquelle aranzel charlatanescos de pantomimeiro da Morte, aquelle monologo escarninho de Hamlet alcoolico, em que ria toda a *blague* de Montmartre, esfusiante de imagens zombeteiras, de imprevistas metaphoras, de allusões obscenas e de hiperboles de um sarcasmo insolente.

— *Oh! qu'il est drôle, qu'il est rigolo!*— casquinavam as mulheres excitadas, n'um riso de histericas que fa-

zia tremelicar as plumas dos chapéus sobre os bandós tingidos.

S. Pedro, desarticulado de novo n'um segundo acesso de tosse, com a cabelleira de estopa á banda, terminou por fim a sua jeremiada, com esta pergunta macabra:

— Qual de vocês quer conhecer os segredos d'além-campa?

Ao meu lado, o pintor Acácio Lino dá um passo para devassar o tremendo mysterio do *au-delá*. Mas já o americano de focinho de cão *danois* que acompanha a Lucrecia d'olhos enigmaticos, avança athletico e sanguineo, com o ar formidavel de quem vae esmurrar a Morte.

Ao fundo do nicho, de pé no caixão, sob o lençol branco que o amortalha até aos hombros, parece mais enorme ainda, com a vasta face glabra, reluzente de saude e de *wisky*.

As notas surdas do *De profundis* reboam nas abobadas do craneiro. Um sino dobra a defuntos.

— *Good-night!* — grita-lhe um trocista, das bancadas.

Um clarão de enxofre banha o nicho. E logo uma tinta cadaverica começa a gelatinar as bochechas do Hercules *yankee*.

Como se envelhecesse n'um segundo, o rosto mirra-se-lhe. De rubras, as faces tornam-se exangues, amarellas, côr de velho marfim. As feições angulam-se; os cabellos desaparecem; o queixo emacia-se; o nariz afila-se; as orelhas ficam transparentes, despegam-se-lhe do craneo; os ossos das maxillas resaem, descarnados; os olhos perdem o brilho, bruxoleiam, como duas chammas que se apagam nos buracos negros das

orbitas. Sob a alvura da mortalha, a ossada transparece, destaca-se gradualmente; — e d'aquelle homemzarrão cheio de vida, resta apenas uma caveira tragica sobre um esqueleto rigido, como se os vermes, n'um minuto, lhe esburgassem a carne.

Instintivamente, o meu olhar procura a mulher loura... Alheada, esquecida de tudo o que a rodeia como se perdesse a noção da realidade, o busto vergado para deante, parece magnetisada pelo espectaculo que fita.

Dilatados de hipnose, os olhos ardem-lhe na face de cera, extranhamente fulgurantes como os das somnambulas. Crispa-lhe um rictus a bôca má. Os seus traços duros de imperatriz romana contráem-se n'uma fixidez delirante. E em toda ella ha uma expressão de crueldade, de alegria perversa — como se uma aura de crime lhe fizesse de subito aflorar toda a alma ao rosto. Dir-se-ia que uma mysteriosa alucinação a possue, a faz vibrar, como se assistisse, *realmente*, á sua decomposição, como se os seus olhos estagnados se extaciassem no espectaculo dramatico d'aquella podridão e d'aquella morte.

E' talvez uma illusão pueril da minha imaginação exacerbada n'essa atmospheria perturbante; mas quando a pouco e pouco as linhas do esqueleto começaram a apagar-se, as feições a reaparecer, e ao fundo do nicho o americano resurgiu por fim, juraria que a expressão de alegria criminosa que durante segundos illuminou os olhos da mulher loura, se assombrou de novo.

O olhar de rancor que lhe deitou ao vel-o sahir do caixão, lembrou-me o de uma viuva que de subito visse resuscitou um marido odiado...

Depois de fazer a sua *quête*, o velho convida-nos a entrar ainda n'outra cripta, mal illuminada pelos lampeões mortícios que dois esqueletos seguram nas mãos descarnadas, de cada lado de um pequeno palco onde o espectro de D. João, envolto n'um lençol, apresenta a uma *grisette* a imagem dos seus primeiros amores sob a fórma d'um coelho empalhado, e onde uma creaturinha lombricoidal e triste (neta talvez do S. Pedro cynico) se despe lentamente diante d'um espectador que não póde vê-la, por uma artimanha de espelhos combinados que reflectem os objectos collocados entre bastidores, dando ao publico a illusão perfeita de que a scena se passa no mesmo plano.

E assim termina, n'um quadro melancholicamente obscuro de casa suspeita, a fumisterie melodramatica e macabra d'esse espectáculo do *cabaret do Néant*, que todas as noites se enche de centenaes de *badauds*, ávidos de anomalias que lhes galvanisem os nervos de tarados.

XV

O «Grand-Prix»

A semana que passou — *la Grande Semaine*, como é de uso dizer-se na gíria elegante do *boulevard*, — é a data de esplendor supremo em que Paris irradia sobre o mundo na apotheseo deslumbrante de todos os requintes do luxo e da elegancia, como Athenas, durante os jogos olympicos, quando as cortezãs, constelladas de pedrarias, bellas como estatuas de Phydias, na leveza aerea dos peplums diaphanos, esfolhavam as suas grinaldas de rosas sobre a cabeça dos vencedores, entre o clamor heroico dos hymnos de Sophocles, entoados em côro pelos ephebos, e as aclamações frementes de todo um povo vibrando no culto entusiasta da Belleza.

Seiscentos mil curiosos de Paris, das provincias e do estrangeiro, transpirando ao sol sobre as relvas da *pelouse* de Longchamps, apinhados nas bancadas das tribunas, de pé nos *mail coaches*, nos *tilburies*, nos *handsons*, nas *milords*, nos *phaetons*, nos carros de todos os typos e de todos os nomes britannicos, que se enfileiravam em frente da pista, palpitarão de anciedade e suffocaram de calor, esperando o resultado d'essa corrida do *Grand-Prix* em que a França foi mais uma vez vencida pela Inglaterra — n'uma derrota que feriu tal-

vez mais profundamente o seu amor proprio nacional que a de Fashoda.

Paris inteira despovoou-se, para assistir a esse famoso *Grand-Prix*, creado no ultimo imperio por iniciativa do duque de Morny, e que constitue para a França, logo depois da grande revista militar, a solemnidade official de maior prestigio, aquella em que se inauguram as primeiras *toilettes* de verão e que marca, para as parisienses, a abertura da estação d'aguas, das suaves villegiaturas e dos banhos de mar.

Desde o meio dia, ao longo dos grandes *boulevards*, da margem do Sena, da avenida dos Campos-Elyseos e de todas as vias innumeraveis que atravez das ramagens umbrosas do Bois de Bologne convergem para Longchamps, não se viam senão automoveis, motocyclos, bicycletas, *omnibus*, carros de todos os feitios correndo no mesmo sentido, como se toda a população emigrasse, n'um exodo de festa. Durante toda essa luminosa tarde de domingo, os cocheiros foram verdadeiramente os despotas temidos e omnipotentes de Paris; e apesar de exigirem quarenta e cincoenta francos pela tarde, nem o mais ronceiro *simon* ficou sem freguez.

Eu e o Alcantara Carreira, que n'essa manhã me viera surprehender com a sua chegada inesperada á minha *garçonniere* bohemia, ainda ousamos offerecer um *luiz* a um que guiava uma azémola mais lazarenta que a do Tolentino. Mas o olympico automedonte olhou-nos do alto do seu throno com uma mudez tão desdenhosa, que nos mettemos n'um democratico *char-à-bancs*, emquanto um odioso preto, de panamá petulante sobre a carapinha perfumada a agua de Lubin, se sentava na tipoia ao lado d'uma maravilhosa creatura, branca como uma *nympha*, reluzente de joias,

em quem reconheci, com espanto e inveja — *la belle Otero!*

Cada vez mais concorridas, apesar da sua origem britannica, as corridas de cavallos entraram tão definitivamente nos habitos francezes que são hoje um espectáculo de character nacional, como na Hespanha as touradas. Só Paris conta cincoenta e tantos jornaes, exclusivamente dedicados a este *sport*. E desde fevereiro até novembro, as *courses* succedem-se quasi todos os dias, mesmo debaixo de chuva, nos hippodromos de Longchamps, Auteil, Chantilly, Vincennes, Neuilly, Levallois, Enghien, Maisons-Laffitte, Colombes, Saint-Ouen, Compiègne, Rambouillet, Saint-Cloud...

Cada anno, a cifra das apostas ascende a mais de duzentos milhões de francos. Só no dia do *Grand-Prix*, elevaram-se a *cinco milhões!*

As corridas são, conjunctamente, a occupação dos que não tem que fazer, o campo de manobras das *cottes*, e a paixão absorvente dos jogadores. Sob o pretexto do apuramento da raça, com que afinal ninguem se importa, além dos creadores de cavallos—não passam de uma desafortada jogatina, que apenas se differença da roleta, em ser patrocinada pelo Estado, como a loteria. Para a maioria dos concorrentes, o mais elegante dos *sports* é, afinal de contas, um jogo de azar, uma colossal batota organizada, em que os esportos tratam de ganhar por todos os meios, mesmo pelos mais inconfessaveis, o dinheiro dos ingenuos.

Se as apostas fossem supprimidas, ninguem lá iria, porque a verdade é que, desde a voga dos automoveis, os cavallos passaram da moda e não interessam hoje senão um publico muito restricto de profissionaes.

Mas, seja como fôr, para os observadores, e portanto para os chronistas, estes espectáculos ao ar livre serão sempre um dos mais curiosos aspectos da vida parisiense, pela sensação dramatica que dimana d'esses milhares d'almas que, durante horas, vibram intensamente na allucinação do mais impetuoso e ardente instincto humano — a febre do oiro.

Por estas tardes do começo do verão, em que a renda fina das folhagens paira como uma gaze verde sob os raios d'oiro do sol, nada mais suggestionante para attrahir a retina d'um pintor do que esse kaleidoscopio de cambiantes infinitas que se agita, tremula, chamma e palpita no immenso espaço dos hippodromos, entre os altos arvoredos que os circumdam.

No recinto reservado da passagem e das tribunas, todo o *Gotha* e todo o *Goldgotha*, como diria Willy, o malabarista *modernstyle* do calembour: — a alta aristocracia e a alta finança judia, os billionarios dos Estados-Unidos, as *snobinettes* cuja maior aspiração é lêrem no dia seguinte o seu nome ao lado do da duqueza d'Uzés ou de la Rochefoucauld, no *Figaro* ou no *Gaulois*; as damas do mundo acotovelando as amantes dos maridos, sem se distinguirem d'ellas, vestidas pelas mesmas modistas da rue de la Paix, de cabellos tingidos pelas mesmas cabelleireiras, e rindo tão alto umas como as outras, para attrahir a attenção dos *sportsmen* que pousam ao longo da pista, membros do *Jockey-Club*, ou rastaqueros equivocados, todos uniformemente glabros á moda americana, egualmente estresilhados em sobrecasacas cinzentas, sob os chapéus de *huit-reflets* — e todos tão parecidos com cavallos, que só lhes falta relincharem.

Entre o alarido dos pregões dos *camelots* e dos gri-

tos esganiçados dos *bookmakers*, todo esse mundo interlope que vive do jogo, circula, gesticula, combina *poules*, traça nervosamente notas a lapis nos programas. Typos comicos de velhos *jockeys* simiescos, de cachimbo no queixo e polainas de coiro nas pernas tortas, como os de Caran d'Ache, segredam conselhos a velhas *cocottes*, que lembram as de Abel Faivre. O numero d'ellas espanta! Não faltam a uma corrida. Conhecem por miúdo a genealogia de cada cavallo. Desesperadamente maquilhadas, os ventres enxundiosos supplicia-dos nos espartilhos, coriscentes de pedrarias falsas, empenachadas de plumagens de catatúas, vestidas de claro, o binoculo a tiracólo, d'uma elegancia exaggerada que faz rir e que já não tenta *michés*, — nos seus olhos metallicos reluz a ancia insaciavel do oiro.

Só Mestre Balzac poderia annotar, em todo o seu comico sinistro, a psychologia d'este publico, feito da vasa de todas as profissões, que se agita, nos momentos de febre que precedem cada corrida, no espaço limitado pelas barracas do *pari mutuel*, ao fundo do qual a *tour d'affichage* eleva o seu telhado de pagode asiatico: — a expressão das figuras freneticas que se comprimem entre as barreiras dos *quichets*, os traços felinos de certas physionomias matreiras de velhos *bookmakers*, as tremuras nervosas das mãos que hesitam na escolha dos *tickets*, os olhares alheados de falla-sós dos pequenos empregados, dos chefes de familia que jogam, n'esse minuto de palpíte, talvez a honra, o pão dos filhos ou a vida...

*

* *

Ao fundo da pista, n'um grupo colorido, n'uma fila ondeante, a cada momento entrecortada pelo salto

brusco dos cavallos impacientes, os *jockeys* esperam o signal do *starter*. Subito, ao tilintar da sineta, partem como um feixe de frechas. A principio compacto, o pelotão desaggrega-se a pouco e pouco, intervala-se, dispersa-se na corrida ardente.

Ao golope agil dos cavallos esguios, alongando os pescoços, accelerando o movimento das pernas nervosas, os *jockeys* todos curvados agitam os chicotes curtos, em gestos comicos de manequins furiosos, ao longo da fita verde da pista que ondeia, sob a vibração d'ouro da luz cegante.

Milhares d'olhos accesos os seguem. Arquejantes, os corações pulsam. Um suor frio gela todas as cabeças attentas, n'uma expectativa dolorosa. O magnetismo do jogo, a avidéz febril do ganho, absorvem a energia da multidão debruçada nas grades, concentrada n'esse duello vertiginoso de velocidade.

Nas tribunas, as conversas emmudecem, os *flirts* suspendem-se. Para vêr melhor qual toma a deanteira, as mulheres sobem aos bancos, com a mão apoiada nos hombros dos homens immoveis, de binoculos astestados.

Ao longe, as pequenas manchas variegadas correm, devoram o espaço, mergulham de repente n'um declive, desaparecem para além das arvores... Um segundo depois, de novo surgem, n'uma volta, minusculos fantoches rapidos, galopando sobre a verdura, approximam-se, vão crescendo, cada vez mais visiveis. As côres distinctivas avivam-se, luzem ao sol, como uma rovoada de azas abertas... Ouve-se o rumor crescente das patas velozes, o galopar d'uma carga de cavallaria, abalando o solo, n'um fragor de onda que se espraia... Como um relampago versicolor, passam, vôam sobre a

liça sonora. E' o instante da lucta suprema, do ultimo arranco, em que cavalleiro e cavallo se confundem, dir-se-ia, n'um mythologico centauro que o mesmo instincto animasse. Um ralo exala-se dos peitos da multidão, abalada n'uma convulsão de anciedade, de pescoços esticados, bôccas sedentas, os olhos fitos. Inconscientes, os corpos dos espectadores agitam se em movimentos identicos aos dos cavallos, como se quizessem communicar-lhes o seu vigor, a sua energia propria. Milhares de braços erguidos gesticulam, excitam-os, ameaçam-os. Como doidos, vociferam o nome dos *jockeys* que lhes darão a fortuna ou a ruina, increspam, virulentos, os que ficam para traz. Pragas, insultos, assobios, silvam em mil bôccas ferozes. As mascaras animalisam-se, crispam-se em rictus epilepticos. Mãos em garra brandindo os binoculos, acenando os chapéos, os programmas, os lenços brancos, agitam-se no ar, sobre a ondulação revolta das cabeças apinhadas. Outros, os que vão ganhar, riem de bôccas escancaradas, como idiotas.

— Spiermint! Bravo! Spiermint! Spiermint! ..

No alto do poste, surge por fim o numero do vencedor. E por todo o vasto campo, do recinto aristocratico da pesagem á *pelouse* formilhante de povo, um immenso alarido, feito de palmas, de assobios, de gritos diversos, de triumpho ou de raiva, eleva-se nos ares.

Junto de mim, uma velha gorda e baixa, d'oculos e *waterproof*, com uma grande pluma de pavão no casquete de palha, desata a dançar, aos pulinhos, delirante de alegria.

E n'esse instante, vejo passar na pista um cavallo tragico, que o *groom*, com o selim sobre um braço, arrasta pelo freio.

Com uma perna partida ao saltar a trincheira, de cada vez que toca o chão com a pata, corre-lhe o dorso um arrepio de dôr, igual à de uma creatura humana. . . E ao vêr aquelle vencido, que minutos antes galopava, cheio de vigor e de belleza, na frente dos outros, ninguém tem dô d'elle. Ao meu lado, um *gentleman* apoleptico, a quem o pobre entrevado fizera perder os vinte francos da aposta, não se conteve.

Estendeu-se, o punho fechado, e ladrou: — *Crève donc, sale rosse!*

. . . Francamente, meus senhores da «Protectora dos animaes», a este sport de civilizados, prefiro as rijas touradas da minha terra, do sol e do vinho, que na sua bruteza viril, no seu barbaro ardor, nunca poderão despertar, na alma das multidões, este ignobil instincto do lucro, esta avidez egoista e feroz do oiro!



Está, pois, encerrada, a *saison* — esses quatro mezes de festa, de concertos, de exposições, de bailes, de *matinées* e de *premières*, de todos os multiplos espectaculos mundanos que servem de pretexto para a exhibição vaidosa e triumphal d'este Tout-Paris scintillante e futil, que a um poema prefere uma conçoneta, a uma idéa, uma valsa, e a um drama um calembour.

Dentro d'uma semana, toda a sociedade elegante e *snob* que o Codigo da Moda rege tyranicamente, terá partido para Luchon, Vichy, Aix-les-Bains, Trouville ou Biarritz — e além dos estrangeiros que n'esta época do anno o invidem, em caravanas innumeraveis, das *cocottes* que vivem á custa d'elles, e dos *mecs* que vi-

vem á custa d'ellas, apenas ficam em Paris os que não podem abandonal-o por falta de meios — os pequenos empregados e os pequenos negociantes, as *grisettes* e os caixeiros, os forçados do pão de cada dia, os artistas a quem a Voga não tirou ainda da penúria e os poetas das mansarda a quem um editor Mecenas não revelou ainda a obra prima genial e inedita: toda essa legião dos pobres diabos sem fortuna e das burguezinhas sem dote, que para terem a illusão do mar vão vel-o nostalgicamente nos quadros dos museus do Louvre ou do Luxembourg, e para terem a illusão da natureza, partem de manhã cedo para Sait-Cloud, Bougival, Clamart, Meudon, para qualquer d'essas poeirentas *banlieues* cantadas por François Copée, o poeta das melancolicas alegrias do povo parisiense.

E que onda de dinheiro vae ser esbanjada por essas estancias e praias da moda, nas *toilettes* das parisienses! Nenhum estadista, que eu saiba, se lembrou ainda de fazer esse calculo que forneceria aos saciologos libertarios, o mais eloquente libello contra a sociedade contemporanea.

A perdularia insolencia d'esses milhões gastos em sêdas, em rendas, em plumas que a Moda tornará inuteis, dentro de poucos mezes, inspiraria paginas admiraveis e profundas a um romancista que puzesse n'um livro todo o contraste entre a doida prodigalidade dos ricos e a miseria dos obreiros obscuros que nos *ateliers*, nas fabricas, nas minas, todos os dias mourejam mal pagos e sem descanso, para que a obra anonyma das suas mãos de escravos rutil e rebrilhe ao sol, n'uma *garden-party* ou n'uma sala de casino!

Mas que monotono e semsaborão seria ainda mais este banal planeta, se cada uma das lindas creaturas

que são as flôres de encanto d'este archicivilizado Paris tivesse de pensar, de cada vez que estreia um vestido, que para que o seu nome seja citado nas chronicas mundanas, é preciso que milhares de outras chorem, por não terem, n'essa mesma hora, um pobre vestido de chita para sahir á rua, sem corar deante dos seus noivos...

E nunca como n'este verão a arte das modistas moldou tão maravilhosamente as parisienses como com esses prestigiosos vestidos de guipure, de *surahs*, de musselinas transparentes, tão leves e colantes que lhes desenham todas as curvas do busto e dos quadris e lhes dão o ar de longas flôres esbeltas, sob as corolas abertas das umbellas de côres vivas. E nunca tambem as suas cabeças foram mais lindas do que toucadas por esses grandes chapéus emplumados que evocam, n'este seculo republicano, a graça aristocratica das marquezas de Versailles que os pintores do seculo XVIII eternisaram. Envoltas em tulle que o vento faz palpitar em nimbo vaporosos, como a sua belleza gracil contrasta com a fealdade cada vez mais grotesca dos homens, com estas caricaturas vivas que os ultimos figurinos de alfaiates inestheticos estão fazendo de nós todos, pobres manequins encafuados em canudos de panno, sob os cylindros negros dos horriveis chapéus altos de abas direitas, que nos dão o aspecto comico de «fogões ambulantes que transportassem por toda a parte as suas chaminés», como Paul Adam escreveu n'uma das suas admiraveis chronicas do *Journal*. N'esse artigo, advogava o illustre escriptor francez a urgencia de se abrir um curso de alfaiataria, na Escola de Bellas Artes, em que os pintores, em vez de expôrem cada anno kilometros de paizagens monotonas, exercessem o seu ta-

lento em desenhar fatos e combinar nuances, de modo a tornar menos absurdos e burlescos os seus contemporaneos.

Claro que estas considerações farão sorrir com superior desdem os Diogenes austeros para quem as pompas externas são estultas e frivolas. Mas entre este povo parisiense, amigo nato da arte e da elegancia, ao qual as idéas pouco importam, contanto que as fôrmas sejam originaes, e que acolhe sempre os maiores paradoxos como as maiores verdades, este artigo de Paul Adam tem cuscitado os mais lisonjeiros commentarios. E ainda recentemente, n'um congresso presidido pelo ministro da Instrucção Publica, o barão de Goubertin declarava que as bellas artes deviam alliár-se aos *sports* para educar o povo no culto da Belleza, e que logo que todos os homens comprehendessem a harmonia das linhas e a elegancia das fôrmas, se chegaria enfim a resolver — a Questão Social.

E digam ainda que esta doce França não é o paiz da *blague*!

XVI

A feira de Neuilly

Pelas noites estivaes, os parisienses desertam da atmosphaera abafada dos theatros e procuram outros espectaculos mais amaveis, ao ar livre, na continuancia de prazer, no desdem estroina da vida de familia, das discretas alegrias puritanas do *home* que tanto os differença dos inglezes.

Só Madrid e as molles cidades da voluptuosa Andaluza, onde depois do sol posto é que verdadeiramente se começa a viver, podem rivalisar com Paris na animação noctambula.

Até ás duas horas da madrugada, o parisiense vive na rua, pasmando deante dos cinematographos-reclames, seguindo as mulheres, flanando ao longo das *vitrines* illuminadas, beberricando *cocktails* nos balcões de marmore dos *bars*, absorvendo *bocks* nas terrasses dos cafés, lendo o *Intransigeant* e a *Presse* á luz dos globos electricos, ou rolando em fiacre descoberto e em automovel a caminho do Jardim de Paris, dos *Ambassadeurs*, do *Marigny*, do *Printannia*, de todos os logares onde se aspire um pouco d'ar, se ouça um pouco de musica e se veja um pouco de carne bem maquilhada.

A feira de Neuilly é um dos pontos mais animados

e pittorescos, sobretudo nas noites de terça e sexta-feira, escolhidas por um dos mysteriosos caprichos da Moda que logo a sociedade elegante, e os que a imitam, transformam em leis mais respeitadas que as do Codigo.

Desde a Porte Maillot, entre a massa densa das fohagens do Bois Bologne, a avenida de Neuilly alonga, no azul de céu nocturno, a sua nave de feéria, sob o sintillamento vibrante dos arcos que se succedem até ao horisonte, constellados de ampolas vermelhas, doiradas, verdes. Uma vertigem de claridades, um turbilhão policromico de kaleidoscopo, movediço, imprevisito e bizarro, como nas kermesses flamengas de Rubens, de Jordaens e Tenniers, brochadas a largas pinceladas vivas! De cada lado, as barracas de bijuterias, de tiro ao alvo, de theatros, de panoramas, de *buvettes* e de *pim-pam-pum*, resplandem sob os jactos brancos da luz electrica.

A luz accende os frisos dourados, faisca nos vidros e nos metaes dos *maneges* que giram n'uma vertigem de delirio. Ha-os de todos os generos, de cavallos, de porcos, de touros, de hiates, de palanquins, de bicicletas, de automoveis, de balões, que a turba toma de assalto, n'uma onda alegre e ruidosa que passa, scintila, volteia n'um ciclo phantastico de silhuetas gesticulantes, de vôos rapidos de saias, de manchas vivas de cabeças que se vergam, na embriaguez frenetica do movimento, com risos, gritos de susto, entre o clamor dos *boniments* estridulos dos palhaços caiados, os rataplans tonitruantes dos tambores, os ganidos dos cornetins, os silvos das machinas, o tilintar das sinetas, as valsas roufenhas dos orgãos, a algazarra alucinante da multidão fluindo e refluindo, no cosmoramico tumulto da feira.

Os balouços agitam-se, cheio de soldados e grisettes

que riem. *Monomes* de estudantes do bairro latino, fendem a turba rumorosa. Fórmias rápidas surgem, ondeiam, desaparecem, nos carros precipitados pelas ladeiras bruscas das montanhas russas. A' volta dos tabogans, as bôccas escancaram-se, os olhos dilatam-se, na visão excitante de uma perna de repente entrevista, até ao joelho, entre a onda espumante das saias arreçadas. Nos estrados, os luctadores, em attitudes de Apollos-apaches, mostram em poses de orgulho a estatuaria rude dos torsos moldados nos *maillots* suados. Das *menageries*, veem a espaços os rugidos dos leões e dos tigres exilados, nostalgicos dos desertos ardentes e das florestas tropicaes. E, na luz, no ruido, na poeira, entre o tumulto grosseiro e plebeu do arraial, é d'um contraste bem parisiense o aristocratico desfile dos automoveis reluzentes e das carruagens de luxo, ao trote lento e nobre dos cavallos de raça, guiados por cocheiros hirtos nas librés, como *lords*, conduzindo toda a alta goma e toda a alta finança em *toilettes* de *soirée*, depois d'um jantar de cem luizes *chez Paillard* ou no *Pavillon d'Armenonville*.

Cada uma d'essas equipagens que passa, com uma linda mulher decotada e florida, sentada entre o marido e o seu amigo mais intimo, de monoculo e casaca, é uma imagem viva e tocante das triplices alianças que caracterizam a constituição da familia entre o alto mundo parisiense. E nas mascaras impassiveis, na vaidade fria d'essas figuras de mundanos, nas attitudes d'esses fantoches elegantes condemnados aos mesmos habitos, como se revela, n'esta luz brutal da feira, entre a sadia e forte grosseria da plebe, a nullidade pretenciosa d'uma existencia inutil em que tudo é ficticio, excepto o real tedio do vicio sem alegria.

Apesar de toda a sua elegancia, de todo o seu luxo, como se sente, ao observal-os, que nada os diverte, que nada os distrae, que tudo n'elles é mentira e pose, o amor, a arte, a caridade, e o proprio vicio... E quanto mais felizes decerto esses estudantes, esses pobres diabos do povo que passam de braço dado com as suas amantes em cabello, beijando-se livremente, sem preconceitos, na expansão franca do seu instinto e da sua mocidade victoriosa e alegre! Porque em Paris, os namorados do povo beijam-se, á vista de toda a gente, sem falso pudor. Como na Andaluzia e na Italia as manifestações amorosas são consideradas sob o seu aspecto de belleza. Entre este povo, que attingiu como o grego a mais alta cultura de civilisação, o amor não precisa de esconder-se envergonhado. Os namorados beijam-se em plena rua — sem receio que nenhum policia os multe por attentado contra a moral publica. O mais que se faz é sorrir com sympathia, vendo esses pares que passam ao nosso lado, sem nos verem, maravilhados e esquecidos no bello extase do seu sonho que os isola do mundo. Uma concepção perfeita da voluptuosidade preserva da hypocrisia sentimental este povo livre em que revive o culto instinctivo do paganismo — ao contrario do nosso, que se resente ainda do pesado do em que viveu sombrios seculos, rojado nas egrejas, de camandulas ao pescoço, batendo no peito constricto, invocando S. Luiz Gonzaga, diante dos outros, e em segredo refocilando no vicio — como o Rapozão da *Reliquia*, o devoto sobrinho d'aquella illustre senhora D. Patrocínio das Neves, em quem a genial ironia de Eça de Queiroz encarnou tão vivamente todos os preconceitos beatos da sociedade portugueza.

XVII

O aduar mouro

No Coliseu da Porte Maillot, *Marrocos em Paris* attrahe todas as noites a *badauderie* da multidão.

Quantas multiplas imagens para a minha saudade n'este simples nome «Marrocos», que nunca leio ou ouço sem sentir logo vibrarem-me na memoria as sensações já longinquas dos dias de sol e de encantamento passados, ha annos, em Tanger!...

Tanger, a branca, emergindo do esplendor azul do Estreito de Gibraltar, como n'uma visão de sonho das *Mil e uma noites*, com os cubos caiados da casaria, nevando a collina, a *kasbah* ameada e os minaretes esguios entre a verdura metallica das palmeiras; — Tanger, rutilando na vibração cegante do sol africano, luz d'oiro fundido, poeira de chammas volatilizadas, em que os aspectos tomam apparencias magicas de miragem; — Tanger da alcaçova e da mesquita, dos cafés arabes e dos *harems* mysteriosos, com as suas mulheres embiocadas na alvura das *jaiks* fluctuantes, deixando apenas entrever o relampago negro dos olhos de velludo; — Tanger medieval, com o dedalo das encruzilhadas onde os cadaveres dos cães apodrecem sob enxames zumbentes de moscas e os mouros ébrios dormem á noite, como fardos, ennovellados nos albur-

nozes andrajosos, sobre as pedras;—Tanger das caravanas que veem do deserto, com as suas muralhas e o seu grande *Soko* atulhado de tendas beduinas, marulhante de manchas movediças de camellos e de mulas ajaezadas de escarlata, formilhante d'uma multidão variegada e barbara que se agita e vozeia n'um *charivari* ensurdecedor de *tam-tans*, de flautas estridulas, de campainhas tilintantes, de brados roucos, de gritos guturaes, de todos os éccos asperos das vozes arabes que lembram o rude chocar das pedras. . .

Foi para evocar essas visões de outr'ôra que eu entrei esta noite, sob o arco em ferradura da porta do Coliseu, toda pintalgada de globos coloridos, no pequeno aduar mouro que a empreza do *Jornal das Viagens* fez surgir, como um oasis exotico no meio de Paris, a dois passos do tumulto elegante do *Bois* e do *broahah* da feira de Neuilly.

Mas no estreito recinto, fechado por tabiques caia-dos, a minha curiosidade converteu-se logo em decepção, ante a *fumisterie* d'uma scenographia de feira, demasiado theatral para dar a impressão da realidade.

Entre o publico de *cocottes* e de *blagueurs* que os fitam como a macacos n'uma jaula, todos esses filhos do Islam perdem o prestigio pittoresco e o character violento da raça, europeizados já, banalisados pela influencia deprimente da civilisação que lhes apagou a rudeza nativa de barbaros: — e se não fossem o typo, a côr e a lingua, dil-os-ia figurantes de Montmartre ou da Villette, travestidos de Mohameds e de Fatmas para illudir os espectadores.

Na crueza brutalmente ironica da luz electrica, como todo esse quadro de Oriente tem um aspecto

vulgar e destoante de parodia carnavalesca, um ar mercantil e mesquinho de exportação!

Aos lados, nos pequenos bazares, exíguos como bofetetas, forrados de tapetes amarelos e vermelhos, bordados de lantejoulas e de arabescos dourados, entre as quinquilharias ingenuas da industria marroquina, os pobres vendilhões, nos seus *kaftans* brancos, esperando em vão um freguez na onda de curiosos que pasma deante d'elles, sem comprar coisa alguma, teem a apparencia melancholica de manequins de cera, n'um museu ethnographico. Sob as tendas baixas de lã de camelo, armadas no terreiro, negras tristes e acoradas sobre esteiras, com olhos de exiladas, dão de mamar aos filhos e estendem mãos de mendigas á esmola dos visitantes. Uma cartomante algerina, de faces e braços tatuados n'uma barraca de madeira pinturilada de signaes kabalisticos, diz a sina ás elegantes, por um franco, n'uma melopeia dolente como um lamento. Da casa da escola, ao meio do largo, vem o rumor guttural das vozes das creanças arabes sentadas no chão, á roda dos *fekki* impassiveis como fakires, balançando as cabeças vivas n'um movimento continuo, repetindo sem cessar as sillabas sagradas do Alkorão, n'um côro monotonno e obsidiante que me faz de subito lembrar as curiosas *tolbas* tangerinas.

Entre um circulo de gente apinhada, um feiticeiro vestindo a *djellaba* curta e com a cabeça rapada dos rifenhos, introduz na bôcca escancarada a cabeça aguda e chata d'uma enorme serpente, emquanto ao seu lado outro sopra n'uma flauta de canna. Mais longe, dois pretos do Sudão, musculosos como Atlas, mergulham na agua espessa e oleosa d'um pequeno lago, para apanhar os *sous* que lhes atiram. N'outro ponto

ao som das castanholas de ferro e dos bombos echoando n'um batuque que me recorda o dos nossos arraiaes minhotos, um grupo de berbéres dança em contorsões freneticas, como agitados de *delirium-tremens*, n'um bailado epileptico que os desarticula sob os alburnozes torvelinhantes, batendo o sólo com as enormes babuchas amarellas, os dentes brancos de carnivoros reluzindo no riso boçal das faces bronzeadas. Arpejando uma guitarra tosca de pelle de cabra e cordas de arame, um *santão* de barba branca, com esgares de idiota, coxeia como um gnomo goyesco, por entre os grupos.

N'uma barraca mais ampla, orlada d'um rodapé de azulejos e esteirada de côres vivas, é o café mouro, onde as parisienses, sacudidas por risos histericos, coqueteiam á volta das mezas baixas, com os bellos arabes trigueiros que as servem, sensualmente excitadas pela sua plastica viril e pelas suas pupilas aveludadas e languidas de animaes amorosos. Ha sobretudo um, grande, esculptural, adolescente ainda, que faz successo entre as semi-mundanas de Paris. Dizem-me que não tem já conta as suas conquistas. Nos dedos escuros reluzem-lhe anneis de brilhantes... E como os tziganos passaram de moda, desde o abandono do pobre Rigo, morto ha pouco tão miseravelmente n'um hospital de New-York, é bem provavel que alguma nova princeza de Caraman Chimay forneça em breve á chronica mais um dos escandalos sensacionaes, tão frequentes na vida elegante d'esta amavel Babilonia.

Depois do café, o *harem* é a grande *attraction* do aduar mouro, com a meia duzia de lubricas almeias, nos *kaftans* listrados de rosa e branco, de pés nús titilantes de argolas de prata e olhos de gazellas sublinhados a *khol*. Em ondulações de cobras, erguendo

nas mãos tingidas de *henna* um véu escarlate, avançando e volteando no estrado d'esse serralho de feira, os seus ageis corpos esculpturaes arqueiam-se nas torções obscenas das danças de ventre, ao som d'uma guítarra e d'uma d'essas gaitas de folles em cuja surdina monotona, tão desesperadamente triste, geme toda a melancholia fatalista da alma arabe.

Oh! essa desolada e barbara melopeia, que de recordações adormecidas ella faz resuscitar de repente no meu coração!

E só então, ao écco d'aquella musica irmã da que ha dois annos ouvi, na minha primeira noite de Tanger, no pequeno café mouro de Mohamed Sahtar, eu tenho emfim a sensação penetrante d'esse mysterioso Mogreb, para o qual me attrahe não sei que atavismo remoto, e cujo simples nome faz vibrar dentro em mim toda a nostalgia e todo o sonho da Raça que nos legou, no Fado, a sua herança immortal.

XVIII

Jean Lorrain

Sob a tristeza da chuva incessante, dardejada d'um céu de zinco, realisaram-se os funeraes de Jean Lorrain, que em paginas maravilhosas como esmaltes, tão extasiadamente celebrou o esplendor pagão do sol, a feéria dos mares de colbato, as auroras e os poentes flammejantés dos climas meridionaes.

Na egreja de Saint-Ferdinand des Ternes, a mais proxima do bairro aristocratico e calmo onde uma peritonite o matou n'uma casa de saude, longe da sua linda villa de Montboron, sobre o Mediterraneo — lá estava em torno do caixão negro emergindo da frescura viva das rosas e das orchideas que elle amou, o *Tout-Paris* das *premières* e dos enterros, todo esse futil e espectacular publico de artistas e de actrizes, de *snobs* e de *hetairas*, de janotas e de preciosas, de que elle revelou, melancholico analysta, as luxurias, as vesanias, as grotescas vaidades e as ulceras secretas.

Apesar da chuva e da lama, ninguem faltou d'essa sociedade que em vida o accusou da pratica ignobil de todas as perversões que contou nos capitulos bizarros e crueis do *Monsieur de Phocas* e do *Vice Errant*. E ao representar aquella comedia luctuosa de devotos sem

fê, quantos personagens vivos dos seus livros escondiam, sob a mascara da hypocrisia mundana, o rancor inextinguível contra o anatomista implacavel que durante vinte annos os caricaturou com tão amarga ironia, n'este monstruoso palco da vida parisiense!

Entre a multidão catholicamente vestida de preto que ao longo da avenida desfilou sob os guardas-chuvas gottejantes, atraz do seu carro, coberto de flôres como os dos alegres carnavaes de Nice que a sua penna prestigiosa de chronista descreveu, a unica dôr verdadeira era talvez a da velha viuva do armador de navios que ha cincoenta e um annos o deu á luz em Fécamp, a pequena cidade maritima da Normandia, onde Jean Lorrain quiz que o seu coração repousasse para sempre, na visinhança das ondas que com cantos de sercias embalaram os primeiros sonhos da sua infancia contemplativa, já enamorada da magia aventureira e chimerica das viagens.

Porque, desde os primeiros annos, esse filho de homens do mar, esse poeta de nascença, nostalgico e impulsivo como um barbaro, em cujas veias corria o sangue nomada dos ancestraes corsarios normandos, teve a imaginação ávida de novo e de imprevisto, a ancia da vida vagabunda que Baudelaire, o seu mestre favorito, definiu n'estes versos supremos:

Notre âme est un trois mats, cherchant son Icarie,
 Une voix retintit sur le pont «Ouvre l'oeil!»
 Une voix de la lune, ardente et folle, crie:
 «Amour... gloire... bonheur!...» Enfer! c'est un écueil!

As primeiras poesias de Paul Duval (que ao entrar nas letras tomou os pseudonymos de *Jean Lorrain* e de *Raitif de la Bretonne*), reunidas no *Sang des Dieux*,

na *Foret bleue*, nas *Modernités*, nas *Griseries* e na *Ombre ardente*, revelaram logo, no tumulto effervescente, na emoção inquieta, um temperamento intensamente pessoal e morbido, e a nota original d'esse atavismo de mareantes que depois se accentuou, mais definido ainda, na prosa singularmente colorida e imaginativa d'este artista que foi o mais allucinante evocador de lendas e de horisontes fabulosos, d'entre os modernos escriptores francezes.

Voluptuoso, requintado, brutal, perturbante, doentio, complicado e ao mesmo tempo ingenuo, pagão e místico, sensualmente apaixonado por tudo quanto lhe fizesse vibrar a imaginação de neurastenico, amando sobretudo o que o aterrassse («tenho o horror e a adoração das multidões», escrevia elle algures), Jean Lorrain é o mais complexo e estranho historiographo d'esta época de decadencia e de nevrose. Sob a influencia d'este meio mais que nenhum outro propicio para hiperestesiarem os nervos de um sensitivo, no seu temperamento conjugam-se as maiores antiteses e resurgem, afinadas, todas as paixões instinctivas d'um romano do tempo de Nero que fosse o Petronio meio ironico, meio encantado, das suas proprias perversões sexuaes e mentaes.

Em todos os typos estranhos e morbidos da sua obra, Woursof, Phocas, Mr. de Bougrelon, ha realmente um pouco da auto-biographia da sua alma, a revelação do estado latente que o fazia escrever, n'uma das suas paginas, citada por um dos seus criticos:

«Il y a quelque chose de pourri en moi, les rêves où je me plais m'epouvotent .. Oui, jè suis bien au bord du gouffre...» E um pouco mais adiante: «... j'ai gâché à plaisir ma vie en l'instrumentant au lieu de la vivre,

et les raffinements et les recherches du rare conduisent fatalement à la décomposition et au Néant.»

O publico, sempre em hostilidade contra aquelle que tão sem indulgencia dizia dos outros e de si mesmo o que ninguem se atreve a dizer em segredo, ampliou o sentido litterario d'essa confissão e fez do escriptor que o escandalisava com a sua sinceridade violenta o heroe monstruoso de todas as anomalias que fizeram, na hipocrita e puritana Inglaterra, encarcerar depois d'um processo de sensação e morrer ha pouco ao abandono, no isolamento da miseria, o genial doido que se chamou Oscar Wilde.

Como o auctor admiravel e paradoxal do *Retrato de Dorian Grey*, Jean Lorrain, a quem uma *vaudevillista* deu a alcunha deprimente d'*une des Trois dames de Paris* (os outros dois membros d'essa Trindade profana são um dos melhores poetas e um dos melhores actores de França); como Wilde, Lorrain é sobretudo accusado de ter descripto com demasiada complacencia certos vicios dos seus personagens.

O auctor dos *Coins de Byzance* foi, de facto, o pintor das excepções, das taras, das flôres de gangrena e de pezadelo, das orchideas verdes e roxas que desabrocham, como phosphorescencias de pantano, nos limbos da alma contemporanea. Mais que nenhum outro, elle foi o apaixonado historiador d'uma época e d'um meio em que resurgem, n'um esplendor de apotheose cynica, as abominações delirantes e os crimes luxuriosos da Roma imperial, de todos os poentes de civilisação e de todas as agonias de raças. Mas, por um contraste que explica a sua ascendencia de marinheiros, este chronista amavel, quasi sadico das *bas-fonds* e dos hospitaes, era ao mesmo tempo um dos mais effusi-

vos poetas da Natureza, do sol, das arvores e da alma rude e sadia da plebe.

Dir-se-hia que elle sentia a reacção dominante d'esse atavismo attrahil-o como uma força latente e mysteriosa para as sensações revigorantes da vida mascula, para a eterna mocidade fecunda do povo, a cujo contacto se depurava a sua imaginação doentia.

Como os grandes peccadores que a melancholia do deboche transforma por fim nos misticos mais castos; como D. Juan que depois d'uma vida tumultuosa de aventuras acabou na paz penitente d'um convento de Sevilha; Lorrain, fatigado da existencia exhaustiva d'este doido Paris em que a sua figura de *dandy* insolente tantas vezes pousou nas reuniões mundanas, com os dedos cheios de aneis raros e uma orchidea na lapella do *smoking* impecavel, abandonou um bello dia o bizarro gabinete de trabalho da sua casa d'Auteuil, todo decorado de rãs verdes, onde se realisavam, ás quinta-feiras, as famosas orgias litterarias que escandalisavam o burguez, e retirou-se definitivamente para o socego luminoso da Côte d'Azur, longe das intrigas e dos *menus* venenosos do *boulevard*.

E durante os ultimos annos em que a sua saude moral e physica parecia revigorar-se, a sua arte tomava uma nova orientação para uma belleza mais pura e commovidamente humana. O seu ultimo romance *Ellen*, que uma creança poderia ler, é a historia sentimental d'uma *miss* tysica que agonisa e morre, entre o calmo encantamento da paisagem d'Hyerès, depois d'um romanesco idyllo narrado em paginas tão misticamente lyricas como só as inspiraria a musa de Dante Rossetti, de Tennyson ou de Swinburne, n'uma prosa plas-

tica e ao mesmo tempo fluida, como os versos dos melhores poetas.

Porque exceptuando Gabriel d'Annunzio, nenhum estylista contemporaneo teve o dom e o poder de exprimir as coisas e as idéas n'uma fórma tão nervosa e rythmica, reflectindo as nuances nas vagas, crystalizando, em imagens perfectas, os aspectos mais cambiantes da natureza e as subtilezas mais secretas da sensibilidade e do instincto.

Do bizarro e atormentado artista que agora repousa finalmente ao embalo das vagas normandas, não fica talvez um d'esses grandes livros definitivos, completos, em que se immortalisa a gloria d'um nome; —mas no entanto, apêsar de fragmentaria, a sua obra attrahirá sempre a curiosidade das almas maravilhadas, como um kaleidoscopio colorido, fremente, lampejante, em que se reflectem os mil aspectos da vida contemporanea, com os seus vícios, as suas perversões, as suas nevroses, e toda a dolorosa melancholia das lagrimas sob as mascaras pintadas que as escondem.

XIX

Gensdelettres

N'esta semana consideravel e notoria, porque não viu nenhuma *première* e nenhum «*four*», os homens da moda são o rei de Cambodge, que com o seu serralho de pequenas dançarinas vestidas de seda e oiro, constelladas de pedrarias como idolos, está desvairando os convidados do Elyseu, e o poeta Abel Bonnard, a quem o seu recentê *prix de Rome* deu essa celebridade official e mundana que, se não equivale positivamente á gloria autentica, confere no emtanto aquelle gozo menos sublime, mas mais positivo e immediato, que o francez sempre apreciou entre todos — o da vaidade.

Em Portugal, ninguem conhece de certo este joven lyrico, ainda hontem egualmente anonymo em Paris. Mas de um dia para o outro, o seu livro de versos, *Familières*, vende-se aos milhares, não tanto para ser lido, mas para ser mostrado, bem em evidencia, sobre as mesas douradas dos *boudoirs* elegantes — como uma prova palpavel de que aquella que o comprou tem por todas as manifestações d'arte, seja um *vient-de-paraitre* do Lemerre, ou seja um novo anel do joalheiro Lali-que, o interesse pelo menos apparente, sem o qual não poderia ser considerada, n'este requintado meio parisiense, como uma verdadeira dama do mundo.

Assim, este nome ainda ha pouco obscuro, d'um moço poeta da provincia, é hoje pronunciado, em extase, pelas mais lindas bôccas femininas. A sua biographia, a cidade remota que teve a gloria de lhe ser berço, os seus gostos culinarios e as suas gravatas, são minuciosamente vasculhados e detalhados pelos chronistas dos jornaes mundanos. As revistas publicam-lhe o retrato na primeira pagina, emoldurado em prosas laudatorias em que a sua grenha emaranhada como a das vassouras chamadas de «cabeça de preto» é lisongeiramente comparada á de Sarah Bernhardt, á de Richepin e á de todos os cabelludos famosos da Poesia e do Theatro. Apresentado em toda a parte, elle é hoje aquelle a quem se quer, a quem se deve receber, a quem se deseja ter sido dos primeiros a conhecer e a «lançar». As velhas damas teeni para elle os seus sorrisos mais pintados; as novas recitam-lhe os seus versos; os maridos convidam-o a jantar; e já a Acadamia, como uma lidibinosa matrona avida de juventudes que a rejuvenesçam, começa a piscar-lhe o olho e a acenar-lhe languidamente com o seu leque feito de palmas de louro. Mostrado como um animal curioso, exposto como um biju humano, o futuro Immortal conquistou definitivamente, no Paris mundano que vae do aristocratico *boulevard* de Saint Germain até ao Ritz, essa situação prestigiosa e mais que nenhuma outra invejavel do *jeune homme à la mode*, que em Portugal escriptor algum, por mais gloriosa que seja a sua obra e por mais genuino que seja o seu genio, não alcança nunca. Porque a desoladora verdade é que para a nossa chamada «alta sociedade» a profissão de homem de letras é quasi tão humilhante como a de actor, e ter talento é peor ainda do que ter um vicio secreto. Logo

que alguém manifeste essa anomalia deprimente, começa immediatamente em torno do seu nome um círculo de desconfiança e de hostilidade — como se o artista fosse uma creatura á parte, uma «pessoa de maus costumes» vivendo uma existencia de bohemio e de vadio, feita de desregramentos e de escandalos. Escrever, em Portugal, é tornar-se suspeito. Fazer um livro é peor do que fazer uma letra falsa. Todo aquelle que destaque da espessa mediocridade normal, é logo isolado como um pestifero e odiado como um adversario perigoso. Ao contrario da parisiense, na nossa «sociedade elegante» ainda hoje é moda affirmar uma senhora com orgulhoso desprezo que não tem tempo para «leituras». D'uma certa menina imprevidente que teve o escandaloso desplante de se gabar de ter lido Zola, sei eu que ficou sem marido. Para a maioria das portuezas, esta desditosa palavra «litterato», quer dizer «maduro», ou «desavergonhado».

Todo aquelle que na nossa terra, sempre indifferente por tudo quanto não fôr burocratico ou mercantil, teve a má sina de nascer poeta e de se consagrar á carreira amarga das letras, sem a fortuna que dê a independencia do isolamento, ou sem ao menos um bom padrinho que lhe arranje um emprego, é o mais lastimavel dos pobres diabos. Não tem só deante de si a penuria; não o aguarda apenas o desdem: — acolhe-o tambem a calunnia. Todos os actos da sua vida, mesmo os mais triviaes nos outros, serão logo commentados, desvirtuados com azedume. Tudo n'elle será mal visto. Os seus amores serão escandalosos. Ao passo que as mulheres aquí procuram attrahil-o, e os salões mais mundanos lhe abrem de par em par as portas, os paes de familia portuezes, franzindo o sobr'olho austero,

repelem-n'o com o terror sagrado de que elle possa aspirar á mão preciosa das suas herdeiras. Na nossa patria de bachareis, o futuro só pertence aos que entram na politica e nunca aos que aspiram á gloria litteraria — que verdadeiramente não passa, entre nós, d'uma esteril gloria posthuma.

O privilegio augusto da intelligencia, superior nos paizes cultos ao do poder, do nascimento e do dinheiro, não existe realmente entre nós — senão nas metaphoras vãs dos necrologios. Durante a vida, os nossos homens de letras, para não morrer á fome, teem de se fazer empregados publicos ou jornalistas — o que é peor ainda. Porque viver do jornalismo é abdicar de todas as chimeras de futuro e de todas as ambições de fortuna n'um meio em que ninguem se importa com coisas d'arte e em que a collaboração litteraria é um luxo inutil que apenas pagam, Mecenas heroicos, os proprietarios de dois ou tres jornaes.

Aqui, os diarios de maior tiragem não se limitam á informação e á politica, e em cada numero fornecem á exigencia do grande publico, novellas, criticas e chronicas d'arte e de sciencia, firmadas pelos nomes mais em evidencia — porque o culto da intelligencia, em todas as suas expressões multiplas, é para este povo culto um dever amavel. Assim a França impõe-se como a primeira nação contemporanea, mais pelos seus artistas e pelos seus sabios, do que pelos seus politicos e pelos seus financeiros. «A historia do mundo — já o velho Carlyle dizia — é a biographia dos seus grandes homens.» E' pelo seu labor mental que um povo vive e se dignifica.

Não é só pela sua riqueza mercantil, pela sua actividade industrial que o gran de civilisação d'um paiz se

assignala, mas sobretudo pelas manifestações da sua intelligencia collectiva, pelas obras dos seus poetas, dos seus romancistas, dos seus musicos, dos seus pintores, dos seus dramaturgos, dos seus esculptores e homens de sciencia.

A frase de Michelet na sua carta a Anthero do Quental, a proposito das *Odes Modernas*: «Se Portugal possue mais dois ou tres homens como o auctor d'este livro, continua a ser um grande paiz vivo!» é d'uma amarga ironia se pensarmos que a memoria dos poetas como elle e dos romancistas como Camillo, ainda hoje esperam uma estatua que lhes relembre o genio.

E como o desprestigio de que em Portugal gosam os seus maiores escriptores avulta n'um contraste mais humilhante quando vêmos simples *novos* como este Abel Bonnard, ainda hontem ignorado e pobre entrarem de repente na celebridade e sentirem, em volta da sua primeira obra, essa atmosphaera de sympathias e de applausos, tão necessaria aos que luctam contra a duvida de si mesmos, n'esta dolorosa carreira das letras em que, se o publico soubesse em troca de quantas torturas de espirito e do corpo se chega a adquirir uma pequena voga, em vez de os invejar, teria dó d'elles. Mas ao menos, em França, o escriptor tem quasi sempre a compensação da notoriedade e da fortuna. E quantos dos que aqui triumpham são, no emtanto, bem inferiores pelo talento a alguns dos que em Portugal persistem ainda no heroismo inglorio de escrever livros.

Ainda ha pouco, ao folhear os dois ultimos volumes que o correio me trouxe de Portugal, *Jornadas no Minho*, de D. João de Castro, em cujas paginas me parece vêr espalhada toda a luz, toda a verdura, todo o es-

plendor azul d'esse pedaço maravilhoso da costa que vae da Povoia a Caminha, e a *Vida Etherea*, de Teixeira de Paschoaes, em que o mais alto sonho de belleza moral se crystalisa na pureza d'uma poesia que parece brotar do seio d'um monte, como uma nascente d'agua virgem — eu lastimava a má sina que os fez escrever n'uma terra onde ninguem lê, e comparava ao seu obscuro destino o d'essas afortunadas *Familières* do poeta Bonnard, que o Estado acaba de premiar com 3:000 francos, e que apesar de valerem incontestavelmente muito menos, estão sendo vendidas aos milhares — mesmo áquellas que os não lerão nunca, mas que em todo o caso os pagaram.

Em Portugal, quando por milagre apparece ainda alguem que leia um livro — não o compra, pede-o emprestado.

XX

A commemoração de Zola

Para celebrar a victoria tardia do direito, na longa campanha que durante oito annos desencadeou em França tantas cóleras implacaveis e tantas disputas virulentas, a Liga dos Direitos do Homem organisou no cemiterio de Montmartre uma manifestação junto do tumulo de Zola, o auctor do *J'accuse*, esse libello formidavel d'uma consciencia inteiramente dominada, até ao sacrificio, pelo culto augusto da Verdade.

Depois do nome de Dreyfus, nenhum outro foi mais arrastado pela lama do que o de Zola. Quando o seu prestigio attingira o mais alto brilho, sobre todo o mundo onde cada um dos seus livros, tirado n'um numero fabuloso de edições, representava uma fortuna; quando a gloria se unia á riqueza para lhe proporcionar todas as satisfações do orgulho a que o seu genio podia aspirar, depois de ter creado essa immensa epopeia do esforço humano em què, do odio ao amor e do vicio á bondade, se sintetisam todas as miserias e todas as paixões; quando, depois de animar com o seu sopro proteico a galeria extraordinaria de figuras que entrecruzam o espantoso pesadello das suas existencias n'esta segunda Comedia-Humana, os Rougon-Macquart, — parecia emfim que nada mais restava a

esse obreiro gigantesco das letras senão envelhecer em paz, na alegria sagrada do dever cumprido, todos se lembram ainda da sensação de espanto causado pela sua carta a Felix Faure, accusando com uma logica irreductivel toda a quadrilha agaloada que, sob o pretexto de salvar o Estado, condemnava um innocente.

Desde esse manifesto que produziu uma verdadeira revolução moral e que deu logar ao processo historico que só ha dias teve o epilogo, Zola foi em França o alvo de todas as injurias, de todos os ultrajes, de todas as calumnias. Nunca um Homem foi mais odiado pela Multidão.

Pois bem! De todos esses milhares de odios, de toda essa matilha de calumnias, que resta hoje? Em torno do seu tumulo, quem visse a turba recolhida que acclamava os oradores que saudavam a sua memoria, gritando «*Zola au Patheon!*», reconheceria talvez muitos dos que outr'ora vociferavam «*Zola a la Seine!*»

O tempo passou, com o seu tumulto vão de coleras e disputas. E todos os que põem a sua fé na virtude soberana do esforço consciente, tirarão uma lição augusta da nobre philosophia d'esta phrase com que Zola, ao voltar do exilio, em Inglaterra, respondia áquelles que se mostravam desanimados: «Só uma coisa vale n'este mundo, o trabalho. Fazer cada dia, conscienciosamente, a sua tarefa. O homem passa, a obra sobrevive. Não ha esforços inuteis.»

Devem, no entanto, os amigos da razão orgulhar-se por ver hoje todo esse rebanho pacifico, cujas ovelhas durante tanto tempo escutavam attentas as trombetas do nacionalismo, começar agora a escutar outros sons tão diversos?

Não; a multidão é sempre a mesma, na sua incons-

ciencia cega. Não é a verdade, não é a evidencia logica dos raciocinios que a dominam e dirigem. A sua affluencia á commemoração de Zola, deve ser apenas considerada, meramente, como um indicio favoravel, pelos idealistas que alli proclamavam a «agonia e a morte d'um mundo de iniquidade, de oppressão e de mentira».

No tempo em que o gesto heroico de Zola não agrupava em torno d'elle senão uma pequena minoria de vontades inabalaveis e de espiritos avidos de justiça, e em que no campo adverso se viam todas as forças officiaes, essa massa inerte fazia pender a balança, para o lado contrario. Mas, desde que começou a produzir-se esta nova oscillação, póde affirmar-se que a causa que a Liga dos Direitos do Homem defende tão ardentemente, estará em via de triumphar. Só quando as idéas teem por si o auxilio da força é que a multidão reverentemente as acolhe como verdades. O grande philosopho que era Zola, que tanto desdenhou a opinião das multidões a ponto de se pôr em lucta aberta contra ella, seria o primeiro a pensar, com aquella ironia transcendente que é a mais pura expressão da sabedoria, que se a roda da fortuna girasse, ellas de novo passariam para o lado da mentira, com a mesma ver-satilidade.

Os defensores da justiça e da razão colheram, de certo, no spectaculo d'esse publico reunido á volta do tumulto do apostolo dos *Evangelhos*, outros motivos mais confortantes de orgulho moral. Alguns dos que alli se encontravam, entre a massa anonyma, não eram d'aquelles a quem faz oscillar apenas o vento do successo. Essa *élite* era formada pelos representantes illustres da intellectualidade franceza, pelos seus mais

sabios sociologos, como Francis de Pressensé, pelos seus mais brilhantes artistas, como Anatole France, por todos os combatentes do periodo heroico e por todos aquelles que mais tarde foram impellidos, não pela força cega do instincto — mas pela força consciente da razão.

Quando o auctor admiravel da *Historia Contemporanea* — os quatro volumes d'uma fórma luminosa e d'um humorismo supremo em que o genio de Anatole France fez reviver todo o drama e toda a comedia d'essa campanha ardente — terminou o seu discurso lapidar, vi approximar-se d'elle e apertar-lhe a mão, silenciosamente, um homem magro e de lunetas, contra o qual um photographo, ao meu lado, assestou logo a machina, avidamente...

Alquebrado por uma velhice precoce, com os cabellos brancos, a cabeça vergada sob o peso de todas as dôres com que a crueldade implacavel do Destino pôde fulminar um homem, durante doze annos (doze annos cujos minutos ficaram gravados, na sua alma, em traços indeleveis como os d'um acido corrosivo sobre um metal cadente) esse homem vestido de preto e de chapéo alto, como um burguez qualquer, era o mesmo que na manhã de 5 de janeiro de 1895, com as algemas nos pulsos, diante das tropas formadas na parada da Escola Militar, viu arrancarem-lhe os galões da farda e quebrarem-lhe a espada — como a um traidor.

Ora, no momento em que Dreyfus cumprimentava Anatole France, aconteceu que as luvas que trazia dobradas n'uma das mãos lhe cahiram ao chão. E deu-se então um episodio aparentemente banal e fortuito — mas que me pareceu d'uma significação profunda.

Entre as pessoas que logo se curvaram para apanhar

as luvas cahidas, quiz a ironia do acaso que fosse um *sergent de ville* quem lh'as entregasse — depois de lhes espanar o pó, delicadamente, com o seu lenço.

Feito por outra pessoa qualquer, aquelle gesto não seria mais do que um mero acto de civilidade. Feito por um policia, pareceu-me servil — tão habituados estamos a ligar á idéa da força a da rudeza.

E mais do que todas as bellas phrases de Francis de Pressensé e de Anatole France, aquelle simples gesto de Javert provou-me, com a nitida e sobria eloquencia d'um facto, o triumpho definitivo do *dreyfusismo*.

XXI

A festa nacional

A dar credito aos jornaes da opposição, nunca a festa nacional em que a Republica commemora essa remota tomada da Bastilha, de que já ninguem se lembra, foi menos brilhante e de uma falta de enthusiasmo mais eloquente do que em 1906.

O leitor desprevenido, que se não recordar, com prudente scepticismo, de que a mentira constitue em todas as épocas (e sobretudo na actual) o bôte secreto mais usado nos duellos traiçoeiros da politica, ficaria ingenuamente convencido de que, com effeito, Paris emigrou em massa para o campo; que na vasta planicie de Longchamp as tropas evolucionaram deante das tribunas melancholicamente mudas e desertas; e que toda a cidade, sem luminarias e sem bandeiras, apresentou n'esta data de gloria tradicional, o aspecto taciturno e amuado d'uma manifestação unanime de protesto contra o governo nefasto que rehabilitou Dreyfus: — porque, apesar de todas as absolvições juridicas, Dreyfus continua sendo para o nacionalismo intransigente, o *sale juif*, o traidor abominavel e indisentivel.

Ao contrario, segundo a imprensa governamental, nunca Paris manifestou mais effusivamente o seu culto

pela Republica e nunca esta festa civica provocou á multidão um enthusiasmo mais ardente.

Ora a verdade é que o parisiense, n'este como nos outros annos, com o que menos se importa, é com a significação politica do 14 de Julho. Para a sua ancia de divertimentos, esta data illustre é apenas um pretexto — como o Carnaval ou a *Mi-Carême*. Sempre que se lhe offereça um espectáculo gratuito, seja um cortejo do Boi Gordo, ou seja uma revista militar, não deixa de concorrer com o mesmo ardor e a mesma curiosidade. Ponham-lhe uma musica n'um coreto, á volta do qual possa dançar á vontade; accendam-lhe lamparinas e queimem-lhe foguetes n'uma praça, e logo elle acorrerá, alegre e espontaneamente, sem indagar se o empresario da festa é o sr. Clemenceau, ministro do Interior, ou o sr. Marcel Habert, paladino da Liga Patriotica.

Além d'isso, nenhum povo mais puerilmente do que este adora as fardas e os penachos. Contemplar um bello regimento marchando em cadencia, ao som da *Marselheza* ou da *Sambre-et-Meuse*, com generaes emplumados e estandartes tremulando, é para os francezes, a quem a humilhação das derrotas sangrentas não fez esquecer a apothese das victorias napoleonicas, o espectáculo entre todos preferido, aquelle em que mais intensamente vibra a aspiração latente da *revanche* e mais vivamente acorda o instincto atavico d'este povo tantos seculos dominado pelo prestigio heroico da Força.

Assim, desde madrugada, dos mais afastados *fau-bourgs*, Paris affluu a Longchamps, para assistir á grande revista, que é incontestavelmente a nota mais emocionante, o *clou* da festa nacional.

Desde as sete horas, sob um céu de bruma em que

se adensavam nuvens de chumbo, mais de duzentas mil pessoas invadiram, n'uma maré remoinhante e rumorosa, as avenidas do Bois de Bologne que convergem ao hyppodromo, aberto como um lago verde claro entre a espessura frondosa dos frescos arvoredos circulares. Houve mesmo familias inteiras, com as creanças e as creadas, que acamparam sob as arvores, durante a noite, para occuparem os melhores logares. E toda aquella multidão animada e colorida, com as manchas claras dos vestidos de verão destacando na claridade fôsea da athmosphera humida, formava um quadro pittoresco ao campo de manobras em que as tropas, immoveis ainda, se enfileiravam em tres longas linhas parallelas. No fundo sombrio do bosque, que a nevoa matinal esfumava, os relampagos pallidos das bayonetas e das espadas luziam, no primeiro plano, sobre a massa compacta da infantaria, negra e vermelha. Para além, os clarões brancos dos capacetes e das couraças dos cavalleiros, chammas agudas de lanças, fluctuações de flammulas, os reflexos azulados das peças da artilharia. E, como a nota mais viva d'esta symphonia de côres, cuja crueza a bruma attenuava, o pelotão decorativo do estado-maior, com a scintillação d'ouro e prata das agulhetas e das dragonas, a ondulação variegada das plumas e dos penachos, e a diversidade theatral dos uniformes dos addidos estrangeiros, entre os quaes resahiam os *dolmans* escarlâtes dos inglezes, o azul claro dos allemães e dos russos, os cocares verdes e amarellos dos austriacos e italianos, os tons mais escuros dos hespanhoes, dos japonezes e dos portuguezes, o *kaki* côr de mustarda do norte-americano e os alamares doirados dos officiaes do Brazil e das republicas da America do Sul.

No recinto da pesagem, enquanto o espectáculo não começava, o publico entreteinha-se a binocular as *toilettes* das damas, entre as quaes se notava, esbelta e loira, d'uma elegancia um pouco exaggerada de norte-americana, a filha do presidente dos Estados-Unidos, a «princeza Alice», como lhe chamam as parisienses, e as fardas reluzentes dos diplomatas que iam apparecendo na tribuna presidencial, sob o velum de velludo purpura, bordado a oiro.

Enfatuados e hirtos, como a fealdade grotesca de todos esses senhores da *carrière* resaltava, sob a luz sarcastica do dia, mais patente no contraste violento dos oiros, dos bordados, das insignias e das medalhas que lhes recamavam as casacas de pavões! E como deante d'essas caras encarquilhadas, d'essas calvicies senis, de toda essa galeria disforme de manequins empertigados, se evocava a nobre e viril belleza das figuras dos gentishomens d'outros seculos, immortalisadas nos quadros de Velasquez e de Van Dyck!

De repente, um movimento de curiosidade, palmas, gritos: «*Vive le roi! vive le roi!*» Uma manifestação realista?!... Não. Era apenas o rei do Cambodge que fazia a sua entrada, seguido pelos seus filhos, pelos seus ministros e pelas damas do seu serralho, n'um cortejo carnavalesco de operetta.

Com um sorriso boçal e comico de orangotango mostrando-lhe os dentes alvos na mascara côr de café; um espantoso chapéu, pontegudo como um pagode, sobre a cabeça; trajando um casibeque todo ás escamas doiradas que lhe dava um ar de lagarto da cinta para cima, e um *sampoot* roxo, estrellados de prata, que para baixo da cinta lhe dava um ar de *clown*, o illustre Sisowath, com o *grand cordon* da legião de honra

a tiracólo, accenava á multidão que o applaudia, como n'um circo, com as grossas mãos aperreadas nas luvas de pellica branca. Tinha mais a apparencia d'um saltimbanco monarcha. Mas pouco importava! Os janotas e as serigaitas das tribunas cacarejavam, n'um delirio: «*Vive le roi! vive le roi!*», como se n'esse palhaço burlesco acclamassem a encarnação triumphal da Realeza exilada.

Tiros de peça. Toques de clarins. Rataplans de tambores. E a *daumont* azul do presidente da Republica e do ministro da guerra, tirada por duas parelhas negras que postilhões de cabelleira empoada e librés agaloadas d'oiro guiavam, surgiu na pista.

Ao som da *Marselheza*, da velha marcha heroica de Rouget de Lisle, que depois de ter exprimido a revolta e a ancia de liberdade dos opprimidos, foi lentamente perdendo a significação, até se transformar, n'este seculo pacato, no hymno pachorrento da Ordem e do Poder vigente — o sr. Fallières, seguido pelo estado-maior emplumado do general Dalstein, governador de Paris, tirou o seu chapéu alto ao Exercito. E nada mais frizante para exprimir as evoluções ironicas da historia, do que essas bandeiras e essas espadas orgulhosas, que simbolisavam a força, curvando-se em homenagem deante d'um velho burguez bonacheirão e obêso, educado no culto da Paz e da Lei...

Successivamente, os regimentos desfilarão, monotonos e compactos, de bayonetas erectas, saudados pelas palmas das mulheres a quem a vista do uniforme hypnotisa sempre, sejam creadas de servir ou granduquezas. E de subito, do mesmo grupo de janotas d'onde ha pouco tinham partido os clamores apotheticos de *Viva o Rei!*, á chegada de Sisowath, romperam

nivos, assobios, gritos estridulos de *Casserôlle! casse-
rôlle!* á passagem do general Percin, commandante da
7.^a divisão.

Uma senhora de *lorgnon* aggressivo a quem per-
guntei porque razão era assim apostrophado com uma
injuria tão culinaria aquelle velho militar, respondeu-
me n'um silvo severo: «*C'est parce qu'il a été mêlé a de
sales affaires!*»

Mas já as acclamações da multidão dominavam os
apupos hostis, n'um protesto ardente.

E emquanto, ao galope sonoro dos cavallos, n'uma
avalanche relampejante de espadas, de elmos e de ca-
pacetes brunidos, os couraceiros executavam a carga
final, que é a apothese theatral da Grande Revista,
eu meditava como a opinião das maiorias é uma ven-
toinha ligeira girando aos ventos mais desencontra-
dos, e como este versatil Paris que ha annos apedrejou
as vidraças de Zola, será o mesmo que amanhã accla-
mará a sua memoria, por ter sido um dos primeiros a
erguer a voz em defeza de Dreyfus, quando toda a
França rastejava, escravizada e passiva, sob o dominio
omnipotente do Sabre.

XXII

O Theatro da Natureza

Viuvo desde julho a setembro, dos duzentos mil parisienses que nas praias á moda ou nas estações thermaes, sob o falacioso pretexto de curar hypotheticas neurasthenias, jogam, flirtam e valsam n'essas horriveis estufas pomposamente denominadas *Kursaals* e *Casinos*, Paris tem á noite o aspecto d'uma cidade invadida por um exercito de Cooks que se aborrecem em silencio, emborcando *bocks* taciturnos nas *terrasses* do Boulevard.

Desde a ultima Exposição, nunca se viu em Paris uma affluencia tal de estrangeiros. Por toda a parte, nos restaurantes, nos museus, nas ruas, nos *omnibus*, chocam os nossos ouvidos os accentos de todas as linguas: e mais que nunca do que n'este ardente mez de agosto, os *garçons* de cafés precisaram de ser verdadeiros poliglotas para comprehenderem toda essa multidão cosmopolita e sequiosa. Um dos pacientes beneditinos modernos que fazem historia com numeros, dava outro dia, n'um jornal, a estatistica dos viajantes americanos transportados pelos grandes transatlanticos desde o primeiro de abril até ao fim de julho — 118:726, isto é, mais 8:868 do que no anno passado. Accrescentem-se os que, por mar e por terra, de todas as partes

do planeta aqui acorrem, cada dia, e ver-se-ha que Paris continúa a exercer sobre a alma das creaturas de todas as raças a fascinação dominante que a imperial Roma exerceu no velho mundo.

Entretanto, a cidade do Prazer merece bem pouco este nome prestigioso n'esta época em que os seus melhores theatros estão fechados e desertos os seus centros de vida artistica e mundana.

Apenas se conservam abertos os *music halls*, como o *Marigny*, os *Ambassadeurs*, o *Jardim de Paris* e o *Alcazar*, que entre a verdura dos Campos Elyseos, estrellada de globos electricos, todas as noites attrahem com as suas cançonetas picantes e as suas *gommeuses* decotadas até á cintura e arregaçadas até ás ligas, um publico mais ávido de luxuaria do que de arte.

Os que sentem a nostalgia de emoções estheticas mais puras, teem de ir procural-as fóra de Paris, nos vastos hemicyclos ao ar livre, entre o decor incomparavel do céu e dos arvoredos verdejantes, como o do *Theatre Antique de la Nature*, em Champigny, onde ultimamente foi levado á scena um drama em que se affirma, com brilho, o talento de um Novo, ainda ha pouco ignorado, que, dado o exito da sua estreia, parece destinado a sahir, com nobre destaque, do anonymato em que formilham as aspirações impacientes de tantos milhares de plunitivos, mais sofregos de *direitos de auctores* do que de gloria.

Em Portugal são desconhecidas estas representações ao ar livre, no scenario augusto da natureza, e que aqui em França já ha alguns annos estão sendo tão concorridas por um publico ávido de vibrar nas commoções nobres da grande arte.

De proporções grandiosas, estes palcos exigem, mais que os dos outros theatros, assumptos heroicos que elevem as almas e as orientem para as mais puras concepções moraes, dramas breves, mas d'um profundo symbolismo, em que da lucta das paixões e da evocação do passado historico ou legendario, derive eloquentemente o triumpho dos mais luminosos ideaes humanos. Assim, o Theatro da Natureza é de facto uma grande escola da vida, um campo de acção das idéas renovadoras que devem guiar as consciencias e inspirar ás multidões a religião da verdade e da belleza. N'esse quadro natural, a comprehensão é evidentemente mais facil e a emoção mais directa; as figuras movem-se com mais humanidade; a acção desenrola-se com uma sequencia mais logica, sem o cunho artificial das mutações de bastidores, dos mil *trucs* scenographicos que, por mais sabia que seja a decoração, prejudicam sempre, no espirito do espectador reflectido, a sensação de *verosimilhança* que é a condição essencial para o effeito dominante d'uma obra dramatica.

Foram estas impressões que me fizeram certamente ouvir com um prazer tão completo o bello drama de Charles Meré, *A Hydra*.

Pela poderosa intensidade das paixões e dos caracteres, pela eloquencia da fôrma e pelo ardente sopro poetico que anima o movimento das suas scenas, que por vezes attingem o pathetico do velho theatro grego, *A Hydra* é uma verdadeira tragedia social.

A acção decorre na antiga e legendaria Carthago que evocou o genio de Flaubert nas paginas prodigiosas da *Salambô*. Derrotados em Nole pelos romanos, que como uma avalanche de ruina e de devastação, cada dia se vão approximando mais das muralhas da cidade, os

carthaginezes revoltam-se contra o seu rei. Durante as guerras punicas, por morte de Hiéron, o poder passára para Hieronymo, inapto para sustentar nas mãos debeis do moço, corrompido por todos os vicios da sua raça, o sceptro d'um povo indisciplinado e violento, que depois de o ter aclamado como um salvador o accusa de todas as derrotas.

Na cidade investida reina o panico e a desordem; nas praças, a população ebria de sangue e de vinho, prepara-se para saquear as casas dos ricos. E Messala, a irmã do rei, que aspira ao throno, querendo aproveitar-se da situação, incita o general Hartemidoro a matar Hieronymo. Mas é um desconhecido, um bôbo das ruas, personagem enygmatico que se improvisou tribuno e que impoz a sua vontade ao povo, quem assassina o moço rei. Gigantesco como um deus das velhas religiões, este truão que encarna todas as aspirações da plebe, traz na alma obscura e sublime as mais nobres chimeras: destruir o orgulho dos grandes e fundar na sua patria redimida o reino da verdade e da justiça. Sob a inspiração da sua voz de dictador, as condições humilhantes dos romanos são repellidas, as coragens reanimam-se, o sentimento do dever e da honra exaltam-se na alma da multidão.

Mas, na sombra, Messala intriga e conspira a favor de Roma, contra a Republica nova d'essa desejada Carthago que ella quer dominar como rainha. Pouco a pouco, entre os demagogos, começam as invejas contra aquelle que por um instante conseguiu salvar a patria. E já o povo, na sua volubilidade e na sua inconsciencia eterna, o accusa de querer fazer-se rei.

«Queres ser o senhor da multidão, dizia um dia Archimedes ao dictador de Syracusa, e não és mais que

o seu escravo... Este tyrano de mil bôccas decretará a tua morte no dia em que não pudeses já divertil-o.»

Desilludido, o dictador de Carthago comprehende a vaidade dos seus sonhos humanitarios e, para satisfazer a plebe faminta, acceita o ouro que lhe traz Kilon, o escravo liberto de que elle fizera o seu ajudante, e que a princeza Messala subornara.

Entretanto, Marcellus, o general dos romanos, desesperando de conquistar a cidade pela força, resolve-se a empregar a astucia. O dictador e Hartemidoro sustentam o ardor dos combatentes no forte Euryale, a chave de Carthago. Messala tenta seduzil-os; mas em vez de dominar o dictador sente-se bruscamente dominada pela paixão por esse gigante heroico. Já a traição se propaga entre o exercito cartaginéz, corrompido nas orgias pelo oiro da princeza. Desvairados de ciume e de odio, Hartemidoro e o dictador vão bater-se por ella. Mas eis que as trombetas romanas, sob as muralhas, annunciam a victoria. Esquecendo momentaneamente os seus rancores, os dois tentam concentrar os fugitivos e organizar a resistencia na cidade. O povo, preferindo a vergonha da derrota ás privações do cerco, não lhes obedece. Marcellus procura arrancar ao dictador os segredos dos emmissarios syracusanos, e como elle se recuse a trahir a patria, é atado ao pé da tribuna — e aquelle que tanto fizera pela liberdade, expia os seus sonhos de justiça e o seu amor pelos homens, que agora o injuram e o lapidam.

Messala, que será rainha com o auxilio de Marcellus, aproxima-se d'elle, e n'uma scena de emoção intensa, recorda-lhe o seu amor. O antigo jogral das ruas repelle-a. Mas, para que a sua alma heroica não seja vencida pela dôr, nas torturas a que vae ser submet-

tido, e para que os seus labios que tanto a beijaram não possam trahir os segredos de Carthago, pede-lhe, em nome do seu amor, que com as suas brancas mãos cheias de aneis lhe crave no coração o punhal de oiro que traz á cinta.

E assim, n'um supremo grito de paixão e de morte, termina esta tragedia d'uma sobriedade grandiosa como a do theatro antigo, mas em que vibra uma emoção mais nobre do que nas complicadas e eroticas *fumisteries* em que os dramaturgos francezes mais em evidencia nos dão da complexa existencia contemporanea uma idéa tão mesquinha e tão falsa.

XXIII

Condecorações

Um dos acontecimentos mais commentados recentemente na imprensa parisiense, é a promoção das mulheres á Legião de Honra. As novas legionarias foram propostas pelo actual ministro da Instrucção Publica — o que equivale a dizer que seriam condecoradas como personalidades em evidencia em qualquer dos generos da Arte.

Os nomes designados são os da condessa de Greffulhe, que brilhantemente tem affirmado o seu talento musical, o de Madame Marcelle Tinayre, a romancista admiravel de *La Maison du Péché* e de *La Rebelle*, o da Condessa de Noailles, cujas obras de tão original encanto, pelo saboroso mixto de artificio e de ingenuidade que as caracterisam, conquistaram um logar culminante entre as dos primeiros escriptores contemporaneos, e o de Sarah Benhardt, a actriz suprema que por todos os palcos do mundo tem revelado, entre as ovações e o extase das almas subjugadas pelo seu talento incomparavel, as creações mais perfectas do genio francez.

Não é sobre o valor das quatro candidatas á gloria official que as opiniões divergem, mas sobre o facto de que as mulheres sejam condecoradas — como os ho-

mens. E o mais curioso é que não são os homens, mas as mulheres que mais desfavoravelmente commentam o projecto de Mr. Briand.

N'um artigo que ha pouco expunha as opiniões femininas sobre este assumpto d'um tão vivo interesse para os francezes — porque em nenhuma nação são mais apreciadas do que n'esta democratica França, as honrarias e as medalhas — dizia-se que as obras de dedicação social deviam ser recompensadas de preferencia ás de character artistico.

Na direcção de varias empresas de beneficencia, numerosas mulheres assignalam com effeito, faculdades excepcionaes de administradoras, dignificando o seu sexo n'uma abnegação tanto mais sublime — por que permanece ignorada do mundo.

Mas não é precisamente no desdem d'essas veneras, que tantas ambições despertam á vaidade dos homens, que está o alto valor moral da sua obra!

Das quatro candidatas, apenas Sarah Bernhardt tem a idade requerida pela Chancellaria. Mas contra a sua candidatura levanta-se esta objecção: a de ser apenas uma actriz, d'um talento incontestavel, sem duvida, mas actriz. E' que para a austeridade d'esses catões burguezes que formam o conselho da ordem da Legião de Honra, a profissão de actriz continúa a ser ainda, n'esta época sem preconceitos, a da mulher á parte, sem laços que a liguem á sociedade, vivendo uma existencia escandalosa e amoral. Pouco importa que muitas d'ellas vivam e affectem mesmo viver tão burguezmente como as suas camaradas de Inglaterra e dos Estados Unidos, as quaes, pela sua honestidade modelar encontram a cada momento esposos entre os membros mais nobres do *peerage* ou da alta finança, e

passam dos palcos para os salões, entre as homenagens reverentes d'uma sociedade incomparavelmente mais puritana do que esta.

Nada mais infundado, com effeito, do que essa lenda que faz vêr na ligeireza das suas *toilettes* de scena a revelação evidente da ligeireza dos seus costumes. Em geral, a verdadeira actriz é casta — fóra do palco. Algumas, mesmo, são mães de familia exemplares, e muito longe de se entregarem á vertigem allucinante das voluptuosidades magnificas, das prodigalidades romanticas d'essa vida illusoria da scena, á luz préstigiiosa dos bastidores, são na sua vida intima cordatas e economicas *menagères* de *robe de chambre*, cheias de tedio e de dispesias.

De resto, a actriz do nosso tempo, em que a critica é tão exigente e a concorrência tão aspera, tem menos vagar que as d'outr'ora para pensar em aventuras sentimentaes. Nenhuma profissão absorve mais vitalidade e dá mais a aspiração irrealisavel do repouso do que a dos artistas.

Se, como affirmava Mr. Prudhomme, a ociosidade é a mãe de todos os vicios, a vida d'uma Sarah ou d'uma Barthelet, inteiramente occupada, durante o dia, com o ensaio, o estudo dos papeis e das *toilettes*, e á noite, com as representações, póde ser observada impunemente pelos moralistas mais intransigentes — porque, á maneira d'aquelle banqueiro americano da *Princesa de Bagdad*, que não tinha tempo para mentir, ellas não teem tempo para escandalisar o mundo.

E', entretanto, a legenda das suas excetricidades, e não o facto de não ser nem professora do Conservatorio nem societaria da *Comédie-Française* — que não passa d'um pretexto — a verdadeira razão da recusa

do Conselho da Ordem ao desejos expressos pelo governo.

N'um ardente e brilhante artigo publicado no *Journal*, Catulle Mendés advogou a causa de Sarah com entusiasmo eloquente, e n'outros jornaes, outros escriptores a defenderam nobremente. Mas a recusa subsistiu. E' a segunda vez que se fala em a condecorar e que, á ultima hora, é negada a consagração nacional que deve coroar a carreira artistica da grande tragica, que é hoje uma das mais authenticas glorias da França.

Não basta que ella apresente os documentos vivos e luminosos do seu genio, é preciso que mostre tambem um attestado de bom comportamento — como uma creada de servir. Para ser condecorada, necessitava ter tido, não esse passado de paixão que lhe exaltou a sensibilidade e lhe fecundou o cerebro, mas o d'uma burguezinha de provincia, educada no culto da ordem e da virtude — como se os artistas não deixassem de o ser, realmente, se tivessem da vida a concepção mesquinha e estreita de toda a gente.

Dir-se-hia que a este Conselho da nobre Ordem que se recusou a confirmar a nomeação de Sarah, preside, com os seus olhos fumados de beato falso, esse pittoresco senador Béranger — que é a encarnação contemporanea do *Tartufo* de Molière.

XXIV

A estatua de Dumas filho

Tres horas da tarde. Na praça Malesherbes, emergindo como um oasis discreto de verdura e sombra entre as duas longas avenidas dardejadas pelo sol faiscante, agglomera-se n'uma impaciencia mal contida por policias de luva branca o *Tout-Paris-badaud*, que não falta a um enterro de sensação ou a uma inauguração de estatua — os dois espectaculòs favoritos d'este povo para o qual um dos maiores attractivos é contemplar as suas celebridades, todas essas creaturas de excepção que, pelo talento authenticico ou pela voga ephemera, conservam ainda, n'esta época democratica, o prestigio romanesco e o privilegio raro d'uma aristocracia á parte.

Dos automoveis trepidantes e dos *landaus* de luxo, cujas portinholas batem com estrepido insolente, apeiam-se mostrando as meias de seda entre o turbilhão de espuma dos *dessous* de rendas, damas do mundo e do semi-mundo, em *toilettes* claras, maquilhadas e floridas como para uma *matinée*.

Na grande tribuna descoberta, verde e oiro, que as folhas em cocar das palmeiras e massiços azues e roséos de hortencias decoram, o sol aviva as manchas colori-

das das umbrellas abertas e dos immensos chapéus da última moda, equilibrados como açafates de rosas e de plumas, sobre os altos *chignons* em cascata, que dão ás elegantes d'este verão o ar das marquezinhas futeis e preciosas das tellas de Watteau e de Lancret. Ao seu lado, sentados nos bancos estofados de carmezim, des-tôam n'um contraste de mau gosto as manchas pretas das sobrecasacas mal talhadas — porque em França, os homens celebres vestem deploravelmente. Ao fundo das escadas tapetadas, junto da mesa coberta com um panno de velludo já coçado pelo uso de tantas exhibições identicas, quatro guardas municipaes, com os capacetes de oiro empennachados de vermelho e a excentricidade vistosa do seu uniforme de operetta, perfilam-se na pompa hirta das póses marciaes.

Em torno do monumento velado ainda por um panno branco, como uma surpresa, o enxame innumeravel dos photographos, de machinas assestadas, espera.

No circulo dos curiosos que se apinham á volta da praça, ha impaciencias, empurrões, protestos. As damas coquetteiam, com risinhos impertinentes, e como n'um intervallo do *Vaudeville*, flirtam para matar o tempo, n'este scenario de comedia intellectual e mundana. *Reporters* apontam os nomes de todo esse publico de assignatura que veiu menos para honrar a memoria do ironista implacavel do *Demi-Monde* do que para ser visto. Com um grande manto sobre os hombros de estatua, Mademoiselle Bartet faz uma entrada theatral, entre um sussurro de curiosidade.

De repente, um novo murmurio, um movimento na multidão:

— *Les voilà, les Immortels! les voilà!...*

Rebate falso... São apenas quatro ou cinco empre-

gados de banco que a turba confundiu com os academicos, pela analogia dos seus chapéus de bicos.

Na verdade, o espectáculo vae-se demorando. Esses senhores do Instituto de França fazem-se esperar com mais insolencia do que os seus collegas da *Comédie Française!*

O sol arde. Sobre as faces transpirantes tremula a palpação viva dos leques. Da avenida, onde as campainhas estridulas dos *tramways* retinem, vem a espaços o echo dos pregões vibrando no ar parado, em que nem a mais leve aragem arripia a folhagem empoeirada dos castanheiros densos e dos altos platanos. No passeio, uma velha de touca bretã apregôa limonadas...

Mas eil-os emfim! Empertigados nas casacas bordadas de verde acido, como papagaios, com espadins inoffensivos batendo-lhes as pernas claudicantes, os Immortaes desfilam em bicha, tomam os seus logares nos *fauteuils* da primeira fila. Na crueza ironica da luz que lhes revêla as rugas da pelle pergaminhada de velhice, dir-se-hia uma exposição imprevista e comica das figuras de cera do Museu Grévin! Hirtos, em *pose* diante das machinas dos photographos, mas com o ar de nem sequer as verem, como todos esses geniaes fantoches teem o ar duro de bonzos, o desdenhoso olympismo de manipansos das Letras, apesar d'esse sorriso permanente e immovel, como o das baillarinas, com que correspondem aos cumprimentos das «preciosas ridiculas» que diante d'elles se curvam em salamaleks servis.

Palmas . Do outro lado da praça, um velhote de *frack* rapado e de côco triste, puxa o cordel que prende o envolvero do monumento. E, na crua e nitida alvura

do marmore esculpido pelo cinzel de René de Saint-Marceaux, destaca emfim na rutilancia d'ouro do sol que a nimba, a figura poderosa do Mestre ainda hoje sem par do theatro moderno.

Envolto na ampla blusa de trabalho, sentado n'um banco de pedra, Dumas filho ergue a cabeça severa n'uma attitude a um tempo de força tranquilla e de contemplação commovida, como se escutasse as vozes dolorosas e inspiradoras das quatro mulheres que gravitam, n'um grupo symbolico de todas as emoções femininas, em torno do pedestal da estatua. Uma d'ellas, encarnando a maternidade e o abandono, levanta para o defensor das humilhadas, o filhinho nú. Ontra, mensageira florida da primavera, tem nas mãos erguidas um ramo de rosas e na bôcca desabrôchante, como ellas, o sorriso luminoso da adolescencia. Na attitude melancholica e romantica da renuncia, Maria Duplessis desfolha as suas camélias nos dedos exangues de tysica amorosa. Esvoaçante na clamide que o gesto de perdão dos braços estendidos abre n'um movimento de azas angelicas, a ultima figura parece unir o abandono, a esperança e o sacrificio das suas tres irmãs de marmore no mesmo culto de gratidão adorante por aquelle que soube amal-as, evocal-as e eternisal-as no Theatro e no Remance.

Aos pés do Mestre, jaz a mascara de Thalia, da Musa inspiradora das verdades novas a que o seu genio deu voz. E na mão que gravou em paginas impereciveis os seus pensamentos de moralista, tem o estylete acerado que, mais que uma penna, foi um bisturi de anatomista do coração humano, até ás suas fibras mais intimas. Entre ramos de louro, os titulos da longa obra que imortalisa a sua gloria estão gravados na outra face da

columna. E no ultimo dos tres degraus em que ella se apoia, esta simples inscripção:

ALEXANDRE DUMAS

SOUVENIR D'UN AMI

E os discursos começam, esses infindaveis discursos que tanto tedio inspiravam ao ironista das *Idéas de Madame Aubray*, que ao morrer os prohibiu sobre o tumulto e pediu que as ceremonias do seu enterro se realisassem n'um silencio humilde. Elle mesmo não pronunciou senão dois durante toda a sua vida: o primeiro, á beira da cova da actriz Aimée Desclée, a interprete admiravel das suas creações, que sentiu por Dumas uma paixão romanesca a que elle só correspondeu com uma amizade casta: e o segundo, obrigatorio, no acto da sua recepção academica.

Entretanto, na assistencia espectante, — chius! . . . tosses abafadas delicadamente nos lenços. . . — todos os surdos rumores do publico que se prepara para saborear, com regalo, nobres imagens e adjectivos solemnes.

— Mr. Henry Roujon! annuncia o mestre de ceremonias.

E um cavalheiro de bigode encalamistrado á Napoleão III n'uma physionomia burocratica de chefe de repartição attencioso, com seu attestado de bom comportamento no trapo vermelho da Legião de Honra que lhe condecora a casaca mal feita, pousa com devoção o chapéu alto sobre o tapete velho da mesa, tira do bolso um rôlo branco e, voltado para Sua Excellencia o sub-secretario d'Estado das Bellas Artes, que o encara

n'um sorriso protector, começa a ler, com o ar modesto e facil de quem o não fez, o discurso de Victorien Sardou, a quem a operação d'um anthraz impossibilitou de o pronunciar, em pessoa.

N'um paralelo rhetorico e scenographico, segundo os preceitos classicos do bom Quintiliano, o tremendo melodramaturgo da *Tosca*, confronta as obras dos dois Dumas, na litteratura franceza.

—Dumas pae recusa se a vêr do presente tudo quanto possa entristecel-o. Não se importa com o futuro. Do passado nada mais conhece além dos seus aspectos legendarios, pittorescos e amenos... Dumas filho ignora e desdenha o passado. A sua preocupação constante é o futuro, o que o interessa apenas no presente são as suas tristezas e os seus problemas perturbantes... Um dissuade nos de pensar. O outro incita-nos e obriga-nos a pensar. O pae é todo invenção e imaginação. O filho é todo observação e reflexão. As unicas coisas que considera realmente dignas de interesse são os factos ao seu alcance..

Lentamente, com pausas reverentes, n'uma voz monotona e diligente, o illustre maçador continúa sempre, voltado para Sua Excellencia — emquanto ao longo da avenida os *tramways* deslisam nos *rails* estri-dentes.

Na luz fulva do sol, que tons terrosos de caveira teem alguns d'esses Immortaes! Um, velhissimo, todo calvo, pequenino, catracego, tem o ar demasiado attento de quem não ouve uma palavra. Recostado no alto espaldar vermelho, lembra uma mumia n'um sarcophago, veneravel reliquia!... De sobrecasaca condecorada (está claro!), seu collete de setim sarapintado de pintinhas roxas, François Copéc agita nos dedos en-